ANO 24.º SÁBADO, 23 DE DEZEMBRO DE 1944 N.º 7932

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SÁ
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

(Ilustração de Carlos Botelho)

NATAL

por Julio Dantas

Há quem considere o Natal a festa, por excelência, da criança. Com efeito, é a imagem da criança que se glorifica no Jesu bambino, *expressão do que de mais belo, de mais terno e de mais risonho produziu a história das religiões. O Natal significa a adoração do berço, mistério da vida que começa, flôr do sentimento que balbucia. O homem, que sempre se obstinou em criar os deuses á sua semelhança, pensou, desta vez, no filho que lhe sorria, e iluminou a «Lenda Áurea» com a graça do menino Jesus. A divindade floriu num botão de rosa, aberto, não na opulência e no esplendor, mas (para que a inocência surgisse em tôda a sua pureza) na simplicidade e na humildade. Alfa da existência, primeiro lume da candeia da Vida, síntese da perfeição inicial e da candura integral,—a criança é a figura central do quadro, e perante ela se curva, em adoração, a humanidade católica.*

Outros, porém, vêem no Natal, não a festa do Filho, mas a da Mãe; não a apoteose da Criança, mas a da Mulher. Para êles, tôda a sublime intenção da Natividade está na Virgem, tôrre ebúrnea, madre inviolada, «donna alta ed umile»—*disse o grande Florentino—, cujos sagrados flancos representam a glória divina e humana de criar. O recém-nascido significa a vaga generalidade da criança; a Virgem puêrpera, a particularidade de determinada Mulher, que o programa iconográfico medieval nos mostra sentada majestosamente num trôno gótico, para que o Mundo cristão adore nela a maternidade sem pecado, a beleza sem culpa e a vida sem mácula. O Natal traduz a genuflexão do Mundo perante a graça feminina, na suprema exaltação de tôdas as virtudes da Mãe do homem, de todo o poder gerador e vitalizador do seio materno, fonte da ternura humana. Os teólogos, associando paradoxalmente a virgindade e a maternidade, a pureza e a concepção, a fôrça germinal e a graça espiritual, criaram um simbolo eterno; os artistas corporizaram-no na imagem da Madona-Eva (como lhe chamou Castiglione), divinização da feminilidade,* supra-summum *da formosura, milagre da natureza.*

Seja, entretanto, a festa da criança ou a festa da Mulher—como quiserem—, o que o Natal não é, com certeza, é a festa do homem. Nêsse mistério de incomparável beleza, o

JULIO DANTAS

(Continua na 15.ª pag.)

Aviões americanos atacaram hoje objectivos do Reich

LONDRES, 23—O Q. G. norte-americano anunciou que as fôrças aéreas americanas atacaram objectivos no ocidente da Alemanha, hoje ao meio dia.—(R.).

Os bombardeamentos da R. A. F.

LONDRES, 23 — O comunicado do Ministério do Ar diz que, na ultima noite, bombardeiros da R. A. F. «Lancasters» e «Halifaxs» atacaram os parques ferroviários de Coblenza e Bingen. Êste ataque foi feito com apoio de caças do Comando de Bombardeiros. Foram abatidos 6 aparelhos inimigos. Faltam 3 dos nossos.—(Reuter).

O Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas

Saint Vith, Stavelot e Malmedy

continuam em poder das tropas aliadas

LONDRES, 23.—Comunicado do S. Q. G. A., em Paris: «As fôrças aliadas no sector de Monschau continuam empenhadas em luta local, sem mudança apreciável de posições. Na vizinhança de Hafen, o inimigo ganhou pouco terreno. Não foram feitas mais tentativas pelo inimigo de romper na área de Stavelot e a ameaça alemã na direcção do norte tem estado temporáriamente limitada ás áreas de Saint Vith, Stavelot e Malmedy. Estas três cidades estão nas nossas mãos. O avanço inimigo que flanqueou Bastogne do norte, alcançou Laroche. Continua a luta neste sector. A ameaça mais importante está a ser feita pelo inimigo na área de Wiltz-Bastogne. Wiltz foi cercada pelo inimigo, que está a avançar depois da luta na cidade. As divisões blindadas alemãs continuam o seu avanço para cortar as estradas ao norte, sul e leste de Bastogne, ao passo que uma parte dessa fôrça ultrapassou Bastogne e continuou para oeste. Na área de Echternach, foi estabilizada a linha de combate. O inimigo foi contido nas áreas de Dickweiler, Osweiler e Berdord, a oeste e sul de Echternach.

No sector a leste de Sarreguemines, ocupámos Uttweiler. A actividade na planicie da Alsácia esteve em geral reduzida a combates de patrulhas. Conseguimos ganhar mais terreno nos Altos Vosges ao sul de Lapoutroie, onde limpámos a aldeia de La Chapelle.

A continuação do mau tempo ontem, impediu que o pêso do nosso poder aéreo fôsse lançado sôbre as concentrações de tropas inimigas e depósitos de abastecimentos; mas, os nossos caças e caças bombardeiros levaram a efeito patrulhas ofensivas em apoio das nossas tropas de terra. Os nossos caças bombardeiros atacaram as concentrações de tropas inimigas e transportes ferroviários no Vale do Alto Reno. A leste de Freiburg, foram abatidos seis aparelhos inimigos pela nossa aviação atacante. De acôrdo com os relatos até agora recebidos, faltam destas operações quatro dos nossos caças, tendo-se salvo o piloto de um dêles. Logo depois do sol posto, ontem os nossos caças bombardeiros atacaram os parques ferroviários em Coblenz e Bingen.—(Reuter).

400 paraquedistas alemães postos fora de acção na Bélgica

PARIS, 23.—As autoridades militares francesas informam que, ontem, as brigadas aliadas especiais, que operam na Bélgica, aniquilaram e prenderam mais de 400 soldados paraquedistas alemães dos lançados na vespera, durante a noite, á retaguarda das linhas americanas. A noite passada, foram lançadas mais tropas paraquedistas germanicas em vários pontos da Bélgica.—(U. P.).

Os tanques alemães encontram-se a 56 kms. da fronteira do seu país

LONDRES, 23.—Anuncia-se oficialmente no S. Q. G. A., em Paris, que os tanques alemães atingiram a area de Saint Hubert, 24 quilómetros a oeste

(Continua na 8.ª pag.)

A nossa subscrição para o Socorro de Inverno

Com destino á subscrição do «Diario de Lisboa», integrada no plano do Socorro de Inverno, recebemos mais os seguintes donativos: 50$00, de J. P. C., o que, acrescentado ao total que ontem referimos, perfaz 7.450 escudos.

A LOTARIA DO NATAL

OS 6.000 CONTOS COUBERAM ao n.º 728, que foi vendido em Lisboa e os 1.000 contos ao n.º 11.934

Um funcionário da Misericórdia, no meio da multidão, ergue a tabuleta onde estão inscritos os três algarismos da sorte!

(Lêr noticia na 3.ª pag.)

Vida desportiva

FUTEBOL

Torneio de reservas e 2.as categorias

No desejo de manter em actividade os jogadores da reserva e 2.ª categoria, resolveu a direcção da A. F. L. realizar um torneio de categorias reservas, para os clubes da I e II Divisões, na base do regulamento da época passada, dotado com a «Taça Carlos Sobral», e um torneio de segundas categorias para os mesmos clubes, com taça ainda a designar, dependendo, porém, a realização dêste ultimo torneio do numero de inscrições recebidas.

Campeonato distrital de juniores

A direcção da A. F. L. deu o nome de «José Simões» á taça atribuida ao campeonato distrital de juniores em homenagem ao falecido jogador do Belenenses e tendo em atenção o exemplo que constitue para os jovens jogadores a circunstancia daquele ter sido um jogador de classe internacional, que durante toda a sua vida apenas envergou a camisola de um clube.

A reserva do Belenenses na Trafaria

Amanhã, ás 15 horas, a reserva do Belenenses defronta a categoria de honra do Trafaria F. C.

HANDBALL

O encontro entre lisboetas e madrilenos

A Associação de Handball de Lisboa tem desenvolvido os maiores esforços no sentido de conseguir a melhor organização do encontro entre as selecções das capitais dos dois países ibéricos.

Acácio Rosa, o activo propagandista do handball e nosso camarada de Imprensa, é o selecionador. Sabemos que a sua acção se tem feito sentir fortemente entre os jogadores seleccionados, especialmente no que se refere á preparação ginástica dos seleccionados, que entregou ao prof. Fernando Pereira.

Bem merece, pois, a Associação de Handball de Lisboa que o público da capital se interesse pela organização projectada—só possivel pela muita dedicação dos dirigentes lisboetas e pelo carinho e entuziasmo dos jogadores portugueses.

A selecção madrilena chegará a Lisboa na madrugada do próximo dia 29, acompanhada dum inspector do desporto do país vizinho.

Para maior grandeza do encontro, a que assistirá o sr. director geral dos Desportos, Educação Física e Saude Escolar, vão ser convidadas altas entidades oficiais dos dois países, e prepara-se, também, a mais carinhosa recepção aos jogadores espanhois. O «Diario de Lisboa», nos dias seguintes, dará todas as informações que ao público possam interessar.

HOCKEY EM CAMPO

Torneio de abertura

Para o torneio de abertura (taça «João Cruz») a Associação de hockey em campo marcou para amanhã os seguintes jogos: Belenenses-Hockey, ás 9 horas; Benfica-Atlético, ás 11, ambos nas Salésias.

António Maria Lopes

O realizador de uma grande obra de turismo

em proveito da Nação

ANTONIO MARIA LOPES

Os nomes dos grandes industriais, dos homens de acção e iniciativa, que acertam o passo da sua vida pelo do progresso da Nação em que trabalham e para quem trabalham, pertencem ao dominio publico, á hierarquia dos valores sociais dum povo, representando, como superior indice, o seu desenvolvimento e progresso.

Tal é o caso de António Maria Lopes. Ao seu nome anda ligado o nome do nosso turismo. A sua acção em terras portuguesas tem sido duma rara profundidade e amplitude, tocando vários sectores do nosso meio industrial e do nosso próprio clima social. Caracter temperado e fortalecido pela luta diária de quem anima e realiza obras notáveis e de enorme repercussão; espirito culto e capaz de reagir a qualquer manifestação de progresso e iniciativa; uma rara capacidade de organizador e administrador; sabendo orientar e concretizar os sonhos mais altos e dispares; António Maria Lopes, nêstes ultimos anos, tem remodelado profundamente o nosso problema hoteleiro, ponto vital do turismo e da vida social portuguesa.

As suas realizações falam por si. Erguem-se, elas próprias, á nossa admiração e no conceito publico. Existem e valem. Não necessitam, portanto, de quaisquer elogios descabidos e superfluos—tão avessos a homens da envergadura e tempera de António Maria Lopes. Olhemos, por momentos, o que vale êsse magnifico Grande Hotel do Porto, sem duvida o primeiro do norte do país; o cosmopolita e elegantissimo Vitória-Hotel, sumptuoso ponto de partida para uma obra ainda mais grandiosa, que, logo que as circunstancias o permitam, será prontamente iniciada; o modelar Hotel Atlantico, do Monte Estoril, exemplo flagrante do sentido turistico e iniciativa do grande industrial, e que, ainda recentemente, sofreu importantes transformações.

António Maria Lopes, consciente do seu lugar na primeira fila dos grandes realizadores do Portugal de hoje, hoteleiro numero um do nosso país, não se limita—e a expressão aqui tem o seu quê de paradoxal—a orientar e a dirigir êsses seus hoteis, dos melhores de toda a Peninsula. O seu nome está ainda ligado ás empresas proprietarias do antigo e famoso Avenida Palace, de Lisboa, e do monumento raro que é o Grande Hotel das Termas do Luso.

A industria hoteleira portuguesa, o nosso turismo que—de dia para dia—mais necessita de progredir e de se consolidar—contam em António Maria Lopes um dos seus mais solidos pilares.

Mas a sua actividade não pára. A chave do segredo do seu exito tem um nome: trabalho. A ele acrescentemos, trabalho e iniciativa, visão das coisas, profundo conhecimento do meio e do mundo, ciência humana, perfeita consciência do que representa o meio industrial e turistico no desenvolvimento firme do país.

A sua actividade não pára, de facto. A outras realizações dá o seu nome, a sua capacidade administrativa, o seu valor pessoal. A vida portuguesa conta, portanto, no grande hoteleiro e homem de acção, como um dos seus valores mais altos.

Milhares de pessoas, trabalhando nas suas empresas, dependem do seu trabalho proprio de orientador e administrador.

O proprio Estado já publicamente reconheceu o muito que tem valido a obra notavel de Antonio Maria Lopes. A alta comenda que lhe foi concedida representa a voz de toda a Nação portuguesa.

Tira-se destas curtas linhas uma magnifica lição. A lição daqueles que sabem vencer na vida á custa das suas próprias mãos. A lição daqueles que, vencendo sempre, não esquecem o prestigio dum país, a sua economia, o seu turismo, as suas alavancas de progresso e desenvolvimento.

Grande português e patriota, António Maria Lopes tem na sua vida largos e gratos momentos de inteira dedicação pela Nação portuguesa.

TEATROS E CINEMAS

No Variedades reaparece hoje

a companhia Maria Matos com a «Velha Rabugenta»

Erico Braga

Em duas sessões, ás 20 e 45 e ás 22 e 45, reaparece hoje no Variedades a companhia Maria Matos, com a comedia popular de retumbante exito «A Velha Rabugenta», em que a grande actriz Maria Matos, ao lado de Erico Braga, Maria Helena, Filomena Lima, Vital dos Santos, Carlos Baptista e João Perry, que interpretam brilhantemente os principais papeis, tem uma das suas mais notaveis e vibrantes criações artisticas. A comedia «A Velha Rabugenta» representar-se-á tambem em «matinée» e em duas sessões á noite, amanhã, domingo, e na segunda-feira, dia de Natal. A companhia Maria Matos apresenta a seguir o primeiro original português da temporada, a comedia em 3 actos de Fernando Santos e Almeida Amaral, «A Pobreza Envergonhada», com Maria Matos e Erico Braga nos principais papeis.

O Maria Vitória inaugura hoje

a sua temporada de revista com a «Marcha de Lisboa»

Anita Costa

E' hoje sábado, 23, que em duas sessões, ás 20 e 45 e ás 22 e 45, o teatro Maria Vitória inaugura, sensacionalmente, a sua temporada de revista, com «A Marcha de Lisboa», revista em 2 actos e 23 quadros, original de Alberto Barbosa, José Galhardo, Fernando Santos e Almeida Amaral, com musica dos maestros Raul Ferrão e Carlos Dias. A revista «A Marcha de Lisboa» vai ser interpretada por todo o grande elenco do Maria Vitória, á frente do qual se encontram os queridos e populares artistas Mirita Casimiro e Vasco Santana, Armando Machado, Maria Salomé, Mariamelia, Maria Fernanda, João Pio, Octavio Bramão, João Guerra, etc. e trinta girls. Na revista «A Marcha de Lisboa», há ainda a assinalar a estreia verdadeiramente sensacional de duas grandes atracções internacionais; a brilhante estrela de baile Anita Costa, que pela primeira vez se apresenta em teatro, e os famosos bailarinos espanhois «Trio Velazquez». «A Marcha de Lisboa» representa-se amanhã, domingo, e na segunda-feira, dia de Natal, em «matinée», ás 16 horas, e á noite em duas sessões.

O arrojo dos domadores de leões, esta notie no Coliseu. A «matinée» de ámanhã e a tradicional «Matinée» do Natal, na segunda-feira, com a Grande Companhia de Circo

Com o publico vibrando de entusiasmo até ao delirio, prosseguem no Coliseu os espectáculos sem igual da Grande Companhia de Circo. Momentos incomparaveis de encanto, de gargalhada e de fortes emoções. Uma senhora e um homem arriscando-se a meter um braço e a cabeça entre os dentes de ferozes leões. Seis trapezistas a grande altura, formando um só numero, movimentado e extraordinário de audacia. A levitação e outras inexplicaveis experiências de magia por um ilusionista português. Uma infinidade de surpresas em numeros que maravilham todo o publico. Rir e rir com os palhaços.

Amanhã (domingo): «matinée». Segunda-feira, 25: a imponente «Matinée» do Natal, a melhor festa infantil desta quadra.

(Lêr noticiario teatral na 15.ª pag.)

«Revista de Artilharia»

Para constituirem a comissão executiva da «Revista de Artelharia», para o próximo ano, foram eleitos em assembleia geral os srs. general Barros Rodrigues, coroneis França Dória, Braz de Oliveira e Vasco Rodrigues; tenentes-coroneis Edmundo Padesca, Oscar de Freitas e Luciano Alves; major Costa Malheiro, capitães Gentil Beça e Aureliano Gomes; e tenentes Daciano de Barros e Carlos Vicente, como efectivos; brigadeiro Eduardo da Costa Ferreira, coroneis José Guerreiro de Andrade e Baptista de Carvalho; tenentes-coroneis Pina Cabral e Ricardo Durão; e capitães Tassara Machado e Oliveira Pinto.

PARA OS NOSSOS POBRES

A favor duma pobre mulher a cuja situação de miséria nos referimos há dias, recebemos da sr.ª D. Elvira Faria Machado a quantia de 50$00, que agradecemos em nome da contemplada.

DE LUTO

João Lopes Possolo

Na sua residencia, rua Alexandre Herculano, 26, 5.º, faleceu o sr. João Lopes Possolo, de 76 anos, viuvo, natural de Abrantes, antigo professor de educação fisica, pai do sr. Manuel Socorro Possolo. O funeral, a cargo da agencia Barata, realiza-se amanhã, ás 11 horas, para jazigo no cemiterio dos Prazeres.

Luiz Garcia Van-Zeller

Após prolongado sofrimento, faleceu esta noite o sr. Luiz Garcia Van-Zeller, antigo comerciante. O extinto, que era padrasto do nosso colega da Imprensa sr. Bourbon e Menezes, deixa viuva e duas filhas. O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 11 e 30, da residencia do falecido, rua de S. Mamede (ao Caldas), 43, 2.º, para o cemitério do Alto de S. João.

D. Emilia Faria Cabral

Faleceu em Seia a sr.ª D. Emilia Faria Cabral, mãe da sr.ª D. Alice Faria Cabral Pereira e dos srs. Maximiano Faria Cabral e José Orlando Faria Cabral e irmã da sr.ª D. Luciana Faria Cabral.

José Eugénio Torres Pereira de Miranda

Faleceu o sr. José Eugénio Torres Pereira de Miranda, de 41 anos, natural de Lisboa, antigo empregado de livraria. O seu funeral realiza-se amanhã, ás 9 horas e 30, da casa mortuária do hospital de S. José para o cemitério de Benfica.

O 105

Saiu agora este numero de

A ESFERA

Sempre assuntos da maior actualidade e de grande sensação

UMA REVISTA EUROPEIA PARA EUROPEUS. LEIA NÊSTE NUMERO AS GRANDES REPORTAGENS DO MOMENTO INTERNACIONAL: — O AUXILIO DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA A' POPULAÇÃO DE VARSOVIA — ESTA GUERRA DE MERCADORES — O OCASO DE UMA GRANDE POTENCIA — AS NOVAS ARMAS ALEMÃS — CRONICA DE NOVA YORK — A ALEMANHA NÃO PERDE A GUERRA — COSTUMES DE NATAL NA ALEMANHA — PANORAMA INTERNACIONAL — CRONICA DA QUINZENA e as habituais secções de livros, desportiva, feminina, charadas e xadrez, etc.

A ESFERA vende-se em todo o País ao preço de 1$50. Pedidos á rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

Máquina de calcular

FACIT

Apenas 10 teclas

Soc. Com. Luso-Americana, Ld.ª

LISBOA—R. da Prata, 145

PORTO—R. Sá da Bandeira, 339

O «Diario de Lisboa» vende-se em Cuba (Alentejo) na casa do sr. Manuel Ascensão Horta.

PORTO SANTHIAGO

Agente no sul do País

A. SERRA CAMPOS FERREIRA

R. António Maria Cardoso. 27—Lisboa

Telef. 28949

EDITORIAL AVIZ

SELECCIONE a sua LEITURA

R. da Trindade 20, 2.º—Lisboa.

O caso Deruga, Ricarda Huch	15$00
Dulcinéa, Carlos Selvagem ...	12$50
Pepita Ximenes, João Valera	15$00
Roberto Hoch, Hellmuth Unger	15$00
A morte de Camões, Luiz Tieck	15$00
O vaso de ouro, Hoffman... ...	12$50
RAÇA, Ruy Corrêa Leite.....	15$00

EDITORIAL AVIZ

UM LIVRO é o melhor BRINDE

R. da Trindade 20, 2.º—Lisboa.

Loja da América

APRESENTA

as ultimas novidades em malhas, tecidos p.ª lingerie e meias

R. DO OURO, 208

JOHN-BAR (antigo Rosa Araújo) R. S. Nicolau, 48 TELEFONE 26092

— DANCING —

BORDADOS e **ALTA COSTURA**

Rua dos Sapateiros, 139, 3.º D.

Tel. 2 3754

Foram conferidos os prémios do Salão de Inverno

O juri de classificação dos trabalhos expostos no «Salão de Inverno» da Sociedade Nacional de Belas Artes atribuiu as seguintes distinções honorificas:

Aguarela—1.ª medalha, João Marques; 2.ª medalha, D. Berta Borges, D. Maria José de Portugal e Melo e Mario Salvador; 3.ª medalha. D. Vera Bordallo Pinheiro, José Antonio Marques e João Tavares; Menção honrosa, Mateus Costa, Arnaldo de Figueiredo, D. Maria Flores, D. Alice Manarte e Eduardo Plácido dos Santos.

Desenho—1.ª medalha, D. Maria Adelaide de Lima Cruz; 2.ª medalha, João Rodrigues Alves e José Ribeiro; menção honrosa, Joaquim Gomes Mirão.

Pastel—2.ª medalha, Pedro Guedes e Narciso de Morais; 3.ª medalha, Samora Barros e Antonio da Assunção Sampaio; Menção honrosa, D. Dulce Mariano e D. Rosa Maria H. B. M. Sobral Cid.

Gravura—Medalha de honra, Luiz Ortigão Burnay; 1.ª medalha, Renato de Araujo.

Guache—3.ª medalha, Joaquim Fernandes, D. Zulcides Saraiva e Leonel Cardoso.

Caricatura—Menção honrosa, Nuno Alves de San-Payo.

O Socorro de Inverno na província

AVEIRO, 22.—A comissão distrital da organização de trabalho feminino a favor do Socorro de Inverno ficou constituida pelas sr.as D. Mariana de Almeida Azevedo, D. Margarida Cirne de Castro. D. Fernanda Faria Sampaio, D. Maria da Luz Sacchetti, D. Maria Amelia Vás Pinto, D. Emilia Rocha e D. Elvira Maria Candida. Esta comissão foi encarregada de nomear as comissões concelhias em todo o distrito.

No Governo Civil têm sido recebidos importantes donativos de várias empresas comerciais e industriais e, pelo cofre de assistência daquela entidade, foram já distribuidos, pelas comissões concelhias do Socorro de Inverno, 41 contos, sendo 25 para os sinistrados de Espinho.

MARVÃO, 22.—O governador civil do distrito, sr. dr. Afonso Salavisa, visitou esta vila, para tratar da organização do Socorro de Inverno. Numa reunião, com grande representação de todo o concelho, o sr. presidente da Camara apresentou saudações ao chefe do distrito, que agradeceu a recepção que lhe foi feita e traçou as linhas gerais da acção a empreender para dar execução ao plano estabelecido pelo Govêrno.

CASTELO BRANCO, 21.—O chefe do distrito e o presidente da Camara, juntamente com a comissão concelhia do Socorro de Inverno, trabalham activamente na recolha de donativos. Depois da reunião dos representantes de tôdas as freguesias do concelho, o chefe do distrito, expôs os fins desta humanitária cruzada, á lavoura e ao comércio, reunidos para êsse fim no edificio do Govêrno Civil. No primeiro dia, foram recebidos donativos no montante de cem contos.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provável amanhã, em Portugal, segundo previsão do Serviço Meteorologico do Exercito:

NORTE—Ceu encobrindo-se progressivamente por E; vento fresco NNE; mais tarde, algumas quedas de neve, nas montanhas.

CENTRO e SUL—Ceu coberto em quasi todas as regiões; chuvas em alguns pontos e neve nas montanhas do interior; vento E fresco e por vezes muito fresco.

Temperaturas extremas de hoje em Lisboa, segundo os registos do Observatório Infante D. Luiz: *máxima, 12º,9; minima, 7º.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 14º,4; minima, 10º,9.*

A LOTARIA DO NATAL

O jôgo desta lotaria teve grande procura, mas á ultima hora apareceu ainda em certa quantidade nas mãos de vendedores. Na Misericordia e nos cambistas já desaparecera tudo. Os premios eram 7.472, no total de 19.500 contos.

Presidiu á extracção, que provocou uma enchente, o sr. João Isaac Monteiro, chefe da repartição da lotaria, com a assistencia do representante da autoridade administrativa, sr. dr. Manuel Dias Ferreira, e tendo como secretários os funcionarios superiores da Misericordia, srs. Antonio Garcia do Vale e Antonio Costa. Representantes do publico, os srs. Pedro do Souto Amado e João de Assunção.

Junto da esfera metálica dos numeros—com 30.000 bolas de madeira—o sr. Mario Moreira; e da dos prémios—com 273 bolas—o sr. Manuel Dias Afonso.

O primeiro numero a sair foi o 7537, a que coube o prémio de 10 contos.

A's 12 e 14, saíram os 500 contos do 3.º prémio ao 8875, um bilhete certo do Banco Português do Atlantico, do Porto.

A's 12 e 30 Manuel Ferreira passou a apregoar os numeros e Americo dos Reis os prémios. Nesta altura apareceu a uma janela que fica sobre a mesa da presidência o provedor da Misericordia, sr. dr. Mario Pais de Sousa.

A's 12 e 40, quando faltavam apenas sessenta bolas dos prémios, saiu o segundo—1.000 contos— ao n.º 11934, da Casa da Sorte, como toda a dezena.

Os 6.000 contos sairam ás 12 e 49 ao 728, numero certo da casa Testa, da rua do Arsenal, 77, há mais de 60 anos.

Havia apenas vinte e duas bolas na esfera dos prémios.

O espectaculo terminára.

A sorte grande foi vendida inteira para uma firma de Lisboa

Há dias, chegou á Casa Testa, na rua do Arsenal, o motorista José Marques da Cunha. Ia comprar um bilhete para a casa onde é empregado, a firma Eugénio Gonzalez & C.ª, estabelecida na rua dos Bacalhoeiros, com comercio de azeites. O sr. Cunha olhou a montra, onde só havia bilhetes inteiros com cinco algarismos e um de três, o 728. Os numeros de cinco algarismos não lhe agradaram, porque eram todos muito parecidos uns com os outros. E o sr. Cunha decidiu-se pelo 728. Foi a sua hora feliz.

O bilhete foi dividido em duas partes: metade para os dois donos da casa, e o resto dividido entre os 16 empregados daquele escritório da firma, com participações diferentes. A cada um, porém, deve ter cabido o melhor de trezentos contos.

A-pesar de ser um numero feio, o 728 foi procurado, afanosamente, por determinada pessoa, que não o encontrou. Ninguem tinha fé nêle—e, a-final, deu o melhor peru no ano—e bem recheado!

O quarto prémio, cujo numero foi o 735, com o prémio de 50 contos, foi todo vendido em decimos pela feliz Casa Travassos, da rua da Palma, 43, e pela Casa Travassos, Ld.ª, Rossio, 42, onde é sempre numero certo.

A Tabacaria Madrid, da rua da Misericordia, 115, vendeu muito jôgo com bons prémios.

Grande parte do 2.º prémio foi para Santarem

SANTAREM, 23.—(Pelo telefone).—O 2.º prémio da lotaria de hoje, que coube ao número 11.934, veio, em grande parte para esta região, onde lavra grande e justificada alegria. Parte do bilhete, que foi vendido em Lisboa pela Casa da Sorte, veio para esta cidade, sendo distribuidas fracções, também, por Alpiarça e outras localidades. Cêrca de 50 pessoas foram contempladas com cautelas de 10 escudos, a que corresponderam prémios de dez contos.

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

NEGÓCIO DE FEIJÃO E FRUTOS—O sr. Augusto Varela, residente na rua Angola, 4, fez, há dias, uma transacção com dois individuos, dos quais só conhece um, cujo nome e morada indicou á Policia, os quais o burlaram em 20 contos num negócio de feijão e frutos, produtos stes que não tinham.

RECITA DE AMADORES

O grupo cénico do Instituto Pasteur de Lisboa promove esta noite, no Clube Estefania, uma récita, subindo á cena a celebre comédia «O Leão da Estrêla».

RETIRO DOS MARIALVAS

Emp. José Miguel & Irmão

R. DA BARROCA, 126 — Tel. 2 5676

Hoje, ás 21 H.:

MODESTO MAIA

Noemia Cristina, Domingos Silva, Modesto Maia, José Coelho, Alberto Cardia e o «A's» do humorismo Rogério Fernandes. ENTRADA 1$00.

AMANHÃ: Grandiosa «matinée» com 8 artistas. SEGUNDA-FEIRA: «Matinée» do Natal, com *Distribuição de Brinquedos* a todas as *crianças* acompanhadas de Sua *Familia,* pelo *Grupa de Beneficencia* os *Amigos do Fado* e que também apresentam as suas três *crianças protegidas,* as quais foram *Vestidas* pelo *Grupo.*

CAFE' LATINO

T. 62293 R. Ferreira Borges, 66

A's 21 horas: Isabel de Oliveira, Jaime Silva, José Coelho, Alberto Cardia, Armando Gonçalves, e o humorista Joaquim Cordeiro.

Amanhã e Segunda-Feira Dois Grandiosos Espectáculos. Terça-Feira, Noite da Moda com Olga França.

O PORTO pelo telefone

Desastre no trabalho

PORTO, 23.—Recolheu ao hospital da Misericordia o pedreiro José Dionisio Pinto, da rua do Meiral, que esta manhã deu uma queda de elevada altura numa obra da rua das Flores, pelo que sofreu graves ferimentos e lesões internas.

Desastre num circo

Esta madrugada recolheu ao hospital da Misericordia, a artista espanhola Gloria Garcia, porque, quando trabalhava num trapezio, no Palacio de Cristal, caiu, sofrendo fractura do iliaco e comoção cerebral.

Os Josés

A comissão organizadora convida todos os sócios e suas familias a assistirem ao 1.º Natal dos Josés, que terá lugar no próximo dia 25, pelas 15 horas, no Salão de Festas do «Século», gentilmente cedido pelo seu director, devendo fazer uso da palavra vários oradores.

Margarida Pereira

LUSO

Palácio de Roque

travessa da Queimada, 8-A

Carlos Ramos

Hoje, ás 21 e 30, atraente programa com *Margarida Pereira e Carlos Ramos;* além dêstes consagrados fadistas cantam: Judite Pinto, Natividade Pereira, Brigida Silva, Maria Loureiro, Fernando Madureira e Duarte Pais.

Amanhã, «matinée» ás 15 e 30, dedicada ás crianças. «Soirée» ás 21 e 30, com 10 artistas. Canções!... Recitativos!... Guitarradas!... Noite dedicada ás FAMILIAS

Pilotos suicidas japoneses atacaram um comboio aliado

LONDRES, 23—O comunicado do Q G. Imperial japonês informa que em três dias do mês de dezembro, alguns pilotos suicidas atacaram cinco transportes, um cruzador ou contratorpedeiro, danificando, também, um porta-aviões, nas águas ao largo de Mindoro e na ilha de Leyte e no mar de Solu.—(R.).

Comunicado de MacArthur

LONDRES, 23.—O comunicado do Q. G. do general MacArthur, na ilha de Leyte, diz: «Foram abatidos na ilha de Mindoro, nove aeroplanos japoneses. Na ilha de Leyte, a Divisão 77, está a avançar para oeste ao longo da estrada de Falonpon, estando agora 5 quilómetros para além do corredor de Ormoc. A propria cidade de Palonpon está agora debaixo do fogo da nossa artilharia. Continuam as operações de limpeza ao longo da linha de Yamashita. Foram encontrados no solo 1.545 cadaveres inimigos, durante o dia. As nossas fôrças aéreas dando apoio ás operações terrestres, auxiliaram muito na luta. As fôrças aéreas aliadas bombardearam aeródromos nas ilhas de Luzon e Visayas, assim como objectivos na ilha de Mindanao e refinarias de petróleo na de Borneo. Foi atacado pela aviação aliada, no mar da Banda, um comboio japonês, formado por dois barcos de carga, com escolta de contratorpedeiros. Foi afundado um barco de carga. As nossas patrulhas aéreas atacaram também quarteis na ilha de Flores e objectivos em Timor.—(Reuter).

Prisão de criminosos organizados nos arredores de Roma

LONDRES, 23—Astley Hawkins, correspondente especial da Reuter junto do Q. G. Aliado no Mediterraneo, telegrafa que o brigadeiro general Thoburn Brown, comandante da area militar de Roma, anunciou hoje que a policia militar aliada tinha cercado completamente quatro grupos separados de bandoleiros, soldados e civis, que têm andado a praticar crimes, nos últimos meses, na area de Roma. Acrescentou que tinha havido uma notável diminuição dos maiores crimes desde a prisão dos salteadores, responsáveis por um grande número de crimes, incluindo roubo á mão armada e falsificação de notas militares aliadas. Um dos bandos era formado sómente por soldados aliados, desertores e tinha vivido de assaltos nas estradas ao norte e ao sul de Roma.—(R.).

A FILHA DE FRANCO foi apresentada á sociedade

MADRID, 23.—A recepção dada no Palácio do Prado, na sexta-feira, á noite, para apresentação na sociedade de Carmen Franco, filha unica do general Franco, esteve muito concorrida. Viam-se entre os numerosos convidados os ministros espanhois.—(R.).

Um belga de Madrid ganhou 300 mil pesetas

MADRID, 23.—O dr. Albert Rober, subdito belga, residente em Madrid, tinha o numero 15.177, a que saiu o segundo prémio na grande lotaria do Natal. Tem direito a 300.000 pesetas.—(R.).

RÁDIO AMERICANA

Um discurso de Roosevelt

O presidente Roosevelt transmitirá ao mundo a sua mensagem de Natal na noite de amanhã, ás 21 e 15, por intermédio de todas as estações americanas de ondas curtas.

Também na vespera do Natal, ás 21 e 45, será emitido em português um programa especial, com Jorge Alves como locutor e musica especial do Natal.

No dia do Natal, ás 18 e 45, o notavel escritor brasileiro Erico Verissimo apresentará um programa especial denominado «O Natal na America».

Achado arqueologico e de ossadas humanas

COIMBRA, 23.—Pelo telefone).—Seguiram hoje para o lugar do Madrinhal, perto de Condeixa, os srs. drs. João Pereira Dias, director da Faculdade de Ciencias; Mario Sousa Brandão, professor da Faculdade de Letras; José Antunes Ferra, professor de Antropologia; Rocha Mandril, da Sociedade de Defesa, e José Domingos dos Santos, do Instituto de Antropologia, que foram proceder a estudos das galerias ali descobertas com varias ossadas e um bracelete a que se liga grande valor.

ESPELHO D'AGUA

Grande Restaurante — Bar-Dancing

Praça do Império — BELEM

Telef. 81-068

Almoços e Jantares - Concêrto a 35.00

Orquestra IBERIA

O mais selecto dancing de Lisboa

Amanhã:

Chá-Elegante

às 17 horas

Reserve a sua mesa para a noite de NATAL pelo telefone 81-068

MIAMI

O MAIS ELEGANTE E ANIMADO DANCING DE LISBOA

APRESENTA HOJE UM PROGRAMA GRANDIOSO

RIMA y sus 3 MACARENAS

famoso conjunto de baile espanhol

MARIAZENES — LISA VIOLETA

Duas jovens estrelas de baile

PYL Y MYL e seu Ballet

Oito formosas artistas

PEPITA RUIZ — GALATEA

Marina Harvey—Pilar Diaz — Milagrov Alderete — Julita Amorós— Maria Uriral — Pepita Solano — Maruja Fernandez — Lucy Moreno — Charito Fuertes

E A DINAMICA E ALEGRE ORQUESTRA

CARAVANA

com o cantor AMARAL LOPES

sob a direcção do maestro FRED—TRINCHER

350$

465$, 550$, 700$. Gabardines á Principe de Gales. Sobretudos, 280$, 400$, 490$, 700$. Samarras, 270$, 380$, 500$, 590$, 650$. Camurças de lã, 120$, 180$, 250$. Calças, 95$, 140$, 200$. Fatos 340$, 450$, 650$, etc. Feitios, 180$, 250$, 380$, 450$. Rua da Madalena, 202, 1.º. Tel. 2 0581.

ECOS

O guia italiano, Mateo Fiolti, ao atravessar, no monte Matterhorn, uma pista que conhecia há muito, por tê-la subido e descido dezenas de vezes, escorregou, despenhando-se na morte que foi instantanea. O nosso povo costuma dizer.

—«Em qualquer parte, se arrajam trabalhos».

Mateo Fiolti, alpinista consumado, familiazara-se tanto com o perigo e o risco que acabou por desconhecê-los.

Precisamente quando o seu destemor era já um habito, o azar, que sempre o espreitara, surpeendeu-o inesperadamente e colheu-o, como quando a aranha apanha a môsca apetecida e desprevenida. O guia incomparavel veio a ser vitima da sua confiança nos recursos da experiência.

Não é assim que os generais perdem ás vezes grandes batalhas?...

■

Pio XII fará amanhã uma alocução ao Sacro Colegio que deve ser radiodifundida. O chefe da Igreja Catolica vai com certeza relembrar algumas das puras verdades que estão no mundo, mas que faltam ao mundo.

A sua voz, mais alta que o clarim das batalhas, chegará ao coração dos fieis.

Como, porém, as paixões imperam e a violencia impõe a sua lei, o Evangelho, como se fosse velho e decrepito, ha de esperar que a luz se faça nas entranhas do mal e do odio.

■

Escreve-nos das Caldas da Rainha o sr. Vitor Manuel Correia, nosso estimado amigo, uma carta em que vem esta pregunta:

—«Não seria viável que o sr. ministro das Finanças autorisasse, por meio duma avença, a selagem das facturas?».

Parecendo que não, isto, caso a resposta fosse favoravel, teria muita importancia, pela economia de tempo e de trabalho. A concessão, facultativa ou obrigatoria, não acarretaria qualquer prejuizo para a fazenda nacional. Todos os secretarios de Finanças têm um registo do montante de cada casa referente ás suas transacções e por ele seria feito o calculo da sua avença, com o maior rigor. Salvo melhor opinião, o novo sistema vinha prestar um serviço e simplificar o movimento do comercio, evitando demoras que representam, no fim do ano, bastante esforços dispensaveis.

■

Maria Manuela escreve-nos uma cartinha em que faz esta timida e inocente pregunta:

—«E' verdade que Jesus nasceu num curral e que não tinha roupa para se vestir?».

Sim, Maria Manuela, é verdade. Jesus, filho de Deus e ele mesmo Deus, veio ao mundo para redimir a triste miseria—a do corpo, a da alma, a do espirito e a do coração. Deu um exemplo que durará por todos os seculos, ensinando ao egoismo, á soberba e á vaidade que ha outros caminhos na terra, além dos que percorrem a riqueza e o prazer, na sua febre de roubarem ao sol, guardando-a para si, a imensidade da luz e o calor que são de todos.

■

«O Natal Português» é o titulo dum livro que Vitorino Nemesio organizou e prefaciou, reunindo nele textos deg randes escritores portgueses que, em prosa ou verso, celebraram a data feliz do Nascimento de Jesus. Tem paginas encantadoras, canticos de limpida suavidade cristã que enternecem, afastando para longe visões amargas e sombrias. Quem tenha uma esperança no coração deve tê-lo para a espertar.

Automóveis de aluguer

ALUGAM-SE A 3$00 O QUILÓMETRO

RUA ANDRADE CORVO, 4 e 6

O pôrto do Pireu encontra-se completamente em poder dos inglêses

ATENAS, 23 — As tropas britanicas estão na posse completa do pôrto do Pireu, depois de terem infligido ás fôrças da ELAS grande numero de baixas nos combates travados ontem naquela região. Fizeram bastantes prisioneiros de elementos da ELAS e tomaram armamento e munições.

Nos ultimos dois dias as tropas britanicas, que operam na Grécia, receberam novos reforços de tropas e de material.—(U. P.).

A luta de ontem em Atenas

ATENAS, 23—Depois da luta que durou todo o dia, entre as fôrças da ELAS e tanques, ficou em chamas, ontem á noite, o edificio de seis andares que fica na rua do Pireu, que atravessa o bairro industrial de Atenas e segue até ao pôrto do Pireu. Os atiradores especiais da ELAS que mantiveram essa luta e foram limpos nesta área, tinham-se infiltrado nela durante a noite. Foram postos mais obstáculos de arame farpado através de muitas ruas que conduzem á área central de Atenas e continuam as medidas de segurança.—(R.).

Ultimo Natal da guerra —diz o «Times»

LONDRES, 23—Na véspera do sexto Natal de guerra, o «Times», em artigo de fundo, sob o título de «O ultimo Natal da guerra», diz: «Se as palavras que se podem dizer sôbre a Europa podem ainda ser usadas com razoável confiança, já não contém em si a segurança que parecia imperturbável há apenas quatro meses, no mais alto triunfo obtido pelo nosso avanço através do norte da França e da Bélgica. Então, parecia-nos, na verdade, que já não pudesse haver um outro Natal de guerra no ocidente. Essa esperança comprovou-se ilusória, e as ultimas semanas trouxeram-nos á lembrança quão difícil vai ser, para homens que gastaram anos no esforço da resistência, volver os seus espíritos dos caminhos da violência—pelos quais puderam manter a resistência—para caminhos e meios da razão, com confiança e cooperação. Foi projectado nêste fundo que a significação do Natal foi mais uma vez fundada».—(R.).

O comércio de Portugal com os Estados Unidos

NOVA YORK, 23. —O sr. Francisco Cortez Pinto, presidente da Associação Industrial Portuguesa, que se encontra nesta cidade, declarou que previa uma excelente posição de Portugal por ser o país da Europa mais próximo da América, tornando-se assim um importante ponto de ligação nas carreiras aéreas comerciais e ao mesmo tempo um traço de união psicológica entre o Velho e o Novo Mundo. Sugeriu também que os turistas aéreos americanos continuem as suas viagens para a Europa, através de Portugal, e disse que Portugal tenciona comprar grandes quantidades de maquinismos, algodão, trigo e outros artigos nos Estados Unidos, quando terminar a guerra, pagando essas mercadorias a pronto. O sr. Cortez Pinto deve seguir para Portugal no próximo dia 20 de janeiro.—(U. P.).

V. Ex.ª tem no seu prédio um ascensor, um monta-cargas ?
Se V. Ex.ª efectuar o seu seguro contra responsabilidade Civil na

ULTRAMARINA

ficará liberto de pesadas responsabilidades

Sede em Lisboa: Rua da Prata, 108 (Edificio proprio)—Telef. 23348/9 P. A. B. X.

CONCURSO PARA ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÀFICA DE DOIS ROMANCES de Eça de Queiroz

A-fim de associar o cinema português á comemoração do primeiro centenário do nascimento de Eça de Queiroz, o S. N. I. abre um concurso para uma adaptação cinematográfica de qualquer dêstes dois romances daquêle escritor: «A Cidade e as Serras» ou «A Ilustre Casa de Ramires», á escolha dos concorrentes. O concurso consta das seguintes bases:

I—O manuscrito de adaptação cinematográfica deverá ser entregue sob a forma de «decomposição por cenas», em que se indique o desenvolvimento visual e sonoro da acção, pela ordem sucessiva dos episodios, sem chegar ao pormenor duma planificação dialogada.

II—O concurso é aberto entre portugueses e estrangeiros, residentes ou não em Portugal.

III—Os trabalhos concorrentes deverão ser entregues no S. N. I. em seis exemplares dactilografados, até 28 de fevereiro de 1945.

IV—Cada concorrente deverá escolher uma divisa ou pseudónimo para assinar o seu trabalho, enviando juntamente com êle um sobrescrito fechado, com a mesma divisa ou pseudonimo escrito no exterior e contendo o seu nome e a sua morada.

V—E' permitido aos concorrentes apresentarem adaptações de ambos os romances escolhidos para o concurso.

VI—Os trabalhos dos concorrentes serão apreciados por um juri presidido pelo secretário nacional de Informação, que só terá voto de desempate, e constituido por:

Um representante da familia de Eça de Queiroz.

Um critico cinematográfico.

Um técnico cinematográfico não concorrente.

O chefe da Secção de Cinema do S. N. I.

VII—Os resultados deverão ser anunciados pelo juri até ao dia 31 de março de 1945, revelando-se então o nome do concorrente premiado.

VIII—Ao concorrente premiado será atribuido um prémio pecuniário de seis mil escudos, ficando os direitos de utilização da «decomposição por cenas» premiada pertença do S. N. I.

IX—Pode o S. N. I. decidir a atribuição de um segundo prémio de quatro mil escudos á adaptação cinematográfica do outro romance de Eça de Queiroz que não obtiver o prémio anterior, adaptação que também fica sendo propriedade do S. N. I.

X—Os dois prémios a que se faz referência podem ser atribuidos ao mesmo concorrente.

XI—Pode não ser atribuido qualquer prémio, se os trabalhos apresentados o não merecerem, por insuficiencia ou inviabilidade.

XII—O S. N. I. põe á disposição dos produtores cinematográficos portugueses legalmente constituidos á data da proclamação dos resultados do presente concurso e pelo espaço de um mês a referida adaptação cinematográfica, devendo os produtores submeter á apreciação

(Continua na 7.ª pag.)

DE NA

BRINDES DE VALOR

CAIXAS de bridge, cigarros, costura, correspondencia, etc.

PASTAS com gravuras antigas.

CESTOS DE PAPEIS, de grande luxo.

BIOMBOS. artísticos.

GRAVURAS e **MAPAS** antigos.

ADORNOS em renda de ferro e muitas mais maravilhas, Criações de

Decorações Nacionais, Lda., R. Garrett, 74-2.º—Á venda na Casa Quintão, R. Ivens, 30 e Galeria de Arte, R. Nova da Trindade, 3-A.

MONTIL

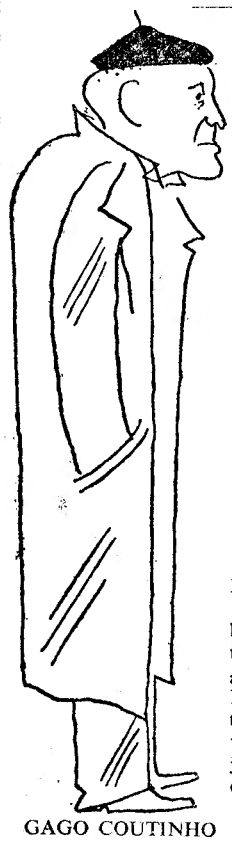
R. MORAIS SOARES, 95-B

Elegante sortido de artigos de OURIVESARIA, JOALHARIA e RELOJOARIA

ENTREVISTAS INDIS

Gago

diz-nos que sonhou de *ser geógrafo ex* e que ainda-



GAGO COUTINHO

Gago Coutinho — no mar, no ceu e na terra. E' a unica figura que nos resta dos descobrimentos. Quantos anos tem o sabio? E' dificil dizê-lo. A imortalidade vela, preciosamente, pela sua vida. Os miudos apontam-no a dedo, identificando-o com o retrato que vêem nas páginas da sua historia, quando ele, de boina vasca, a «gabardine» escorrida e passadas largas de marinheiro, sobe a rua da Esperança, a caminho da sua cela de nauta das estrelas! E' capaz de andar quilómetros num dia, a remoer equações astrais. Apertam-lhe a mão milhares de desconhecidos por dia, mas a celebridade não lhe pesa, tão simples e natural é a sua alma de criança. Na idade em que os outros se reformam, atravessou o Atlantico, que já havia coberto de asas de oiro, em vôo planetário inaugural, num barco á vela, com posto de grumete — almirante-grumete da bela aventura.

—Que faz agora Gago Coutinho?

—Agora ando a aplicar a minha experiencia de viagens por mar á interpretação dos *Descobrimentos Maritimos* que, por falta de documentação e de conhecimentos técnicos, teriam de ser conjecturados só por quem tenha navegado.

—Quanto tempo demora a escrever essa obra?

—Nesta *luta* espero empregar sete anos de vida que, segundo as suas tabelas, ainda me concedem as companhias de seguros.

—Bem disposto, hein?... O que será a aviação depois da guerra?

—Mercê dos grandes sacrificios de vidas e dinheiros, impostos pela guerra, a aviação deve depois, lá para fins do ano que vem, tornar-se mais segura e menos transporte de luxo. Creio que todo o serviço de *cartas* passará a ser feito por avião, mas a preços mais acessiveis que actualmente; esperemos que o porte do correio desça a um escudo por cada milhar de milhas. Mas para passageiros continuará caro: pesam muito e pagam pouco.

—Que tal a Beatriz Costa no Brasil? Como a encontrou, sr. almirante?

—Nunca a encontrei. Já não anda a pé, mas só de automóvel.

logurte FL

Tomado a todas as refeiçõ
lhores alimentos por ser um prod
FORTALECE, EMBELEZA A PE
Indispensavel em todos os
Distribuidor geral: **JOSÉ**
Av. Duque de Avila,
Vende-se nas melhores pastel

SAND

VINHOS DO PORTO (
» DA MAD
» DE XEREZ (
WHISKY (da Escócia
GIN (

DISCRETAS

Coutinho

desde pequeno *explorador*

la espera viver sete anos

o — no
na ter-
figura
os des-
Quantos
io? E'
imor-
reciosa-
vida.
ontam-
tifican-
retrato
páginas
quan-
vasca,
escorri-
largas
sobe a
nça, a
a cela
strelas!
ar qui-
, a re-
astrais.
ão mi-
necidos
cele-
pesa,
tural é
riança.
os ou-
atra-
o, que
de asas
o pla-
, num
n pos-
almi-

riencia
Desco-
e do-
os, te-
tenha

a obra?
nos de
da me

a avia-

vidas e
ão deve
ornar-se
. Creio
ser feito
is que
do cor-
de mi-
caro:

Como

pé, mas

—Pensou alguma vez em encetar outra profissão diferente da que seguiu?

—Sempre, desde pequeno, gostei de vir a ser *geografo-explorador*. E foi esse o meu principal labôr, em que queimei a mocidade.

—Tem alguma predilecção?

—Não tenho «manias», nem «vicios secretos». Sou tão conhecido que me é impossível fazer vida «secreta». Realmente, tenho o vicio de lêr jornais, e, também, o de comprar livros para a minha biblioteca de *viagens* e *descobrimentos*, não só por uma espécie de avareza pessoal, como também por ela se destinar, por testamento, a *património nacional*. Que eu, afinal, sou um nacionalista encoberto.

—Mas gosta do teatro! Ainda vai muito?

—Estou indo menos ao teatro em Portugal, porque reponto com as aberturas ás 22 e espectáculo até ás 25 horas. Embirro com os *intervalos* e, ás vezes, fazem-me a partida de começar por um intervalo... Tenho uma grande admiração por Maria Matos, que faz no Variedades, duas vezes por noite, trabalhosas peças que foram escritas para serem representadas uma vez por noite, como *A Marechala* e *A velha rabugenta*. E' bom e exaustivo trabalho. Além disso, o teatro dela não termina ás 25, mas sim ás 23 horas...

—Não pensa em escrever as suas memorias?

—Tenho dificuldade em escrever. E, de resto, aquilo que me interessou mais e deixou rasto na minha vida, é o que seria menos interessante para a publicidade em *memorias*.

—Que nos diz do avião-foguete?

—Sobre o avião tipo *foguete*, não creio nêle, nem mesmo como arma de guerra.

—Poderá vir a empregar-se nas linhas comerciais?

—O material é muito dispendioso e não permite as grandes travessias. Assustaria os passageiros.

—Quando voltou agora do Brasil, depois de tão larga ausencia, encontrou alguma surpresa?

Maliciosamente:

—Quando cheguei da viagem á vela, não encontrei surpresa notavel. Vocês ainda tinham o *Cócó* desprezado para um canto e ainda não começavam a prolongar a Avenida. As antigas galeotas, talvez por terem sido reais, continuavam arrumadas em lugar onde as não podemos vêr.

—Consta-nos que pensa em fazer grandes viagens?

—E' certo que, se puder, depois da guerra, continuarei a viajar!

—Qual é a sua primeira visita?

—A Paris, rever a rua do Faubourg Montmartre, a Cité-Bergère, a passagem Jouffroy, o Museu de Marinha e a estrada de Versailles.

—Boas festas, almirante! E já agora, para fechar este delicioso quarto de hora de conversação, diga-nos: como passa o seu Natal?

—Passo o Natal sem para mim ser festa. Só noto que recebo mais cartas de pobres desconhecidos, como se eu tivesse obrigação de concorrer não só para o Socorro de Inverno, como também para o socorro de verão.

O sr. ministro do Interior presidindo á distribuição na Maternidade

O MINISTRO DO INTERIOR

assistiu à festa do Natal *na Maternidade Alfredo da Costa*

Os srs. tenente-coronel Julio Botelho Moniz e dr. Trigo de Negreiros visitaram hoje a Maternidade Alfredo da Costa, onde assistiram ás cerimónias ali realizadas por motivo do Natal.

No anfiteatro do edificio, procedeu-se á distribuição de 189 cobertores, 43 enxergas e 36 mantas a 76 familias pobres das que frequentaram a Maternidade, assim como donativos, no total de 6.350 escudos, a 26 casais, que tiveram dois ou mais filhos. Os donativos individuais variaram entre 50 e 500 escudos.

Falou o sr. dr. José Alberto de Faria, director geral de Saude, para agradecer ao sr. ministro do Interior a sua presença e elogiar o pessoal, que tinha, hoje, também, a sua festa. Efectivamente, no refeitório do pessoal procedeu-se, depois, á distribuição de brinquedos a 70 filhos dos empregados da Maternidade. Seguiu-se uma sessão de arte, em que colaboraram a distinta artista D. Palmira Bastos, o bailarino Francis e outros elementos que deixaram em todos os internados, suas familias e empregados a melhor recordação.

O sr. ministro do Interior, que estava também acompanhado pelo sr. governador civil, retirou-se muito bem impressionado com a sua visita, que tornou extensiva a todas as enfermarias.

A recolha da M. P. para o Socorro de Inverno

Oitenta filiados da M. P., em 25 carros-automoveis, continuaram hoje, pela cidade, a recolha de donativos, em generos e dinheiro, para o Socorro de Inverno. Desde manhã, os destacamentos repartiram-se por quatro zonas da cidade, percorrendo as ruas por onde não tinham passado ontem. Por toda a parte, o acolhimento foi bastante satisfatório, contribuindo cada um com o que pôde. A recolha continua, á hora a que escrevemos.

A hora extraordinária de trabalho para o Socorro de Inverno

A pedido da Comissão de Socorro de Inverno publicamos o seguinte esclarecimento:

«Tendo-se suscitado duvidas sôbre a maneira de contar a hora com que os trabalhadores contribuiram para o Socorro de Inverno, informam-se as empresas de que essa hora deve ser contada como uma hora normal, sem 50 %, nem desconto».

Os «Rapazes da Cidade»

Inaugura-se amanhã, ás 15 e 30, na antiga Assistencia Infantil da Freguesia de S. José, rua Alves Correia, 191, o primeiro posto destinado aos «Rapazes da Cidade», iniciativa do sr. governador civil de Lisboa. Além desta autoridade, assistem os srs. comandante da G. N. R. e comissário nacional da M. P.

Outras comemorações

Também se realizaram hoje cerimónias de Natal, particularmente destinadas ás crianças. Nos centros extra-escolares da Mocidade Portuguesa, pequenas festas de confraternização, com lanches e sessões cinematográficas; na sede da Policia do Porto de Lisboa, ás 14 e 30, distribuição pela esposa do Chefe do Estado, na presença do sr. capitão Dores, comandante da corporação, de donativos aos filhos dos guardas; no quartel da G. N. R., no Carmo, ás 10 horas, foram distribuidos brinquedos e lanche, a 120 crianças, filhas das praças; no Instituto Geográfico e Cadastral, ás 14 e 30, festa dedicada aos filhos dos empregados naquele departamento do Estado; na Escola Francesa, ás 11 horas, na presença do ministro sr. Armand du Chayla, distribuição de brinquedos e almoço a crianças pobres.

—Amanhã, efectuam-se solenidades comemorativas do Natal, entre outras, nos seguintes locais: Ac.ª Recreativa Joaquim Xavier Pinheiro, ás 15 horas, com a presença da esposa do Chefe do Estado; bodo aos pobres e inauguração da bandeira; no Batalhão de Sapadores Bombeiros, ás 15, «matinée» para as crianças; Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, ás 15 e 30 e 20 e 30, arvore de Natal e distribuição de brinquedos; no Grupo Desportivo da Casa Vaultier, ás 14 e 45 festa para os filhos dos seus associados, com variedades, distribuição de brinquedos e lanche.

Almoço de confraternização

oferecido pelo adido de Imprensa da embaixada americana

O adido de Imprensa da embaixada da America ofereceu hoje um almoço a todos os empregados, de todass as categorias, desde o chefes de serviço ás empregadas da limpeza que prestam serviço na «Press Office» daquela embaixada.

Presidiu o sr. Samuel Iams, sentando-se em lugares de honra os srs. Dixon, Hall e Pires Guerreiro. Cêrca de cinquenta convivas tomaram parte no almoço.

A festa, que assim se lhe pode chamar, resultou um pretexto de confraternização entre americanos e portugueses. O adido de Imprensa testemunhou a sua gratidão pela forma como todos cooperam na obra que ele dirige.

Aos brindes, leram-se versos, fizeram-se discursos, e ainda se cantaram fados.

Usaram da palavra a sr.ª D. Maria Candida Dias, o sr. Pires Guerreiro, referindo-se á iniciativa do chefe dos serviços de Imprensa na embaixada da America, fazendo o elogio do adido de Imprensa e várias considerações sobre temas que se prendem com a organização dos serviços.

O sr. Iams, lembrando a quadra do Natal, disse as saudades que sentia do seu país, em parte minoradas pela afectividade que encontrára em todos os portugueses.

O ataque

dos alemães *foi contido nas Ardennes*

mas alargou-se

á frente do Roer

LONDRES, 23 — Revelou-se oficialmente que o avanço alemão através das Ardennes foi dominado em ambos os flancos, a começar em Eshternarch, na fronteira germano-luxemburguesa, onde os alemães estão contidos em Dickweiler e Bergdorf. A penetração alemã continua, porém.

No sector do norte as fôrças do general Rundstedt lançaram vários contra-ataques, perto de Hoven, ao norte de Duren, sôbre o rio Roer e ganharam uma pequena porção de terreno. —(Reuter).

O uso de insígnias americanas pelas tropas alemãs

LONDRES, 23—O S. Q. G. A., em Paris, informa que os alemães, além de terem usado marcas aliadas nos seus carros, assim como uniformes aliados, empregaram o estratagema de emitir falsos programas de rádio da B. B. C., dando noticias com caracter oficial, na esperança de estabelecer a confusão e dominar o espirito das tropas americanas que combatiam em grupos isolados e já, segundo a comunicação dessa rádio, por detrás das linhas alemãs.—(Reuter).

EM 3 LINHAS

Começaram hoje as férias judiciais, recomeçando os julgamentos em 4 de janeiro.

///

Recebeu-se no Ministério dos Estrangeiros noticia de ter falecido em Marselha o vice-consul de Portugal, Frederico de Oliveira.

///

Foi aberto um crédito especial de 2.600 contos para a compra de um prédio destinado á instalação do Secretariado da Aeronautica Civil.

///

Segundo um despacho hoje publicado no «Diario Municipal», não serão autorizadas novas construções na orla poente da rua Maria Pia, em virtude de existir um projecto de logradouro sobre o vale de Alcantara e Parque Florestal.

PROF. DR. EGAS MONIZ

O ilustre homem de ciencia, prof. sr. dr. Egas Moniz é homenageado, esta tarde, pela população do concelho de Estarreja, donde é natural. A cerimonia, no salão nobre dos Paços do Concelho, vai principiar á hora a que fechamos a nossa edição.

Comboios extraordinários

A C. P. realiza amanhã, extraordinàriamente, em virtude da enorme afluencia de passageiros, o «rápido» de Lisboa para o Porto, e o «rápido» do Porto para Lisboa.

O PÔRTO PRECISA
UM JORNAL DA TARDE

A Tarde

SAIRÁ NO DIA
6 DE JANEIRO DE 1945

FLORINA

efeições substitue com vantagem os me-
produto completo.
A PELE E TONIFICA O ORGANISMO
dos os lares!
OSÉ CARLOS JANEIRO
e Avila, 33-G—Telef. 4 1684
pastelarias e elegantes casas de chá.

DEMAN

RTO (Casa fundada em 1790)
REZ (Espanha) } Recebidos engarrafados directamente das origens
cia

PÔRTO BRANDY
BARROS
Agentes depositários:
Aragão & Simões, L.da
Rua do Almada, 47-49
LISBOA Telef. 2 5611

Expõe para
BRINDES
Um deslumbrante sortido em ourivesaria portuguesa
DAVID
JOALHEIRO
RELOGIOS
281, RUA DA PRATA, 283 — LISBOA — TEL. 2 3319

NUMEROS PREMIADOS NA LOTARIA DE HOJE

728 . . . . . 6:000.000$

727 / 729 aprox. ao 1.º prémio 40 000$

11934 . . . . . 1:000.000$

11933 / 11935 Aprox. ao 2.º prémio 30.000$

8875 . . . . . 500.000$

8874 / 8876 Aprox. ao 3.º prémio ..12 000$

735 . . . . . 50.000$

Premiados com 20.000$00

78 517 774 1145 1736 2014 2137 2464
2542 2863 3204 3454 3901 4057 4131 4295
4715 5442 5925 6134 6353 6763 7831 7995
8016 8650 9070 9275 10040 11148 13504
13721 14017 14360 14414 14939 15193
15871 16969 17657 17945 18437 18515
18623 18708 18971 19087 19271 19406
19537 19586 19770 20652 21394 21420
23312 23246 24131 24272 25460 25473
26220 26806 27140 27401 27587 28611
29914 29427 29971

Premiados com 10.000$00

161 189 328 613 754 794 936 1300
1462 1484 1530 1813 1982 2228 2255 2304
2398 2504 2679 2786 2817 3000 3250 4341
4927 5074 5330 4553 5638 5721 5909 5949
6086 6260 6370 6716 6889 7059 7063 7148
7537 7482 7781 7963 8111 8298 8593 9144
9388 9438 9470 9584 9587 9606 9621 10410
11021 11139 11158 11333 11508 11706
11716 11722 11902 11923 12297 12355
12637 12738 12915 13099 13129 13131
13150 13204 13269 13746 14002 14056
14207 14253 14469 14571 14615 14686
14920 15249 15301 15415 15651 16282
16323 16488 16648 16702 16759 17002
17014 17057 17182 17465 17470 17485
17541 17678 17733 17772 17805 17968
17999 18061 18350 18380 18495 18582
18621 18656 18752 18798 19084 19093
19098 19348 19593 19641 19879 20060
20134 20191 20556 20614 20774 20841
21025 21122 21314 21474 21802 22191
22249 22365 22866 22957 22974 23014
23226 23279 23355 23381 23390 23403
23646 23638 23809 23838 23840 23908
24305 24409 24578 24610 24811 25036
25205 25233 25413 25427 25535 25485
25609 25786 25905 25995 26080 26530
26538 26671 26726 26856 27049 27122
27354 27376 27712 28196 28507 28742
28857 29000 29164 29251 29350 29400
29621 29687 29699 29736 29835 29952

Os numeros terminados em **28, 34** e **75** tem o prémio de 2.000$00, por corresponderem aos dois ultimos algarismos do **1.º, 2.º** e **3.º** prémios.

Os numeros de **701** a **800** e de **11901** a **12000** e de **8801** a **8000,** são premiados com 2.000$00, por pertencerem ás centenas do **1.º, 2.º** e **3.º** prémios.

Os numeros terminados em **8** e **5** têm o prémio de 1.000$00 por corresponderem á terminação (unidade) do 1.º prémio e á sua terminação acrescida de 7 unidades.

Avisamos os nossos leitores de que devem consultar a lista oficial da Misericordia.

7

Semanas seguidas,
com Prémios Grandes!

NATAL
11.934

BILHETE COMPLETO EM CAUTELAS
1.000 CONTOS

CASA DA SORTE
PORTUGAL

O Cambista Testa vendeu os 6.000 contos

Bilhete inteiro

728—6.000 CONTOS

Numero certo do feliz cambista e adquirido ha mais de 60 anos.
Bilhete inteiro vendido ao nosso balcão.

Prefiram jogo do

Cambista Testa

74, Rua do Arsenal, 78

Pólvoras de caça americanas «DU-PONT»

—o-o—

Mais um triunfo: No CAMPEONATO DE PORTUGAL DE TIRO AOS POMBOS disputado no Stand do Club Português de Tiro a Chumbo, ao Lumiar, em 9 e 10 de Dezembro, o Ex.mo Sr. Dr. MANUEL TELES DE CARVALHO obteve o titulo de campeão e o Ex.mo Sr. JOÃO DE MATOS classificou-se em 3.º lugar, ambos atirando com a já celebre

Pólvora DU PONT **«M X»**

—o-o—

A' venda em todas as boas espingardarias do país.

Distribuidores em Portugal:

LIMA MAYER & C.A

R. da Prata, 59 — LISBOA

Bolsa de Mercadorias de Lisboa

Transacções sôbre produtos nacionais e estrangeiros

Produtores, comerciantes e industriais devem comparecer sempre ás suas sessões

Terças, Quintas e Sábados das 11 ás 12 1/2

735—50 CONTOS

4.º Prémio

O **número 735—4.º prémio da lotaria de hoje—foi todo vendido em décimos na feliz CASA TRAVASSOS, Rua da Palma, 43, e CASA TRAVASSOS, L.DA, Rossio, 42, onde é numero certo tôdas as semanas.**

Frutaria Costa

APRESENTA A MAIOR VARIEDADE DE

CESTOS E CORBEILLES PARA BRINDES

DO **NATAL** E **ANO NOVO**

Martins & Costa

Rua do Carmo, 41 **Telef. 2 5214**

Eça de Queiroz

(Continuação da página central)

do secretário Nacional, por intermédio da Secção Cinematográfica do mesmo Organismo, os seguintes elementos:

1) Declaração de anuência do realizador indigitado.

2)—Relação dos técnicos e artistas principais, com a distribuição das funções e dos papeis.

3)—Estimativa das despesas de produção.

4)—Datas de filmagem e de estreia.

5)—Cartas de conformidade do estudio e do laboratório em que tenciona produzir o filme.

XIII—Exclusivamente ao secretário nacional compete apreciar as propostas recebidas, atribuindo a produção do filme a quem melhores garantias artisticas e técnicas oferecer, podendo negar a qualquer dêles a concessão da produção, cujos direitos lhe pertencem.

XIV—Pode o secretário nacional fazer depender a concessão da produção das modificações que sugerir nos projectos que lhe forem apresentados.

XV—Uma vez aprovado, o projecto de produção terá de ser escrupulosamente cumprido pelo concessionário, garantindo êste ao secretário nacional da Informação o direito de fiscalizar e supervisar todas as fases da produção, e de sujeitar á sua aprovação definitiva o filme propriamente dito.

XVI—O S. N. I. põe á disposição do produtor a quem fôr atribuida a produção do filme:

a)—Os direitos de adaptação cinematográfica do romance.

b)—Os direitos da «decomposição por cenas» premiadas no concurso a que se referem as bases I e VIII.

XVII—Quaisquer modificações na decomposição por cenas premiadas só poderão ser feitas pelo produtor concessionário com a aprovação expressa do secretário nacional.

XVIII—A planificação e a redacção dos dialogos poderão ser entregues ao premiado no concurso de adaptação cinematográfica do romance, ou a quaisquer outras pessoas escolhidas por acôrdo entre o secretário nacional e o produtor concessionário.

XIX—O S. N. I. garante ao portador concessionário a sua assistência na resolução das dificuldades de produção que porventura surjam e facilitar, na medida das suas possibilidades, a colocação do filme no país e no estrangeiro.

Provas de doutoramento
em Medicina Veterinária

Na Escola de Medicina Veterinária concluem-se, esta tarde, as provas de doutoramento do sr. dr. Mário Marques, que está a defender tese á hora a que fechamos a nossa edição.

DESASTRE MORTAL

A bordo do navio suiço «Lugano», que está a descarregar no Tejo, um pau de verga atingiu o trabalhador Duarte Mendes, de 32 anos, Bairro da Liberdade, Vila Lopes, 6. O infeliz foi conduzido ao hospital, onde chegou já morto.

O Museu de Instrumentos
do Conservatório Nacional

O Museu Nacional de Arte Antiga, devidamente autorizado, entregou no Conservatório Nacional, a titulo de depósito, para fazer parte do Museu Instrumental, um valioso conjunto de instrumentos musicais. Destaca-se, entre os mais preciosos, uma harpa «Império», assinada por Naderman, com interessantissimas pinturas e ornatos, e um piano forte, estilo Luiz XVI, ricamente trabalhado em diversas madeiras e que figurou, em 1913, (sob o n.º 76), na exposição organizada por Lambertini, no Palácio das Necessidades.

OS GRANDES FESTIVAIS
no Casino Estoril

Conforme temos anunciado, é hoje, á noite, a primeira festa de inverno no Casino Estoril, para reabertura do seu magnifico Salão Restaurante.

Valoriza esta festa o fim beneficente a que se destina—o Socorro de Inverno, cujo produto reverte a seu favor.

VIDA MUNDANA

BAPTIZADOS

Na igreja de S. Mamede, foi baptizado, com o nome de Alberto Antonio, um menino, filho da sr.ª D. Maria Teresa Roque Delgado Pereira Ribeiro de Queiroz e do sr. dr. Alberto Ribeiro de Queiroz. Foram padrinhos a sr.ª D. Joana Roque Delgado de Sampaio e Melo de Freitas Guimarães e o sr. dr. Alberto Ribeiro.

VIDA ARTISTICA
«Prémio José de Figueiredo»

Está aberto concurso, até 31 de Janeiro próximo, para o «Prémio José de Figueiredo», a conferir pela Academia Nacional de Belas Artes ao autor da obra publicada no corrente ano sôbre assuntos de belas artes que revele, conjuntamente, qualidades de investigação histórica, dotes de visão analitica e critica.

TAUROMAQUIA
O Regulamento das Touradas

O Grupo «Sector 1» oficiou ao sr. ministro do Interior, no passado dia 14, solicitando autorização para nomear uma comissão com o fim de elaborar o Regulamento das Touradas, que há tempos vem sendo solicitado por todos os que escrevem de Tauromaquia e, nomeadamente, Roberto Fernandes, do «Jornal de Noticias», do Porto.

TRIBUNAIS

Foram julgados e condenados: Manuel de Oliveira Pais, por furto, em 6 meses de prisão correccional, dois meses de multa e mil escudos de imposto; Cipriano Viegas da Silva, por furto, em 13 meses de prisão, 6 meses de multa e mil escudos de imposto; Artur Bastos, por abuso de confiança, em 10 meses de prisão, 75 dias de multa e mil escudos de imposto; João Lourenço Ferreira, por burla, em 2 anos de prisão maior celular, 3 anos e 9 meses de degrêdo e mil escudos de imposto.

VIDA OFICIAL
O «DIARIO DO GOVERNO» PUBLICOU HOJE:

Três decretos, pelo Ministério do Interior, abrindo os seguintes créditos: 160 contos, destinado a despesas com a profilaxia de doenças infecciosas ou epidemias; 45.144$24, para reforço da verba «despesas imprevistas de ordem publica»; 10 contos para reforço de uma verba orçamental.

■ *Decretos dos ministérios das Finanças, Marinha, Obras Publicas e Economia abrindo créditos para reforço de várias dotações orçamentais.*

■ *Uma portaria conferindo graus honorificos da Cruz Vermelha Portuguesa a várias individualidades.*

■ *Portarias nomeando novos presidentes para as Câmaras Municipais de Aljezur, Cuba, Castro Verde, Melgaço e Braga.*

ABONO DE FAMILIA

O sr. subsecretário de Estado das Corporações aprovou o regulamento da Caixa de Abono de Familia do pessoad dos Armazens de Vinhos e Azeites e das Industrias de Bebidas do Distrito de Lisboa.

Este regulamento, que começa a vigorar em 1 de janeiro, determina que a mesma caixa abrangirá obrigatoriamente todas as empresas com sede no distrito de Lisboa que tenham como unica ou principal actividade o armazenamento para comercio interno ou exportação de vinhos e azeites ou a exploração de qualquer industria de bebidas.

A Caixa pagará inicialmente abonos mensais entre 30$00 e 70$00 por descendente e 25$00 a 60$00 por ascendente.

Costa, Silva & C.ª, L.da
OLEOS—CORREIAS—EMPANQUES—AMIANTOS
Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos um Bom Natal e o ano 1945 muito prospero.
27-28, L. do Conde Barão, 29, 30. LISBOA

Montil
OURIVESARIA—JOALHARIA—RELOJOARIA
R. Morais Soares, 95-B
M. A. A. Borges
e o gerente José Borges Alves
Desejam Boas Festas e feliz Ano Novo aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

AS OBRAS PRIMAS MUNDIAIS DO CONTO INFANTIL
E' HOJE POSTO A' VENDA
1.º VOLUME da mais extraordinária colecção infantil «UM CONTO PARA O VOSSO FILHO»
No Palácio Maravilhoso do Pai Natal
A encantadora viagem feita por um menino e um cão ao maravilhoso palácio dos brinquedos do Pai Natal. Lindas gravuras a cores
BREVEMENTE: 2.º volume Uma história que jámais se esquecerá
EDITORIAL ACIP — R. da Madalena, 85 - 1.º — LISBOA

CALÇADO
compre só da afamada «MARCA»
SEVEN de LUXO
LISBOA
SAPATARIA «A DIPLOMATA»
Rua do Loreto, 19
SAPATARIA CRISTAL
Rua do Amparo, 22
SAPATARIA ROYAL
Rua da Graça, 112
SAPATARIA LONDRINA
R. Arco Marquês de Alegrete, 51
SAPATARIA EDEN
R. Arco Marquês de Alegrete, 37

COTRIM
NOVIDADES PARA HOMEN, ARTIGOS ESCOLHIDOS PARA BRINDES DE NATAL
LISBOA, RUA AUGUSTA, 173/PORTO, R. STº ANTONIO, 29
STOP

Distribuidores para Lisboa e sul do país
SILVA, SANTOS & C.ª LD.ª
RUA S. DOMINGOS A' LAPA, 3
LISBOA

O Carnaval de Venera, apresenta a mais linda colecção de gravatas, em seda pura, a 90$00
Rua Aurea, 107
STOP

Leiam o jornal humoristico SEMPRE FIXE

Svena
CAVES DE ALCOBAÇA
OS MELHORES VINHOS ESPUMANTES NATURAIS
AGENTES DEPOSITARIOS EM LISBOA
ADELINO & LOPES, LDA.
8, LARGO DA TRINDADE, 9—Telefone 2 1260
Agentes depositarios no Porto
EDUARDO DA COSTA DIAS, LDA.
RUA DO BONJARDIM, 217—TELEFONE 7979

Artémis
49, RUA DO CARMO, LISBOA
Camisaria, malhas, meias, luvas e novidades para homem e senhora
STOP

A caminho
de um acôrdo
entre os grupos
de combatentes
na Grécia?

ATENAS, 23—A resposta dos chefes da ELAS foi entregue ao general Scobie ás 20 horas de ontem. O seu texto não foi ainda oficialmente revelado, mas julga-se que contém quatro pontos: aceita o pedido do general Scobie para a retirada das fôrças da ELAS da Ática; aceita o pedido do general Scobie para desarmar os partidarios da ELAS em Atenas e na região do Pireu; o pedido de desarmamento deve ser fiscalizado por uma comissão conjunta anglo-grega; pede a criação dum novo govêrno de unidade nacional.

Crê-se que a demora na entrega da resposta foi devida ao facto de o Q. G. da ELAS ter sido transferido já para fora de Atenas, de acôrdo com a primeira condição imposta pelo general Scobie, oficial comandante da Grécia.—(R.).

Um dirigente da EAM mostra-se favorável á conciliação

LONDRES, 23—O correspondente em Atenas do «News Chronicle», Denis Devaris, num telegrama publicado hoje no seu jornal, cita o secretário geral da EAM, Metsos Partsadilis, como tendo dito que a EAM está pronta a retirar e a desarmar desde que as fôrças da montanha sejam retiradas e os voluntários desarmados. A referida entidade declarou que a crise é obra da 5.ª coluna e que Papandreou deve pôr-se acima de elementos entre os quais há muitas pessoas que tomaram parte no regime fascista de Metaxas.

Partsadilis acrescentou que era com grande tristeza que via soldados gregos e britanicos, depois de ambos terem combatido os alemães, combaterem-se uns aos outros. A EAM, disse, defende a democracia.

Devaris entende ser evidente que a atitude da EAM mudou: «Já se não trata de lutar até á vitória final ou até á morte, como se pretendia antes. Sob a pressão dos acontecimentos e dos próprios elementos da direita do partido, a EAM inclina-se hoje para um entendimento».—(R.).

AMARANTE
LAGO CERQUEIRA

vinho verde branco
e tinto

HÁ MAIS DE 30 ANOS
SEMPRE O MESMO
E SEMPRE O MELHOR
Agentes em Lisboa—SIMÕES
LARGO DO CHIADO, 17

DAVID KIT
PELES
Maior e mais fino sortido
Av. Conde Valbom, 18, 1.º—Tel. 48089

Patrulhas
alemãs
atravessaram
o Mosa
em vários pontos

(Continuação da 1.ª pag)

de Bastogne. Este avanço leva-os a 56 quilómetros para além da fronteira alemã. A própria cidade de Bastogne está cercada e os alemães dominam Wiltz. As perdas alemãs têm sido muito graves. Nas batalhas de Bastogne e Malmedy, perderam 83 tanques e canhões de assalto. Todos os prisioneiros declaram que as baixas alemãs têm sido muito pesadas. As baixas aliadas tambem são sérias e um certo numero de unidades, algumas de tamanho de batalhões, tem ainda a retirada cortada. As forças Aliadas mantêm-se ainda firmes em Echternach e no flanco norte, que foi estabilizado em Stavelot.—(R.).

300 tanques alemães destruídos

PARIS, 23—As fôrças do 1.º Exército norte-americano continuam a conter lentamente o avanço das fôrças de von Rundstedt, que têm sofrido elevado numero de baixas, entre mortos e feridos. Foram já destruídos mais de 300 tanques alemães e enormes quantidades de veículos motorizados e de outro material.—(U. P.).

O esforço heroico dos americanos

LONDRES, 23—John Wilhelm, correspondente especial da Reuter junto do 3.º Exército norte-americano, informa que os homens da infantaria norte-americana fizeram parar os formidáveis tanques de 70 e 80 toneladas do general Rundstedt, fazendo uso desesperado de «bazokas», espingardas, granadas e mesmo lançando directamente sobre êles petroleo de latas de cinco galões e transformando-os em fachos ardentes, durante os primeiros dias da contra-ofensiva alemã. Perto de Saint Vith, mantém-se ainda unidades isoladas americanas, que estão na posse de estradas vitais para os alemães Sob um fogo mortal, a defesa dêstes homens, verdadeiramente heroica, tem custado muito sangue. Fileiras de carros americanos ennegrecidos permanecem onde se colocaram para paralizar o avanço, destruidos pelas granadas alemãs.—(R.).

A travessia do Mosa pelas patrulhas alemãs

LONDRES, 23—O Q. G. do 21.º Grupo de Exércitos informa que patrulhas alemãs de 30 a 40 homens atravessaram o rio Mosa em mais de meia duzia de sitios, durante a tarde e a noite de ontem. As travessias foram feitas em barcos de borracha ao longo do trecho norte do Mosa e em Venlo. Todas essas patrulhas foram atacadas, sofrendo baixas, e foram forçadas a atravessar o rio.—(R.).

Os preparativos para ataques aéreos

LONDRES, 23.—Uma alta autoridade aeronautica britanica declarou que as fôrças aéreas aliadas estão a concentrar-se ao máximo para começarem a desferir tremendos golpes contra as tropas de von Rundstedt, apenas as condições atmosféricas permitam ofensivas em massa.—(U. P.).

Reforços para os Aliados

PARIS, 23. — As estradas que conduzem á Bélgica e ao Luxemburgo estão pejadas de tanques, veiculos motorizados, canhões e outro material, que constituem o caudal de reforços aliados que estão a ser apressadamente enviados para os locais ameaçados pelo avanço alemão.—(U. P.).

OS COMUNICADOS DE GUERRA
alemão e russo

GRANDE QUARTEL GENERAL DO FUEHRER, 23.—Comunicado do Supremo Comando:

«Continua a batalha de inverno a sueste da Belgica, a qual evolue de maneira favoravel para as nossas tropas. Estas repeliram na zona entre Elsendorf e Stavelot potentes ataques de diversão do inimigo, que repetiu as suas investidas 14 vezes. Nos dois lados do ria Ourthe, as nossas tropas perseguem importantes formações americanas, que foram desalojadas. No centro do Luxemburgo, tambem progrediram os ataques alemães. O numero de prisioneiros e as quantidades de material tomadas aumentam constantemente.

No Sarre, a cidade de Dilligen foi libertada de inimigos. A margem direita do rio encontra-se limpa, em larga frente. As fôrças alemãs que perseguem o adversario e o fogo da nossa artilharia infligiram aos norte-americanos, na sua retirada, enormes perdas. No sector de Bitschy, malograram-se novos ataques de batalhões adversos. Entre os Baixos Vosges e o Reno os nossos ataques tiveram como consequencia a reconquista de uma serie de alturas e de povoações. Na Alta Alsacia, o inimigo que atacara, perto de Kayserberg, foi repelido e desalojado das suas posições, por meio de contra-ataques.

Sob o comando do general von Ueten, os ocupantes de Saint Nazaire realizaram importantes ataques, de surpreza, contra a frente adversa, desalojando o inimigo das suas posições e perseguindo-o até muito longe. Essas fôrças avançaram profundamente no território francês. Foram ocupados mais 80 quilómetros quadrados de terreno.

Londres e Antuerpia estiveram sob um intenso bombardeamento, das armas alemãs de grande alcance.

Devido á tenaz resistência das nossas tropas, a fôrça de ataque inimiga, ne centro da Italia, diminuiu. Os nossos granadeiros frustraram numerosos ataques, a sueste de Faenza e rio sector de Bagnacavallo.

O inimigo conseguiu atravessar o rio Lemone num restrito sector.

Na Hungria, o inimigo tentou de novo, com importantes formações, envolver por dois lados a cidade de Budapeste.

Na frente de Stuhweissenburg as nossas fôrças contra-atacam. O inimigo, que tinha atravessado o rio Gran, foi repelido. As nossas investidas, no sector de Eipel, avançaram profundamente através das fortificações da retaguarda bolchevista. Prosseguem duros combates de defesa na montanha de Matra e ao sul de Grossteffels.

No ataque de imporatntes fôrças sovieticas, a leste de Kaschaw, o inimigo sofreu uma derrota. A acção mologrou-se com importantes perdas para o adversário, graças á energica defesa alemã.

Na terceira batalha da Curlandia, os soviétes prosseguiram no seu intento de penetração ao sul de Frauemburg, pondo em linha importantes fôrças. Voltaram a malograr-se estes sangrentos esforços. O inimigo teve perdas tão graves, que as nossas tropas alcançaram um dos seus maiores exitos defensivos. Continuam os combates em locais isolados de infiltração.

Na zona do litoral, ao sul de Libau, os nossos bombardeiros realizaram um ataque de surpresa, cercando importantes fôrças inimigas, que foram aniquiladas. Tomámos numerosos prisioneiros e grandes quantidades de armamento.

Os aviões de batalha alemães participaram com exito, dia e noite, nos combates no sector de Stuhlweissemburg, destruindo 32 tanques soviéticos e muitos veículos motorizados. Os bolchevistas perderam, além disso, devido á acção da caça e da D. C. A. alemã, 77 aviões, 46 dos quais na Curlandia.

Ontem, nenhuma formação inimiga voou sôbre o territorio do Reich.

Nas primeiras horas da noite, os bombardeiros terroristas britanicos atacaram localidades do Médio Reno.—(D. N. B.).

MOSCOVO, 23.—Comunicado: «A leste de Lecenec, na Checo Eslováquia, as nossas tropas, vencendo a desesperada resistência do inimigo, ocuparam mais 20 povoações e duas estações ferroviárias. As tropas russas estão a menos de 12 quilómetros do importante entroncamento ferroviário de Lecenec. O inimigo abandonou muitas dezenas de vagões, carregados com armamento, munições e abastecimentos e grandes porções de material ferroviário sobrecelente. Os alemães e hungaros tiveram mais de 3 mil baixas e fizemos muitas centenas de prisioneiros.

Na Hungria, a nordeste e norte de Goyengyoes, depois da conquista da cidade e entroncamento ferroviário de Kisterenye, as nossas tropas prosseguiram na ofensiva e apoderaram-se de mais 32 localidades e 5 estações de caminho de ferro. O inimigo continua a bater em retirada, perseguido de perto pelas nossas tropas. Há muito material tomado ou destroçado. Nos arredores de Budapeste a luta prossegue com grande ferocidade e nas ultimas 24 horas foram destruidos mais 50 tanques e grande numero de veículos motorizados e outro material. Dentro da capital hungara lavram grandes incendios.

A leste da cidade de Losoncz, a 100 quilómetros ao nordeste de Budapeste, as nossas tropas ocuparam mais 41 localidades e numerosos pontos fortificados. Nos parques automóveis e nos aeródromos abandonados pelo inimigo, as nossas tropas encontraram 70 veículos motorizados e 31 aéroplanos alemães, em perfeito estado de funcionamento.

Em todas as frentes de batalha destruimos ontem 29 aeroplanos alemães em combates aéreos ou no solo.

No Báltico, os nossos submarinos torpedearam e afundaram um transporte alemão de 8.000 toneladas e dois outros barcos de menor tonelagem. Um barco de guerra inimigo de 5.000 toneladas foi atingido por um torpedo e ficou sériamente avariado».—(U. P.).

O 8.º EXERCITO
encontra forte resistência
A NOROESTE DE BAGNACAVALLO

LONDRES, 23.—Comunicado do Q. G. Aliado do Mediterraneo:

«Exercitos da Italia—Ao noroeste de Bagnacavallo, as tropas canadianas do 8.º Exército encontraram grande resistência na margem ocidental do rio Senio, o qual foi atingido numa frente de mais de oito quilómetros. Ao norte de Faenza, as tropas do 8.º Exército continuam a fazer firmes progressos no seu avanço entre o rio Lemone e o rio Senio. Ao sul de Bolonha, as tropas americanas do 5.º Exército ganharam algum terreno perto do Monte Belmonte. Noutros pontos da frente, actividade de patrulhas.

Aviação—Os nossos caças e caças bombardeiros das Fôrças Aereas Táticas, operando ontem em grande fôrça, atacaram as comunicações do Vale do Pó e deram efectivo apoio em objectivos na frente de batalha italiana. A Fôrça Aérea dos Balcans lançou algumas unidades ao ataque de transportes motorizados na Jugoslávia».—(R.).

PARA QUE PERDER
o tempo a procurar?

Na **Grande Ourivesaria da Moda.** encontram V. Ex.as tudo que possam imaginar—em bom gôsto, arte, qualidade e quantidade, artigos próprios para brindes dos mais afamados fabricantes e por preços módicos.

Rua da Prata, n.º 257 (esquina de Santa Justa)

Férias do Natal

Antes de partir segure a sua BAGAGEM contra todos os riscos na
Companhia Europêa de Seguros
Serviço combinado com os Caminhos de Ferro

NATAL, ANO BOM
UM BRINDE UTIL

NOITE DE NATAL

Seis novelas breves e vívidas do ar, do mar e da terra

por Artur Portela

ALMA DE CRIANÇA

Mais um Natal. Há oiro sobre a terra. São as estrelas que brilham.

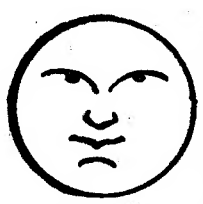
O rapazito pensa, pela primeira vez, que teve um lar. Não sabe onde bater. As ruas fecham-se, rumorosas de vento e uma chuva ponteada ennevôa as trevas. Voltar para a casa? Nunca conheceu a mãe, a outra ocupou-lhe o lugar, e agora ri-se da morta. Falta-lhe tudo! Sente, vagamente, a necessidade dum calor humano, duas palavras de ternura de que anda faminto. Sózinho na grande cidade, hirta e desolada, sem um portal aberto, um coração que o agasalhe!

Tenta os primeiros passos de regresso. Por vezes, tem um sobressalto de alegria. A ceia do Natal. Uma luz quente caindo sobre a toalha branca da mesa, umas flores de festa e um cheiro bom de comida. Mas mais do que tudo isso, dormir uma noite, com os pés enxutos, o estomago cheio, e o retrato da mãezita escondido no coração, rezando para ela como se fôsse uma santa—não o vão profanar!

Mais uns passos. Podia ser possivel... Rua fora, a enxurrada, batida, lividamente, pelos reflexos dos candeeiros, corta-lhe o caminho como se fôsse um destino. Não, daquela casa não virá perdão, mas odio. Até os rafeiros nessa noite têm uma manta rôta para se agasalhar. Só ele...

Então, como o pobre Charlot, nas «Luzes da Cidade», volta as costas ao caminho do regresso. Uma estrela, de luz poderosa, cai como uma faisca sobre os seus passos—e o pequenito afasta-se, fustigado pela chuva, os pés na enxurrada, perdido na cidade imensa, que o ha-de devorar!

VÔO NOCTURNO



A bordo do avião. A mascara do piloto endureceu com o frio. E' um cristal de espanto. Só os olhos vivem — dilatados. A noite bloqueou o visor. Por baixo, no *tablier*, circulos verdes, numeros magneticos, ponteiros de platina, circulos arteriais, numa estranha e surda florescencia, que arremessam á face do homem um alvor infernal.

Há quantas horas ou há quantos dias dura aquele vôo nocturno? O zumbido dos motores é tão alto que não se ouve—adormecendo, maquinalmente, os sentidos fisicos. O piloto sente nas mãos a vibração das asas, monotona, ritmica, espiralada.

Então, pelo aparelho acustico, uma voz ecôa, atravessando o escafandro aereo:

—Estamos perdidos! Nem uma luz humana. O ceu apagou-se; a terra já não existe!

—Não podes fazer uma estimativa do caminho?

—Impossivel! Há duas horas que procuro o continente e não o encontro. Desapareceu!

—Voamos ás cegas, como os passaros sem olhos!

—Parece que esta grande mancha de tinta existiu sempre sobre a terra. Nem uma cidade, um fanal, um barco! Tudo sossobrou!

—Lembra-te das estrelas que acompanhavam Saint Exupery no vôo nocturno! Uma casa brilhando, uma estrada iluminada, uma fogueira de beduinos. Sózinho, no ceu imenso, chorava de alegria! Todos aqueles focos eram sinais de vida, mensagens de vigilia, correspondencia humana—que lhe marcavam no isolamento a sua rota de navegador!

—Cala-te!

—O que tens?

—O horror desta noite imensa que jámais acaba.

—E' contra ela que nós combatemos e morremos... Há sempre um caminho!

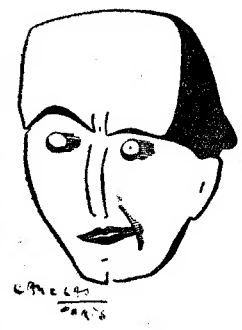
—Perdemos a terra! Não temos onde pousar!

Um minuto depois, a mesma voz:

—John! John! Olha á tua direita!... Em baixo, através daquelas nuvens... Vês?! Que braseiro á aquêle? Dir-se-ia um vulcão! O sol a nascer!

—Hello, Peter! E' Londres que arde, iluminando o mundo!

OS DOIDOS FALAM



Primeiro louco—Que é isto do Natal?

Segundo louco—Não sei bem! Parece que há mais claridade na terra! Quando era pequenito, «ela» dizia-me que as luzes do ceu eram as lagrimas de Jesus—mas nunca as vi senão nos seus olhos!

Primeiro louco—E este silencio que assombra?

Segundo louco—Tudo se calou! A natureza, a vida, as almas! E' terrivel e magnifico!

Primeiro louco—Dir-se-ia que alguma coisa de muito grande vai nascer! Nem o sofrimento se sente ...

Segundo louco—Um mundo dentro duma alma!

Primeiro louco—Ou a alma de um mundo!

Segundo louco—Como te chamas?

Primeiro louco—José, carpinteiro! E tu?

Segundo louco—Pedro, antes de Bramante, trabalhei nos fundamentos de Roma!

.....

Primeiro louco—Traz a trolha e o compasso e vamos fazer outro mundo?

Segundo louco—Para quê, se os doidos, lá fora, o vão destruir?!

ROSA DE NEVE

Ele e ela. Há vinte anos que aquele vestido preto se senta no mesmo lugar, com o mesmo bordado interminavel, escorrendo-lhe dos dedos. Só as mãos calosas estão iluminadas, o resto é sombra e uma voz entrecortada de silencios algidos. Há almas para quem é inutil falar. Já disseram tudo e não se lhes arrancaria mais do que lagrimas e dôres!

De resto, naquele ambiente parado, as palavras têm uma ressonancia cava.

Parece que falam outros—outra—e não êles! Na parede, ainda abrangido por um raio do candeeiro, o retrato duma criança, com a cabeça enfeitada de laços e caracois, bonito e pretensioso, uma ampliação vulgar, no qual a parecença quasi desapareceu.

O pai e a mãe sabem-no, e mesmo olhando, demoradamente, mal o identificam, como se o enxergassem através de uma nevoa.

—Repara! O retrato da pequenita está hoje mais nitido. Diria que se dissipou aquela clarão difuso que não a deixava ver bem, mais do que o seu rosto, a sua alma. Está tão linda assim! Parece que fala!

—Deve ser da luz! De dia é o mesmo! Só o sorriso ficou, fresco e doce como uma flôr!

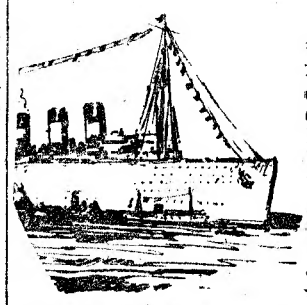
—O sorriso de tua mãe! Porque lhe puseste hoje ao pé os seus brinquedos?... Brinquedos mortos!

—E' o seu Natal! Como se fôra viva!

O homem levanta-se e vai até á janela, que o vento inclemente fustiga. Um delgado fio de luar escorre do ceu como duma candeia de prata. Parece que Branca de Neve passeia entre mundos de luz, com os anõezinhos atrás, fazendo piruetas nas estrelas... Meia noite! Um rumôr de alegria estremece a carcassa do velho predio. Então, antes que a ultima badalada caia, irrevogavelmente, no abismo do tempo, o homem vai espreitar a chaminé apagada. Lá está o sapatinho da criança, côr de rosa e oiro, que parece fulgurar, em cintilações de diamante. A mêdo, aproxima-se. Ficará vasio? O que lhe envia a filha do azul do ceu, onde ascendeu, numa noite como esta em que a felicidade galopava, pela terra, no seu corcel de vento, e só ali se deteve, num silencio tragico, cortando um debil soluço?

Imovel, repara. Uma rosa caiu sobre o sapatinho, uma rosa da neve que lá fora cai, nesta noite branca e triste de Natal.

NATAL NO MAR



O navio corta, raivosamente, o mar, entre cachões de espuma. Parece um barco fantasma, vogando solitário sobre o abismo das ondas. Nem viv'alma no convés, e, no entanto, centenas de homens, vão ali sonhando com o Natal do regresso. Durante o dia forçaram as máquinas, para divisar, ainda que imprecisamente, a linha da costa, onde o grande porto os vai acolher. Mas não foi possivel. Agora, vão calados. O fogo cumpriu, mas ficaram ainda muito longe. Será amanhã que a ancora, raspando no costado, descerá como uma serpente, ao fundo do Tejo, já quando... não fôr Natal.

O comandante manda reunir os homens. Antonio... João... Francisco... nomes de santos, de pescadores e de baleeiros. Choram como crianças e têm tatuagens azues nos braços grossos como calabres. Em todas as bôcas o cachimbo fumega. Alinharam-se por idades e aldeias, e alguns por profissões, alegres e rudes naquêle Natal no mar—diferente. Fala o capitão. E' uma voz rugosa e grossa, que parece rolar como o mar que assalta as escotilhas. As palavras saem-lhe em farrapos, mas não é do vento... *1944 Natal!... Terra á vista!... Os vossos filhos!...*

Os copos correm a roda. E' vinho côr de sangue, espesso, ardente, que corta na garganta, como o gume duma espada, todos os soluços de saudade.

—Bôa noite! Até amanhã, em Portugal!

Nas entranhas do navio, dois homens, porém, continuam trabalhando. São os fogueiros. As fornalhas, esbraseadas, conduzem o navio numa derrota veloz. Lá dentro, no ventre das moquinas, castelos de fôgo alteiam-se e desmoronam-se. Há labaredas rubras, de carvões incendiados, que bailam sobre a pá, como djins diabolicos.

Um mundo em fusão trovejante e ardente. A hulha negra transforma-se, rapidamente, em oiro e chama.

Mas depressa! Mais depressa! E os dois fogueiros, de dorso nu, envernizado de suor, trasmitem ás máquinas a sua ansia de chegar. A energia dos musculos retesados, atestando a bôca das fornalhas, converte-se em milhas vencidas.

E não dão pela meia noite, pelo minuto solene do Natal, queimados, devorados por aquele trabalho de grilhetas que lhes roubou o instante supremo que a mesma vida não torna duas vezes a passar!

MEIA NOITE

No *cabaret*. Quasi todos os lugares estão vasios. Um *shimy* idiota atravessa a pista deserta do baile. Os focos vão mudando—alaranjados, violetas, roxos, em ilusões de melancolia perversa ou de voluptuosa euforia. Ao fundo, numa mesa, duas mulheres. Almas diferentes, mas a mesma idade.

Teresa, alta, morena, de bôca, falsamente, sensual, olhos largos e decadentes, colo fino e estreito, braços esculturais, harmoniosos, dum alabastro doirado.

Laura, beleza nervosa, esgotada, cabelos louros, olhos de esmeralda, envenenados de tédio e dedos finos, que se fecham como varetas dum leque, onde rebrilham aneis baratos e umas unhas vermelhas, aguçadas cruelmente, como garras de pantera.

No meio, a garrafa *Moet et Chandon* e duas taças, já encetadas.

—Como te sentes hoje?

—Melhor!—olhando em roda—Que deserto!... Este *champagne* queima-me a febre!

—Vieram tão poucas! Até a Maria Dulce faltou!...

—São as mais felizes! Têm uma familia... um lar!

A orquestra despeja um tango de Canaro, azul e sonho, que logo se dissipa como o fumo duma cigarrilha. Bebem de novo. Laura demora, lentamente, o golo do *champagne*. Os olhos, como lampadas quasi extintas, reacendem-se á fosforescencia capitosa daquele calor.

—Nunca pensaste que a vida podia ter sido diferente?

—Aos quarenta anos é tarde para a condenarmos!... Ficou-me essa ilusão pelo caminho! O homem que salva, se alguma vez tivesse existido, já estaria hoje arrependido.

—Não é feliz a Alda?

—Engana-se como nós, ou sabe sofrer melhor!... São mais crueis os olhos dos homens, que as laminas dos espelhos!

—Mas tu amaste o Alvaro! Parecias louca!

—Diz antes, gostei dele, mas de noite, como os ladrões, porque de dia via-me até no fundo da alma—e era horrivel!

—A quem mentes tu?

—Tens razão! Nem se pode chorar ao pé do homem de quem se gosta. Ficamos hediondas de sinceridade! Todo o passado revive, deixando-nos a cara costurada de rugas.... de estigmas como li outro dia num livro.

—Deve ser atroz ver a verdade dos anos estalar sob a mascara da *maquillage!* Que caricatura!

—Acredita, é como mostrar uma chaga despresivel!

Meia noite! O *cabaret* anima-se. O saxofone vem para o meio da pista vomitar colcheias duma alegria barbara, atrós, como num batuque de negros.

—Mais *champagne?*

—Um pouco mais!...

—E o teu filho?

—Ah! Ainda não sabes!?

Rapidamente, Laura esvasia a taça doirada e efervescente, ocultando as lagrimas, mas mal a poisa, o cristal salta-lhe das mãos, despedaçado!

A. P.

VÔO Á VELA

Imitando alcançando e ultrapassando

Foi sem motor o primeiro vôo oficial do homem. Lienthal, em 1895 lançando-se duma colina com o seu pairador, foi descendo até á planicie. Mais alguns voaram assim; depois, a atenção do homem voltou-se para o aviao com motor. Não lhe interessava um vôo cujo alcance dependia sempre da altura a que fôra largado.

Após a guerra mundial, fizeram-se muitos estudos e ensaios sobre aviação sem motor, principalmente na Alemanha que não podia construir outros aviões; e, assim, recebeu esta maneira de voar novo impulso.

Pela observação das aves, por estudos, constantes experiências e ensaios em concursos de pairadores, depressa se desenvolveu o chamado vôo pairado e melhoraram as linhas dos aviões.

A mocidade, sempre entusiasta de *sports* bonitos, deu-se de corpo e alma á aviação sem motor. Descobriu-se poderem aviões sem motor voar utilizando correntes ascendentes provocadas pelo embate do vento nos montes, vôo com o apoio orografico.

Fizeram-se vôos ao longo de cadeias de montanhas, utilizando a ascendência do lado de barlavento. Começaram por alguns minutos e depressa passaram a ser de varias horas. Deixou-se de achar bruxedo o vôo de certas aves que subiam sem bater as asas.

Os aviões sem motor foram-se aperfeiçoando, aproximando cada vez mais as suas linhas das gaivotas, albatrozes, etc.; aqueles cujas caracteristicas eram melhores para subir (fazer vôo á vela) passaram a chamar-se «veleiros»; faziam já vôo á vela, ganhavam altura aproveitando certas correntes atmosfericas chamadas «ascendências».

Fizeram-se vôos nas ladeiras dos montes, os pilotos, de disputa em disputa, chegaram a permanecer no ar mais de dez horas seguidas em ascêndencia orografica; mas o homem continuava a olhar atónito e invejoso para as aves que fazem vôo á vela fora do apoio orografico. Via as gaivotas, as cegonhas, os abutres, de vez em quando, com as asas paradas, começarem a subir ás espirais, ás espirais, até se perderem de vista.

Certo dia, um piloto saiu da ascendência orografica e fez sem querer mais de 50 quilómetros numa frente ciclonica. Foi esta uma das «étapes» mais importantes do vôo á vela. Pela primeira vez o homem utilizava as correntes livres da atmosfera. Mais tarde, outro piloto, por baixo de uma nuvem, pôs-se a virar, a virar, ganhando altura. Estava descoberta a ascendência da nuvem. O vôo á vela tinha as portas abertas para o futuro.

Os pilotos de veleiros passaram a saber que uma ascendência térmica é, por assim dizer, uma chaminé de ar, subindo do chão a velocidade proporcional ás diferentes temperaturas que encontra pelo caminho. Se o ar quente que sóbe está saturado de humidade e encontra uma camada de ar frio, condensa-se formando uma nuvem. Foi esta espécie de ascendência a primeira utilizada nos vôos á vela térmicos. Se o ar não está bastante saturado não forma nuvem. Não está, por isso, marcada a ascendência no ceu e o piloto, para a encontrar, necessitou ao principio de grande sensibilidade. Hoje há um aparelho (variómetro) que lhe dá a velocidade ascensional da corrente, não tenho o piloto mais a fazer senão aproveitá-la.

Com o concurso do vôo á vela, foi-se desenvolvendo a meteorologia, e, com o auxilio desta, foi aquele progredindo cada vez mais.

Se observarmos a vida das cegonhas, sobretudo na primavera, época de sua maior actividade, por terem de procurar comida para os filhos, que notamos? A cegonha sai do ninho em vôo planado, vai pelos campos fora voando baixinho e, de vez em quando, dá ás asas, para não ter de aterrar. Está a «apalpar» á procura de «ascendência». Encontra-a em sitio onde o sol aqueceu mais o chão, pára as asas e começa a subir em espirais. Quando tem altura suficiente sai da ascendência e vai em vôo planado até ao sitio onde sabe encontrar comida para os filhos. A' volta faz o mesmo.

E', por conseguinte, esta ave um veleiro com um motor auxiliar que lhe serve só para não perder altura, emquanto não encontra «ascendência»; encontrada esta, faz vôo á vela.

Este é, a meu vêr, o futuro desportivo e turistico do vôo á vela humano. Há já veleiros munidos de um pequeno motor auxiliar com o nome de moto-veleiros. Não fica, assim, o homem em condições de inferioridade com as aves-veleiros, antes pelo contrário; não só pode fazer o que elas fazem, mas mais ainda, como por exemplo utilizar a grande ascendência existente nalgumas nuvens, em vôo sem visibilidade, coisa a que as aves não se atrevem.

Mais uma vez, neste campo, como noutros, o homem tira as lições da natureza e depois ultrapassa-as, pela ciencia e pelo genio.

SIMÃO ARANHA

O «Diario de Lisboa» vende-se na Lourinhã no café Nicola, de Francisco Alves & Irmão.

NATAL DOS PEQUENINOS

por Maria de Carvalho

O Natal dos pequeninos!... E' o que mais comove, o que mais encanta, o que mais enternece...

Jesus disse: «Deixai que venham a mim os pequeninos!».

E pobre da criancinha — pobre da maior pobreza! — que não conhece esse dôce Jesus, que tanto amava os inocentes, que lhes pousava nas cabecinhas a mão divina e pura, num gesto de benção...

Diz-nos uma linda tradição que um dia, quando a santa Carmelita que se chamava Teresa de Jesus, — a grande Teresa de Avila, que a Espanha, ainda não há muitos anos, declarou, por seu alto saber, pela sua obra admiravel, doutora *honoris causa* — quando a santa carmelita passeava na cêrca do seu convento, meditando, viu que se dirigia para ela um menino de adoravel beleza, que a fitava com uns grandes olhos celestes e luminosos. Teresa de Jesus, estranhando encontrar ali aquela formosíssima criança, preguntou-lhe carinhosamente:

—Quem és tu, meu menino?

E o menino respondeu-lhe com uma outra pregunta:

—E tu quem és?

Era tão singular a criança que lhe falava que a freira nem pensou em melindrar-se ou repreendê-la e respondeu com meiguice:

—Eu sou Teresa de Jesus...

E então, o menino replicou imediatamente:

—E eu sou Jesus de Teresa!

Essas mesmas palavras:

—Eu sou Jesus dos pequeninos!...

Jesus decerto as diz ás criancinhas que o amam e por Ele chamam, e para que melhor possam ama-lO e entendê-lO «desce da Cruz e torna-se Menino» como nos disse um grande poeta, que também o amava: Augusto Gil.

E assim, pequenino, loiro, menino como os outros meninos, do seu Presépio pobrezinho estende-lhes os braços e promete-lhes maravilhas. Diz a um: «Tu serás inteligente, mas é preciso que a tua inteligencia espalhe o bem, se realmente me queres bem». E a outro: «Tu serás artista, tens de sofrer para que melhor possas criar beleza, em que haja um pouco de eternidade...». E a outro, e ainda a outros: «Tu serás operario, como Eu, e por isso mais amado, se me fôres fiel». «Tu serás rico, mas é preciso que a tua riqueza sirva os teus irmãos, que ames o teu proximo como a ti mesmo...». «Tu irás servir-me em longes terras e porventura morrerás por mim...».

E os meninos não entenderão, no momento, o mandato, porque, inocentemente, julgam pedir e receber o brinquedo cubiçado, que solicitaram do Menino Jesus, na linda noite de Natal!...

* * *

E todos nós, que já vemos longe o Natal infantil, em que tambem levavamos o sapatinho para a chaminé, e compunhamos o Presépio com ingénuas figurinhas de barro — devemos pensar nos pequeninos, especialmente nos pequeninos que são pobres e Jesus confia á nossa caridade; nos que sofrem nas suas casas sem confôrto, ou nos hospitais. Demos-lhes quanto pudermos do necessário, e alguma coisa do superfluo, tão querido das criancinhas, o bôlo, o brinquedo, distracção... Dizia um grande poeta que «o agradável é tão bom como o util, ou ainda melhor...».

Todas nós, mulheres, em quem palpita sempre um coração maternal, sejamos para os pequeninos mães, enfermeiras, mestras, amigas... Esse pequenino que vemos deitado na sua caminha branca teve os seus presentes e as suas visitas do Natal, e vai tomar o remedio de melhor vontade, e vai adormecer tranquilo, vai curar-se... A mãe curva-se para êle com ternura, com suavidade maternal, e o pequenino ergue os olhos ainda extasiados da visão do Menino Deus, no Presépio que armaram no seu quarto de doente.

E o seu Natal não foi triste, porque lhe trouxeram o Amigo dos pequeninos, o Menino Jesus, que tanto lhes quere...

* * *

E podemos desejar, nesta hora incerta e triste da humanidade, que o amor dos pequeninos tenha o seu Natal, no coração de todos! Se todos quiserem, se todos ajudarem, não haverá mais crianças abandonadas, não haverá mais pequeninos dormindo na friagem dos portais, ou transviando-se nas ondas revoltas das cidades... Não haverá mais orfãos, porque todos encontrarão abrigo maternal... O amor da criança é o amor mais alto, o que tem mais projecção na vida, o que alcança mais tempo e se reflecte no futuro...

E' aquele que prepara corpos e almas para um mundo mais calmo e mais perfeito, aquele que mais alegria espalha ...E' o mais puro, o mais desinteressado, o mais suave...

«Deixai que venham a mim os pequeninos...».

E' a grande lição, o grande apêlo que todo o ouvido cristão deve escutar...

Quem ama o Menino-Deus tem de amar aqueles que se lhe assemelham porque são inocentes, aqueles que Ele amou...

O sofrimento dos pequeninos!... Há lá nada mais tocante, que mereça mais o gesto que socorre, o sacrificio fecundo, o beijo consolador, a ternura que agasalha?...

Que venham a nós os pequeninos e encontrem os nossos braços largamente abertos e o calor do nosso coração...

MARIA DE CARVALHO

VASOS OLARIA ADÃO R. Soares dos Reis, 5 Campolide—Tel. 53461

SIMBOLO DE PAZ

Regresso da Suiça

país neutro

Já mais dum mês se passou dêsde a minha partida da Suiça. Falei-lhes há dias da viagem pela França libertada e das impressões que nela colhi. E hoje, olho para o mapa da Europa em sangue, percorro-o até ao país donde cheguei e encho-me de vergonha com a ideia que a êle não me referi mais cédo, como se a paz e a ordem fossem demasiado monótonas para interessarem o homem num mundo onde só vive a guerra e a morte.

A Suiça isolou-se atrás das suas fronteiras dêsde quási o início do conflito actual. A Alemanha, a Austria, a França e a Itália fecharam-lhe as portas. Obrigada a viver de reservas, grandes mas esgotáveis, a economia foi baseada, sobretudo dêsde 1940, no racionamento largo mas firme dos produtos alimenticios e geralmente importados. Actualmente, após mais de 4 anos de guerra e fazendo face a uma centena de milhar de refugiados, a situação económica mantem-se inalterável.

Terra cosmopolita por excelência, sanatório e encruzilhada da diplomacia universal doutros tempos, a Suiça lembra hoje em alguns pontos uma estancia de recreio fora da época. A Sociedade das Nações na sua magnificência e desolação, na amplitude e tristeza dos seus parques e avenidas circunvizinhas parece bem o curioso museu onde se guarda a ultima prova de existência do tratado de Versalhes. Os maravilhosos hoteis que guarnecem as margens do lago Léman em Genebra, e onde outrora as «élites» do mundo vinham fielmente, perderam esse ar de solene grandeza daquela época longinqua do pão com manteiga e dos automoveis sem gazogénio.

O ambiente citadino não deixou de ser, no entanto, o habitual dum centro que a guerra directamente não atingiu. Que seja na Suiça alemã, francesa ou italiana, é-se impressionado pela abundancia e variedade dos artigos existentes, pelo seu acabamento e tambem... pelos seus preços. O aumento do custo da vida acentuou a desvantagem do nosso cambio, de tal maneira que tive nos primeiros dias após a chegada a Portugal a impressão de viver num estranho país onde cada aquisição é um chorudo benefício para o comprador.

A guerra encontrou a Suiça preparada para defender a todo o preço a sua proverbial neutralidade. Lord Palmerston, que foi ministro britanico dos negocios estrangeiros no seculo passado, dizia que a arte da politica consistia em saber escolher dentre duas más soluções a menos má delas.

O dilema suiço estabelecia-se dum lado na manutenção da integridade nacional, impedindo, a provável invasão do territorio por um país que por interêsses tacticos e divergencia de ideias ali chamavam, e doutro, pela colaboração com êsse mesmo país, e baseada em interêsses futuros, na suposta impossibilidade de longa resistência em caso de ataque. O Govêrno e a Imprensa mantiveram-se firmes e independentes de qualquer pressão estrangeira apesar do perigo ocasionado por essa atitude, e, ontem como hoje, a politica segue o seu ritmo fundada na estrutura da confederação helvética, pela qual, dêsde há 600 anos por entre as épocas mais tumultuosas e sangrentas, o país vem lutando. Quando o general Guisan chefe das tropas federais proclamou há anos a mobilização geral, o patriotismo manteve unidos mais do que nunca aqueles homens de raça, idioma e educação diferentes, impelindo-os, num unisono grito de aprovação, para a defesa do patrimonio ancestral e assim a bandeira suiça, simbolo de paz e assistência, flutua ainda através mesmo das terras em fogo.

FERNANDO LOPES VIEIRA

DR. MIGUEL DE MACALHÃES
Monitor da clinica de Necerk—Paris
RINS, vias urinarias — Venero — Sifilis
R. Nova de S Domingos, 9 1.º ás 15 horas
Telefone 2 2626

ESCRITORES E PINTORES

A volúpia dos auto-retratos

e o pavor das auto-biografias

por Norberto de Araujo

ALBERTO DURER (1471-1528)
representou-se aos 28 anos na figura de Cristo

PAULO RUBENS (1577-1641)
aos 30 anos, a quando do seu primeiro casamento

VAN DYCK (1599-1641)
achou que era assim aos 22 anos

REMBRANDT (1606-1669)
no seu auto-retrato a meio da vida

Raros são os escritores que nos legaram a sua auto-biografia. E, ao invés, raro é o pintor que não fez o seu auto-retrato.

Porque sucede isto?

Menos por timidez do que por orgulho, e pode supor-se precisamente o contrario.

O auto retrato corresponde a um momento, quando muito a uma fase, da vida do artista. «Eis como eu fui». E' uma hora de extase ou de enebriamento. Em regra o pintor beneficia-se no retrato, se ele é tirado numa época em que o vidro pulido já pode acusar a passagem das idades.

Se a vera efigie é perpetuada na plena aurora ou no pleno sol da beleza fisica—o artista transfigura-se, e há mesmo casos de narcisismo. Alberto Durer era belo e não encontrou aos vinte e oito anos outra maneira melhor de se esplender em beleza do que plasmar-se na humana figura do Rabi da Galileia. Para fixar um momento feliz da sua vida Paulo Rubens, que se retratou várias vezes, pintou-se ao lado de sua primeira mulher, Isabel Brant, ambos jovens, amantes, donos do mundo dos sentidos, consciente da irradiação da sua mocidade esplendorosa, passeando audacias pelos vergeis de Antuérpia.

Se o auto retrato é assim, de certo modo, a hora que cada artista quis viver e fixar— a auto-biografia é a vida toda que se viveu até ao momento da confissão publica.

E o escritor é mais orgulhoso de si do que o artista. Pintar uma vida equivale a escancarar uma alma. Pintar um retrato é puxar apenas pela ponta de um veu da realidade. Daí o retraimento dos que escrevem em—descrever-se.

Na obra do poeta, do romancista, do novelista, do historiador, até do sabio, ficam pedaços da sua auto-biografia. Mas não é o escritor quem os une e lhes dá coesão. Nem sequer ele os rubrica. A fantasia e a inteligencia especulativa da posteridade—é que hão de ter êsse trabalho. Estes fragmentos auto-biograficos podem dar uma cena do drama da vida, ou da sua comedia, mas nunca chegarão para pôr de pé o entremez de uma existência.

Em rigor o escritor fecha a alma a sete chaves. Apenas os humoristas ou os insinceros podem traçar a sua auto-biografia. A confissão publica dará lugar ao ridiculo, pois parte-se do principio que a auto-biografia não admite retoques de atitudes, deformação de factos. Em todas as auto-biografias se comportariam passos de beleza moral, mas a simples circunstancia de o escritor os apontar ou sugerir, poria em perigo, não a verdade, mas o decoro, o respeito devido á própria pessoa. Nos livros de «memórias» pessoais—é já outra cousa. A figura vai embrulhada no torvelinho dos comparsas, perde-se no quadro, deixa de ser um «eu». Quando muito fica assim: «eu também estava lá». Este «tambem» é a negação da auto-biografia. E' sim, o livro de memórias.

Os artistas, porque se retratam dentro de uma «hora»—não correm perigo algum. Van Dyck, o flamengo seiscentista que acabou seus dias em Londres, pintor de Carlos I, não teve escrupulos em se pintar, muito jovem, como retrataria o modelo de uma linda rapariga de Bruges, vestido de veludilhos macios, deixando mesmo descortinar um pedaço de peito através de uma camisola desabotoada, a cabeça alisada como a de uma colegial de madeixas soltas, sensuais.

Rembrandt, com o gôsto de magnificência, o amor das brumas, nos ambientes sufocados á luz de lampeões, «gostou-se» a si próprio como um rico mercador de Leyde, de gibão bordado, chapeu de peles ensombrando o rosto voluntarioso de granadeiro. Era a sua hora de orgulho, êle que era a alma mais virginal dêste mundo.

Velazquez deu-se a si próprio em espanhol. Parece que se foi arrancar ás telas do seu pincel de esgulas figuras varonis que se alteiam todas em perspectivas. Talvez êle não fôsse assim, mas a sua Espanha de seiscentos é que era assim, no seu bigode torcido quasi a chegar á cabeleira excelsa, deixando ver em claridades da paleta a fronte sevilhana. Durer, de Nuremberg, um seculo e tal atrás, copiara-se de Cristo; Velazquez simplificou-se no complicado figurino cavalheiresco.

J. B. Greuze, o academico, retratou-se dentro do seu tempo, o tempo dos três Luises, mais quando o de Luiz XVI já ia a caminhar para a revolução. O artista, de cabeleira franca, os olhos espreitando discretamente o espelho Pompadour que lhe dava o próprio modelo, a camisa esgalgada—Greuze dir-se-á que vai para a guilhotina. E tambem êle quis ser belo, o pintor das mulheres e das crianças.

Vê-se assim que o genial bavaro quinhentista, os três flamengos de pincel opulento de seiscentos, o excelso sevilhano, o requintado francês do Loire se pintaram como encontraram o seu momento.

Columbano—todo intimismo, pintor de almas e de interiores velados, retratista de ambientes—representou-se como a si próprio se encontrou, em sonho, ainda a figura galante a cair no esguio das ondinas e das virgens dos seus cenarios, isto para que na galeria de Florença ficasse um português com a sua beleza ideal. Columbano pintou-se uns anos atrás. Sacou á realidade três ilustres, mas perpetuou o artista, como êle queria ter ficado sempre.

Nas auto-biografias não se fixa um momento, nem se galvaniza uma aspiração. Eis porque são raros os escritores que se descrevem, e são rarssimos os pintores que voluptuosamente não se auto-retrataram.

NORBERTO DE ARAUJO

DIOGO VELASQUEZ (1599-1660)
como êle próprio se retratou cêrca dos 30 anos

J. B. GREUZE (1725-1805)
Como êle próprio se via aos 50 anos

COLUMBANO (1857-1929)
aos 70 anos, no auto-retrato da Galeria Pitti

Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior emprêsa armadora portuguesa nas carreiras de Africa

Carreiras para os Estados Unidos da America

SEDE
Rua do Comércio, 85
LISBOA

SUCURSAL
R. Infante D. Henrique, 73
PORTO

Agências em todos os portos africanos e nos principais portos do Mundo

Pensão Belga

Primorosas instalações em Palacete proprio—R. Actor Tasso, 11, Tel. 40529 — de luxo, com todo o conforto moderno, agua corrente quente e fria em todos os quartos, aquecimento central, sala de visitas e cozinha francesa.

Ambiente e serviço de bom hotel, a preços resumidos.

ESTORIL

Continental Pensão

Esplendida situação para repouso, bons quartos com aguas correntes, aquecimento, óptimo tratamento. Preços moderados. Tel. 50.

Vida musical

«Sonata»

As obras mais marcantes do 10.º concerto de Musica Moderna, apresentado por «Sonata», na Academia dos Amadores de Musica, eram a primeira e a ultima do programa: as «Visões fugitivas», para piano, de Prokofieff (que se repetiam a pedido de vários subscritores), e a já celebre peça para violino e piano, de Szymanowski, «A fonte de Aretusa».

Nada temos a acrescentar ao que escrevemos há poucas semanas a proposito da interpretação das «Visões» por Maria da Graça Amado da Cunha. Na peça de Szymanowski, Silva Pereira teve uma das mais felizes e completas actuações das muitas que a boa musica de todos os tempos lhe fica devendo. Não houve um desfalecimento na afinação, na segurança, na grande fluência e naturalidade da execução do que a obra encerra de virtuosidade genialmente aplicada aos propósitos do trecho. Para essa impressão de obra vernácula, definitiva, cativante tanto para a inteligência como para o sentimento, contribuiu fortemente a colaboração de Lopes Graça ao piano, o seu justissimo sentido das proporções e do colorido.

Embora com acentuada diversidade, não deixaram de ter interesse todas as outras peças que completavam o animado programa; todos os ouvintes têm a noção, clara e consciente em muitos, de que estamos em presença duma actividade artistica que é incoerente—pelo menos—ignorar. Silva Pereira deu a conhecer um novo compositor brasileiro, Claudio Santoro, com uma pequena sonata para violino solo, em que o autor dá provas duma certa solidez e unidade de estilo, numa ausência total de preocupações folcloricas. Mas achamos uma densidade musical muito maior a outro compositor, para nós desconhecido também até agora—Jón Leifs, de nacionalidade islandesa; as três canções deste autor que figuravam no programa, com meios simples e um belo sentido vocal, criam uma atmosfera peculiar, de encanto e caracter aparentados aos da musica eslava. As «Coplas», do compositor holandês Henk Badings, são duma expressão altamente dramática e duma técnica exigente. Esta página e as quatro lindas «Canções do berço» que se lhe seguiram no programa, são escritas sobre poesia espanhola traduzida em holandês, segundo nos informa Santiago Kastner; parece-nos de facto que se fundem nelas a profundeza nórdica e o apaixonado fanatismo que caracteriza a velha Espanha de Carlos V. Muito mais discretas, as três Canções do compositor catalão Fed. Mompou são no entanto de sentimento sincero e boa escrita.

No desempenho da parte vocal, Maria Adelaide Robert confirmou os seus dotes de cantora cénica. Há na sua voz, de extensão e volume magnificos, uma certa rudeza proveniente porventura da sua própria natureza intensamente dramatica. Figura—embora Maria Adelaide Robert não seja alta—e mascara também lhe são favoráveis. Foi acompanhada por Santiago Kastner, que entremeou a execução de comentários cujo interesse teria sobressaido melhor se tivesse evitado os perigos da improvisação. O que merece um aplauso especial é a parte que lhe cabe na divulgação da musica contemporanea.

Foram bisadas algumas das peças para canto, e «A fonte de Aretusa».

FRANCINE BENOIT

O MELHOR PRESENTE DO NATAL

O LIVRO DAS CRIANÇAS

POR

ANTONIO BOTTO

Aprovado oficialmente nas Escolas da Irlanda

E com a aprovação, em Portugal, de Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira

Linda edição, 25$00 cada exemplar

A venda em tôdas as livrarias e na

LIVRARIA ECLÉCTICA

TEMAS INTERNACIONAIS

A constelação política anglo-saxonica e a ideia da Paz

As afinidades étnicas e politicas dos anglo-saxões, estreitando-se a medida que a atmosfera internacional resfriava, na algidez do pavor e da morte, condensaram-se. E dois homens, simbolos dos dois povos, em pleno oceano—plataforma comum dos dois lares—evocando glorias do passado, estabeleceram o pacto do futuro. Nasceu assim a Constelação politica anglo-saxonica. Não é uma coligação circunstancial, contingente, mas uma integração de sentimentos e principios, que leva praticamente á fusão das duas pátrias, com inteira consciencia das suas possibilidades e objectivos; força operosa e moral, que influirá grandemente nas modificações sociais que todos reclamam, sejam quais forem os processos preconizados, como imperiosidade basilar e instante da vida universal. O seu poder flui da conjugação dos recursos materiais e humanos que lhe assinalam a marcha e a personalidade. E o ideal que a ilumina, reflectindo-se nos seus actos e intenções, clareia já os horizontes mundiais:

O Império Britanico, disseminado em todos os hemisférios e latitudes, concentra-se nos principios e métodos que tiveram por berço a Inglaterra, e hoje todos os seus membros sentem molecularmente o orgulo de pertencerem á Comunidade Britanica. O laço que os une cimentou-se com o sangue vertido em comum e a confiança ganha dos seus destinos.

E a América do Norte, o mais vasto laboratório da actividade económica, tecnica, cientifica e social, das iniciativas assombrosas, resoluções imediatas e decisivas, das cifras astronómicas, é, na verdade, um novo mundo em laboração crescente. Para ela o tempo físico não marca e sim o tempo fisiológico, o tempo aferido pela vontade, o tempo reduzido á escala das necessidades do seu incessante labutar.

A palavra impossivel desapareceu do vocabulário norte-americano.

A sua divisa é *Vencer*.

E vence... vence sempre.

O adestramento das suas faculdades abriu-lhe a imaginação a concepções que noutros continentes passariam por fantasmagorias.

O americano é a personificação do país: a conquista e dominio do próprio solo deram-lhe o amor ás lutas pela vida; e o meio geográfico, colossal na grandeza e na paisagem, deu-lhe estésicamente a imagem da liberdade...

A Constelação politica anglo-saxonica tornou-se, portanto, o centro do sistema politico-beligerante dos Aliados, que resultou da adesão dos restantes países ás ideias que informam a Carta do Atlantico.

* * *

A ideia da Paz é uma ideia antiga, sonho de poetas, filosofos e politicos, sonho que embalou as multidões sofredoras no decorrer de 1914-18.

A dolorosa exaltação do sentimento humanitário provocada pelas hecatombes da Grande Guerra, deu lugar á formação da S. D. N. A iniciativa partiu, como todos sabem, do presidente Wilson, que na Conferência da Paz, realizada em Paris, leu o projecto da Constituição duma Sociedade das Nações, o qual, tornado em convenção, passou a fazer parte do Tratado da Paz, porque só ela poderia ser a garantia daquele Tratado. E a Inglaterra, pela voz dos seus delegados, adoptou o critério americano, propondo ademais a criação de sanções económicas e duma fôrça colectiva comum, superior a toda a fôrça dum dos membros da Liga e a toda a combinação possivel de fôrças, para garantia do Pacto.

A provação da Grande Guerra conseguira, emfim, consumar as tentativas, que de longe vinham, da criação duma Liga da Paz. Mas as suas realizações deveriam observar os principios estabelecidos no Pacto. E isto não sucedeu.

Aventou-se que as propostas de Wilson não passavam dum fantasioso idealismo. E este conceito apoderou-se da opinião geral e trepou á S. D. N. cujo entusiasmo dissipou...

Wilson foi, sem duvida, um idealista, idealista da visão penetrante, e previdente, que os cépticos, os obcecados e os práticos não atingiram.

O ideal não se compadece com o cepticismo nem com a obcecação nem com a prática empirica. O ideal sóbe mais alto, vê no conjunto, sem perder o sentido das realidades concretas e antes as vislumbra nas suas celulas mais reconditas. Haja em vista o papel da hipotese no campo cientifico, sempre contraditada ou escarnecida, e a hipotese é a chave das ciências. Foi necessária a lição dos factos para ser apercebido o valor profundo do idealismo de Wilson.

A América do Norte já lhe reabilitou a memória, comemorando a data do seu aniversário e defendendo em livros e revistas, e pela voz dos dirigentes, a adaptação da projectada organização da Paz aos seus malsinados 14 pontos. E Churchill tinha-lhe rendido anteriormente, e em sessão parlamentar, o mais rasgado preito de admiração, em que ia incluida uma velada concordancia.

Ver-se-á, como tudo está a indicar, renascer a obra de Wilson, com as modalidades que o momento aconselha e como padrão da futura S. D. N. ou instituição equivalente. As ideias como as hipoteses, quando a verdade as ilumina, têm por si o tempo.

E' o caso de Wilson.

Agora, como então, a ideia da Paz ressalta unanime de todas as partes do globo; é uma ideia que une emotivamente e racionalmente todos os povos, e gentes, que a professam, assumindo as proporções dum ideal.

A Paz que se almeja, Paz normalizada, duradoura, só pode ser uma Paz organica, funcional, produto espontaneo duma mentalidade consciente.

O problema da Paz é um problema fundamentalmente pedagógico: criar a mentalidade da Paz.

A Paz opressiva, é sempre precária, a despeito de todas as garantias materiais, que todas elas o tempo vai desgastando no perpassar de sucessivas gerações. E, acima de tudo, a ideia da Paz, para ser edificante, só pode ser abrangida numa Paz universal.

As alianças de que há tempo se vem falando só servem para prejudicar aquela ideia, porque lhe restringem a compreensão. E além disso despertam interêsses privados que teriam de colidir com os interêsses da Comunidade ao mesmo tempo que denotavam falta de confiança.

As alianças pressupõem incompatibilidades e ambições que levam a constituir-se outras alianças—a história no-lo diz. E até este aspecto Wilson focou:

«A Paz, uma vez feita, convirá, para a manter, substituir-lhe um outro sistema, simultaneamente estavel e ostensivo. *Nada de tratados secretos; nada de alianças equilibradas.* A Paz, que deverá eliminar em toda a medida do possivel as causas de conflito, baseando-se numa justiça igual para todos, vencedores e vencidos, deverá ser baseada no consentimento dos interessados, e garantida por uma *Liga das Nações*, composta antes de tudo pelos Estados que participaram na sua confecção e que aceitaram as suas clausulas. E' dêsse consentimento geral que sairá a permanencia do *Estatuto mundial*, base da tranquilidade publica, e assim aparece, de maneira nitida, a ligação necessária entre o *Tratado da Paz* e a futura S. D N.»

* * *

Os ingleses e os norte-americanos, consubstanciados na Constelação politica anglo-saxonica, louvam-se hoje, e decerto mais arreigadamente, no acerto dos seus pontos de vista expostos na S. D. N., que a experiência actual confirma incontrovertivelmente.

O govêrno de De Gaulle, nas suas declarações, manifesta-se também contrário á constituição de blocos de qualquer ponto cardial.

A destrinça feita por Spaak de «entendimento» e «bloco» é, realmente, subtil. Mas essa subtileza implica de alguma maneira o germe de bloco. E o edificio da Paz, para sua conservação, deverá ser tão luminoso que nem a sombra duma intenção, mesmo subtil, possa fugidiamente esfumar...

De resto, a Constelação politica anglo-saxónica, possue os requisitos precisos para cumprir a missão que se propôs, que é, no fundo, a missão aceita pelas Nações Unidas.

PEDRO FAZENDA

Tauromaquia

«Lagartijo El Grande»

Merece ser lido por todos os «aficionados» êste recente livro de Enrique Vila, que tem até um motivo de interesse especial para os portugueses, aquele em que, tratando do mestre de «Lagartijo», escreve que Antonio Carmona, «El Gordito», passou á história como inventor da sorte de bandarilhar ao «quiebro» que—diz—«é fora de duvida de que em Portugal não era desconhecida quando Antonio Carmona a introduziu na lide espanhola». E no capitulo seguinte diz Vila que com os irmãos Carmona realizou «Lagartijo» uma dilatada excursão por terras lusitanas, da qual obteve notaveis proveitos. «Os floreios e adornos dos bandarilheiros lusitanos influiram não pouco no estilo que com as bandarilhas havia de tornar tão glorioso o cordovês. A intuição maravilhosa de Rafael Molina traduziu as notas observados que depois exibiu por todas as praças, em competencia com as peculiares do seu mestre. E bom será recordar aqui, com relação ao escrito ao referirmo-nos a Antonio Carmona no capitulo anterior que, na opinião do tantas vezes citado senhor Peña y Goni, «Lagartijo» aprendeu na sua viagem a terras portuguesas as bases que tinham servido a Antonio Carmona para inventar o «quiebro».

«De volta da excursão de que fazemos menção, os irmãos Carmona vão tourear a Cordova, e com eles «Lagartijo» que faz desta maneira a sua apresentação como toureiro formal ante os seus conterraneos».

Se nos lembrarmos de que, segundo os cronistas da época, «o melhor par de bandarilhas que regista a história do toureio foi cravado por «Lagartijo», que ouviu «a ovação maior que jámais se tributou a toureiro algum na praça de Madrid», concluiremos que alguma coisa cabe a Portugal na vida gloriosa de «Lagartijo El Grande».

Posto este aspecto da vida de «Lagartijo El Grande» resta-nos reconhecer que Enrique Vila, autor de livros tão notaveis como «Miuras» e «El Gallo», a conta admiravelmente, no quadro em que se desenvolve, e desde os seus primeiros passos até ao inicio da competição singular com Frascuelo á mais gloriosa e vibrante da tauromaquia de todos os tempos, excepção feita para a que marcaram muitos anos depois Joselito e Belmonte—escreve o autor que reconhece a evidente superioridade artistica de «Lagartijo» sobre Frascuelo e tambem que foi Guerrita o sucessor de «Lagartijo», sucessão que passa directamente a mãos de Joselito« El Gallo», a quem os publicos de Espanha—e « de Madrid singularmente— saudam nas suas primeiras actuações, chamando-lhe, entusiasmados, «Lagartijo»!

Merece ser lido por todos os «aficionado.» o belo livro de Enrique Vila, volume de 260 páginas, edição luxuosa de Escelicer, de Madrid.

GRÉMIO DA LAVOURA de Entre-os-Rios

ENTRE-OS-RIOS, 17.—Procedeu-se á eleição da assembleia geral do Grémio de Lavoura de Castelo de Paiva, para o ano de 1945 e á discussão e votação do orçamento suplementar do corrente ano. Foram reeleitos, para a mesa da assembleia geral, os srs. dr. Joaquim de Carvalho Moreira, Manuel da Silva Varanda, dr. Manuel da Rocha Amorim e Rodrigo da Silva Freitas.

O projecto do orçamento para o proximo ano foi aprovado. O sr. dr. Joaquim Moreira propôs, finalmente, um voto de sentimento pelo falecimento do sr. dr. Henrique da Silva Amorim.

DE TOLEDO PARA ALCOBAÇA...

Não se sabe onde param os ossos de D. Sancho II

Referiu-se o «Diario de Lisboa» várias vezes, nomeadamente no passado dia 11, á sugestão apresentada pelo sr. Ferreira Nascimento no sentido de serem trasladadas da catedral de Toledo para o mosteiro da Batalha os restos do rei D. Sancho II, que naquela cidade espanhola acabou os seus dias exilado, abandonado mas não esquecido ele da patria, pois nos seus dois testamentos determinou que seus restos fôssem transportados para Alcobaça.

Dissemos então que nos parecia a ideia de dificil realização, mas não nos ocorreu a verdadeira razão da impossibilidade.

O ilustre titular e erudito, que se oculta sob o pseudonimo de S. O. S., veio em carta elucidar-nos. Reporta-se ao que escreveu em 1735 D. Antonio Caetano de Sousa na sua «Historia Genealogica», a pag. 156 do I tomo, e que achamos curioso transcrever:

«Foy (D. Sancho II) enterrado na Cathedral, na Capela dos Reis, onde estavam sepultados El-Rei D. Afonso, o Imperador, e seu filho, D. Sancho; porém depois da trasladação d'estes corpos para a Capella-Mór, na obra que n'ella se fez, unindo uma com a outra, diz Garibay (o grande historiador hespanhol) que buscando algumas vezes com cuidado n'esta egreja o tumulo de El-Rei D. Sancho, o não poude descobrir; e tendo passado largo numero de annos depois que este autor escreveu, menos se achará agora noticia d'elle; porém o que entendi é que devia ser metido o seu corpo em algum dos tumulos de outros Reis».

E acrescenta o nosso correspondente:

«O que era dificil «descobrir» há dois seculos, menos fácil será agora, quando em nossos dias os comunistas arrasaram aquela cidade castelhana.

A verdade é que a trazermos alguma ossada de Toledo, não podemos afirmar que seja do nosso «Capelo». Repetiremos então o que fizemos com D. Sebastião, Camões e Vasco da Gama.

Sobre a sepultura do primeiro, tivemos de escrever, segundo o conde da Ericeira: «hic jacet... si vera est fama», visto que o «Desejado» morreu «devagar» em Alcacer Quibir, e, no campo de batalha, seu corpo se confundiu com os da flôr da aristocracia.

Camões foi lançado no carneiro comum do convento das freiras de Santana, e seus ossos daí foram levados para os Jeronimos «sem segura identificação», como se lê numa lapide afixada pela Camara Municipal.

Ao abrirem o tumulo de Vasco da Gama no convento de Nossa Senhora das Reliquias, na Vidigueira, encontraram lá dentro varios esqueletos e um deles, um tanto ao acaso, veio jazer como sendo do grande almirante, nos Jeronimos».

Parece não haver nada a opôr ás considerações de «S. O. S.».

SINTESES

O instantaneo fotografico quási sempre se revela de maior valor real que a fotografia de «atelier», muito trabalhada de retoque. E' a verdade sem mais nada—a verdade nua e crua... A anecdota é, por assim dizer, o instantaneo da literatura. Um pormenor, um relampago de prosa, um dito de espírito, um episódio que poderia escapar-se entre a sombra uniforme dos grandes acontecimentos, um quási nada—e eis tudo! Este quási nada é, a-final, a síntese, o resíduo, o núcleo das grandes idéias, do pensamento dos grandes homens, dos grandes factos e dos grandes momentos históricos e sociais. E' assim na literatura, na política, na história—na vida... Nêstes oito fragmentos aqui recolhidos, um tanto ao acaso, não será difícil encontrar oito quadros que reflectem, através de personalidades de interêsse incontestável, o espêlho de alguns momentos decisivos de diversas épocas históricas; de Napoleão ao pacto germano-soviético. Esses episódios, na eloquência do seu próprio espírito, falam por si, com um poder de expressão própria que se situa muito acima de quaisquer comentários ou mesmo de qualquer esbôço de apresentação. Dixemos falar quem deixou de si o éco da sua voz...—J. R. S.

O carrasco e o condenado

No delirio de sangue que sucedeu á Revolução Francesa, fôra o carrasco buscar á prisão de Sainte Pelage o jovem duque de Lauzun, para o acompanhar no sinistro passeio até ao patibulo. O duque, muito digno, entre as quatro paredes do cárcere, abancado á mesa que não seria, talvez, muito menos que sórdida, saboreava calmamente uma duzia de ostras de qualidade, refrescadas com capitoso vinho branco de Graves.

—E' chegada a hora...—anuncia o algoz, com a voz semi-velada por uma emoção que o exercicio sinistro da profissão não pudera apagar.

—Cidadão—diz-lhe o duque—dá-me licença para acabar isto...

E, enchendo outro copo de vinho, designou-o ao oficial da guilhotina:

—Bebe, cidadão. Deves carecer de coragem no oficio a que te dedicas...

A memória de Napoleão

NAPOLEÃO

Em 1822 reuniu-se em Verona uma conferência internacional para tratar de vários assuntos emergentes do Congresso de Viena e da constituição da Santa Aliança. Um dos casos a decidir era a intervenção em Espanha, para repor no trono o Bourbon Fernando VII. Outra série de assuntos dizia respeito á Italia, o que fez acorrer á conferência todos os soberanos, principes e duques que então ainda partilhavam a peninsula. Entre estes principes figurava a antiga imperatriz Maria Luiza, na sua qualidade de ducuesa de Parma, «muito alegre», como dizia Chateaubriand na sua correspondência. E acrescentava:

—Como o universo inteiro se tinha encarregado de pensar em Napoleão, a duquesa sentia-se desobrigada de semelhante tarefa...

O almirante cego

NELSON

Nelson era já um marinheiro da mais alta reputação, mas não tinha chegado ainda a comandante de esquadra. Na batalha de Copenhague, o futuro vencedor de Trafalgar tomava parte como subordinado, comandando uma das naus empenhadas na contenda, cujas primeiras fases correram bastante mal para os marinheiros britanicos. O almirante supremo tinha já mandado hastear no seu navio o sinal de retirar, quando a nau de Nelson foi atingida.

—Isto está a aquecer...—limitou-se a dizer, quando apareceu, correndo, o oficial encarregado das transmissões, a anunciar a ordem de retirada.

Nelson, porém, continuou o combate, sem prestar atenção ao que lhe diziam. Não tardou, porém, que chegasse outro oficial, que repetiu ao grande marinheiro —que já então tinha perdido, noutra batalha, um braço e um dos olhos—a ordem de abandonar a acção.

—Abandonar a acção?

—E' a ordem do almirante, «sir». Está içado o respectivo sinal.

Nelson tomou o óculo, pô-lo diante do seu ôlho cego e, com o ar mais natural dêste mundo, concluiu:

—Por certo o tenente está enganad . Eu não vejo o sinal...

A batalha continuou e, daí a algumas horas, o inimigo estava derrotado.

Briand e Julio Verne

VERNE

Em 1878 frequentava o internato do Liceu de Nantes um jovem crioulo, a quem nos dias de saida costumava ir buscar um senhor idoso, aspecto de boa pessoa, modos brandos e afáveis. O pequeno crioulo tinha um camarada predilecto, que, num belo dia de saida, aceitou ir tambem na companhia do senhor idoso, aspecto de boa pessoa, modos brandos e afáveis. Foram a passear pela zona do pôrto, estiveram a bordo de um pequeno barco, onde ouviram palavras maravilhosas de viagens e aventuras. Depois, estiveram em casa daquele senhor, que sabia anta coisa, que tinha muitos livros e um quadro de ardósia onde fazia cálculos para os seus estudos. O senhor idoso que sabia tanta coisa não era outro senão Julio Verne; o crioulo, um pequenito seu protegido; o companheiro do crioulo, o pequeno Aristides Briand, então com 14 anos e, mais tarde, chefe do Govêrno francês e figura politica de grande projecção mundial.

Laval e a comissão

LAVAL

Nos começos do seculo, Pierre Laval desempenhava as funções de prefeito de internato em escolas francesas: uma espécie oscilante—nem continuo, nem professor, um misto das duas coisas ao mesmo tempo. O futuro presidente do Concelho de Ministros da França caminhava, por essa altura, por entre as veredas do socialismo e do sindicalismo. A vida era dura e era preciso fazer-lhe frente. Laval tem uma ideia: funda o sindicato dos encarregados de internato, cujos começos se não revelam muito auspiciosos. Os socios são sete—incluindo o fundador...

Um belo dia, porém, o sindicato dispõe-se a agir. Uma comissão—constituem-na o próprio Laval e mais a totalidade dos seus co-agremiados...—dirige-se a Paris e pede audiência ao ministro da Educação Nacional, que era, por essa época, o futuro presidente Doumergue. O ministro recebe-os.

—E' uma pequena delegação, senhor ministro...—diz Laval, perante o pasmo e o panico dos seus companheiros.—O nosso sindicato comporta setecentos e setenta e cinco dos oitocentos vigilantes de internato...

Ao ouvirem o exagêro desmedido, os pobres «comissionados» só desejaram sumir-se no fundo das poltronas onde timidamente se sentavam. Mas Doumergue escutou, escutou e prometeu.

Já na rua, um dos companheiros, aterrado, preguntou:

—Então, vão-nos despedir a todos, não?

—Qual historia!—replicou Laval.—O ministro deixou perfeitamente entender que seriamos atendidos.

Efectivamente, algum tempo depois, as reclamações apresentadas pelos delegados daquele «numeroso» sindicato eram convertidas em lei...

O perigo da bomba

Em Dezembro de 1893, um anarquista de nome Vaillant lançou uma bomba, em Paris, na Camara dos Deputados. Houve 70 feridos. No meio do tumulto, o presidente, que era Charles Dupuis, deixou cair estas palavras que ficaram como exemplo de sangue-frio:

—Meus senhores, a sessão continua!

No dia seguinte, comentando o acontecimento, o famoso Octave Mirbeau escrevia no seu jornal:

—O maior perigo de uma bomba é a explosão de estupidez que ela provoca.

O tempo tudo apaga...

BRIAND

No principio da sua carreira, Briand viu-se envolvido num processo, por um caso de amor que fez então as delicias dos bisbilhoteiros da cidadezinha de St. Nazaire. No final do processo, o procurador — chamava-se Frémont—tinha-o fulminado rancorosamente:

—Diga o que disser, senhor Briand, faça o que fizer, a sua carreira chegou ao fim!

Quinze anos mais tarde, o procurador geral da Republica apresentava ao novo ministro da Justiça uma lista de magistrados a quem, pelos seus anos de serviço, devia ser conferida a Legião de Honra. O ministro não era outro senão Aristides Briand. Leu o documento, que lhe não suscitou qualquer reparo, quando o procurador geral entendeu dever explicar:

—O procurador Frémont figura na lista. Os anos que êle tem de serviço dão-lhe o direito á roseta...

—Mas eu não fiz qualquer objecção...—disse o ministro.—Pela minha parte, julgo que, quinze anos passados, o seu rancor se terá atenuado e que êle se julgará digno de aceitar alguma coisa da minha mão...

Crepusculo dos Deuses...

RIBBENTROP

Em Novembro de 1940, estava então em pleno funcionamento o pacto russo-alemão celebrado dias antes de estalar a guerra de 1939, fez-se na Opera de Moscovo um espectaculo de gala, que teve volume e expressão de grando acontecimento mundano e diplomático. Programa escolhido com a mais evidente das intenções: a Tetralogia wagneriana—a mais caracteristica expressão da arte alemã—posta em cena no mais solene dos palcos moscovitas.

Assistia todo o mundo oficial: o govêrno soviético, as representações diplomáticas, alto funcionalismo, generais russos constelados de garbosas condecorações. Em lugares de honra, o embaixador alemão, conde von Schulenburg e todo o estirado e imponente cortejo dos seus colaboradores.

O espectaculo era, porém, uma visão inteiramente nova do espirito wagneriano, pois a imaginação dinamica do «meteur-en-scéne» tinha emprestado um ritmo de bailado russo á urdidura da lenda germanica, com walkirias graciosas e insinuantes muito longe do tipo pesado e solene que caracteriza os oriundos do Reno.

Um diplomata estrangeiro que assistia ao espectaculo, o embaixador romeno em Moscovo, Gregor Gafencu, podia comentar:

—Os espectadores alemães, ao mesmo tempo lisonjeados e consternados, seguiam com desgosto êste significativo drama de incompreensão mutua, que era já o prólogo do «Crepusculo dos Deuses»...

Efectivamente, apesar de todos os acôrdos escritos, de todas as visitas, de todas as solenidades, poucos meses depois os dois povos lançavam-se um contra o outro, na mais terrivel guerra de todos os tempos...

A SAPATARIA
ONIX
ONIX
25 R. GARRETT, 27
TEL. 22214
LISBOA
Deseja Festas Felizes

David Kit
Peles e Confecções
Av. Conde Valbon, 18, 1.º D. — Tel. 48089
Saúda as suas Ex.mas Clientes, desejando-lhes um Natal cheio de Felicidades.

A GALERIA A. MOLDER

deseja BOAS-FESTAS aos seus estimados Clientes
R. 1.º Dezembro, 101, 3.º
R. Rodrigues Sampaio, 136

CASABLANCA

PARQUE MAYER —— A'S 21 e 30 HORAS

GRANDE SUCESSO DA COMPANHIA INTERNACIONAL DE VARIEDADES SELECCIONADA

30-FORMIDAVEIS ARTISTAS-30

15 GRANDIOSAS ATRACÇÕES 15

UM PROGRAMA MONSTRO COM A MODERNA

Orquestra internacional

LOS ROULANDS

PILY CARBONELL

Lolita Bahamonde—João Aleixo

Pily Mily e seu «ballet»—Guiomar da Conceição—Manuel Calixto—José Valério—Bengala—Gorila?—Mimi Alcobia—Mário Nicolau—Miguel Ramos—Raul Nery

Natal e Ano Novo

GRANDE

«Reveillon»

Ceias mistério, com surpresa, «Delicias do Sultão»

4 Grandiosos bailes até de madrugada

Brilhantes e feericas decorações a carácter

4 Animadas matinées

Reservem as suas mesas

Amanhã «matinée» às 15,30

TRÊS NOTAVEIS ATRACÇÕES

MERCEDES BEGOÑA

FLORIANA RICCARDI

ELVY AND JAURY

Um dos grandes êxitos do **ARCADIA**

CONCHA

DANCING - BAR

O mais caracteristico cabaret de Lisboa

Grandioso programa de variedades internacionais com a simpatica artista

CARMEN MONTECRUZ

Novos numeros pela moderna orquestra

LUSO-BRASILEIRA com o cantor ALFREDO LOPES

As noites mais alegres de Lisboa

São Luiz T. 2072 — A's 21,30

2.ª semana

O REGRESSO

em tecnicolor

com Roddy Mcdowall, Donald Crisp e o famoso cão «Lassie»

POLITEAMA SIL TEL. 26305

A's 21,30

2.ª semana

NÃO SOU CRIMINOSO

com John Garfield, os «Incorrigiveis» e Ann Sheridan

ODEON

A's 21 e 30

PALACIO

A's 21 e 30

A ALEGRE VIUVINHA

com Deanna Burbin

Ginásio T. 26556

A's 21,30

4.ª semana

A mulher dos meus sonhos

Agfacolor

com Marika Kökk

Direcção de Mundial Filmes

REX

Telef. 29656

A's 21 e 15

A viuva alegre

Rainha Cristina

CENTRAL TEL. 24581

As 21 e 30 h.

SENHORES DO MAR

O CARA DURA

TIVOLI

A's 21 e 30

TELEF. 60595

Sinfonia de Estrêlas

em tecnicolor

com Carmen Miranda, Alice Faye, Benny Goodman e sua orquestra

EDEN

A's 21,30

Telef. 2 0768

2.ª semana

ALI-BABÁ E OS 40 LADRÕES

com Maria Montês, Jon Haal e Turhan Bey

«Matinées» diárias

CONDES

A's 21 e 30

ESTREIA

A LOIRA DO DIAMANTE

com Chester Morris

Duas pequenas atrevidas

com Joan Davis

CAPITOLIO

Telefone 27493

No Salão, às 21

O FUGITIVO DE HONG-KONG

O JUSTO PELO PECADOR

LYS

Tel. 48560

A's 21 e 15

A NOIVA PERDIDA

Quem matou?

TERRASSE

Tel. 20917 — A's 21 e 15

A Legião Branca

A canção do mistério

CASINO ESTORIL

A's 21 e 30

A PEQUENA HEROINA

com Shirley Temple

mabel

Cumprimenta Suas Ex.mas Clientes desejando-lhes BOAS FESTAS

LISBOA GARRETT, 44 2 7073

TEATROS E CINEMAS

Um empate imprevisto...

O actor Carlos Baptista tem um mérito: estudar e procurar valorizar todos os papeis, pequenos que sejam; um passatempo: as palavras cruzadas; e uma mania: o futebol. O pior é que os jogos de futebol são ao domingo—á mesma hora das «matinées». Resultado: só pode ver o jogo... quando chega o «Diário de Lisboa». A espectativa é alimentada por apostas com Erico Braga, que não quere que se saiba mas é outro entusiasta da bola. Quem perde a aposta paga os licores do jantar.

Em dia de jogo rijo, as apostas, naturalmente, sobem de valor. No ultimo Benfica-Sporting, porém, chegou um alviçareiro adiantado—mas dava o resultado ao contrário. A aposta logo se liquidou—e, quando, chegou a noticia certa, já estava... bebida. Como depois houve que a beber ao contrário, o jogo ficou empatado...

EFEMERIDES

Nasceram a 23 de dezembro o actor Emilio Correia e o empresario Freitas Brito.

1874: nasce o escritor teatral e empresario Luiz Galhardo; 1917: estreia-se como autor, no Trindade, o escritor Henrique Galvão, colaborando na revista «Papagaio Real» com Flavio Santos e Jorge Grave; 1920: representa pela ultima vez, no Trindade, na peça «A Severa», a actriz Etelvina Serra; 1921: estreia-se como autor, no teatro Nacional, o escritor Sousa Costa, com a peça em 3 actos «Frei Satanaz».

Atrás do reposteiro

Além do teatro Nacional, a companhia do Variedades, dirigida por Maria Matos, é a unica que tem anunciado, para esta epoca, originais portugueses de declamação.

—Ainda não está decidido quem será a artista que vai interpretar a protagonista da nova opereta portuense «O gaiato da rua».

—A «tournée» que tem andado pela provincia com as peças «O Zé do Telhado» e «Fora dos eixos» regressa a Lisboa no dia 7 de janeiro, dissolvendo-se a seguir, para se fundir com a actual companhia do Avenida, organizando-se, depois, outra companhia que fará nova «tournée».

—A empresa arrendataria do Apolo ainda não resolveu nada sobre a exploração daquele teatro depois de abril, sendo provável que continue ali o empresario Antonio de Macedo.

—Começam esta semana, no Apolo, os ensaios de coros da nova revista «Vitoria».

—A opereta «A invasão», que se destina á actriz Minita Casimiro, não tem ainda data marcada, mas só irá á cena depois da revista «A Rua», que se segue á «A Marcha de Lisboa».

—A estreia da nova opereta do Avenida, ainda sem titulo, está marcada para os primeiros dias de janeiro. A esta peça deve seguir-se uma fantasia de João Bastos.

—Os autores portuenses Arnaldo Leite e Heitor de Campos Monteiro estão a escrever uma revista para ser representada num dos teatros do Porto e depois em Lisboa, no Maria Vitoria.

—A revista «A Voz de Lisboa» subirá á cena no proximo ano, com musica dos maestros Jaime Mendes e João Nobre.

—Ivo de Montemór e Carlos Rodrigues estão a adaptar uma comedia espanhola com o titulo «O Jardim da Estrela», que se destina a Estevão Amarante e a Laura Alves.

—A primeira figura masculina da nova «tournée» organizada pela empresa Rosa Mateus será o actor Carlos Leal.

C-A-R-T-A-Z

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«O leque de Lady Windermere».
TRINDADE—A's 21 e 45—«A Rosa enjeitada».
AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A festa rija!».
MARIA VITORIA—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«A marcha de Lisboa».
APOLO—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«A canção nacional».
VARIEDADES—A's 20 e 45 e ás 22 e 45.—«A velha rabugenta».
COLISEU—A's 21 e 30—Nova Companhia de Circo.
CASABLANCA—A's 21 e 30—«Music-hall»

CINEMAS

S. LUIZ—«O regresso»
TIVOLI—«Sinfonia de estrelas».
EDEN—«Ali-Bábá e os quarenta ladrões».
POLITEAMA—«Não sou criminoso».
GINASIO—«A mulher dos meus sonhos».
ODEON—«A alegre viuvinha».
PALACIO—«A alegre viuvinha».
CAPITOLIO—«O fugitivo de Hong-Kong».
OLIMPIA—«Consciencias mortas».
LYS—«A noiva perdida»
CENTRAL—«Senhores do mar».
REX—«A viuva alegre».
TERRASSE—«A legião branca».
R. AMADORA—«A derrocada de um império».

Eis aqui o BÉNÉDICTINE

REJEITE TÔDO O PRODUTO QUE NÃO TENHA ESTA APRESENTAÇÃO E DENOMINAÇÃO, PROTEGIDAS PELA LEI, POR NÃO SER

BÉNÉDICTINE

Teatro Nacional D. Maria II

Hoje e tôdas as noites

O LEQUE DE LADY WINDERMERE

Amanhã, matinée para estreia da fantasia **O Anão-Gigante**, com Maria José e Pedro Lemos; e do **Auto da Pastora Perdida e da Velha Gaiteira**, com Maria Barroso e Maria Clementina.

APOLO Emp. António de Macedo

Telef. 2 8645

Hoje, ás 20,30 e ás 22,45

A revista do luxo e da gargalhada!

A Canção Nacional

com AMARANTE, HERMINIA SILVA, CARMENCITA AUBERT, RICARDO SANTOS CARVALHO, MARIA SIDÓNIO, CARLOS ALVES, JOAQUIM PRAIA e outros artistas

Amanhã e segunda-feira: «matinees»

VARIEDADES 2 SESSÕES A's 20 e 45 e 22 e 45

Reaparição da **Companhia Maria Matos** na comédia popular de grande êxito

A VELHA RABUJENTA

Amanhã e segunda-feira: «matinées»

A seguir: **A pobreza envergonhada**

AVENIDA Emp. José Loureiro Telefone: 2 7273

HOJE E TODAS AS NOITES

2 sessões às 20.30 e 22.45

A REVISTA POPULAR

A FESTA RIJA!

com LAURA ALVES, Teresa Gomes, Mina Braga, Alvaro de Almeida, Soares Correia e Luiz Escobar

TRINDADE Telef. 20000 Hoje às 21,45

O grande exito dos Comediantes de Lisboa

A ROSA ENJEITADA

com LALANDE, Antonio Silva, Hortense Luz, Assis Pacheco, Villaret, Ribeirinho

MARIA VITORIA 2 sessões, ás 20 e 45 e 22 e 45

Estreia da revista em 2 actos, de Alberto Barbosa, José Galhardo, Fernando Santos e Almeida Amaral

A Marcha de Lisboa

com Mirita-Vasco e uma grande Companhia

Amanhã e 2.ª feira «Matinées»

OLIMPIA CLUB

TEM A HONRA DE APRESENTAR:

ANITA COSTA

A MAIS CATEGORIZADA ESTRELA DE BAILE QUE ACTUALMENTE SE ENCONTRA EM PORTUGAL

UM SOBERBO CONJUNTO COM

PILI CARBONELL

NA SUA CRIAÇÃO «MI-JACA» E AS INSINUANTES ARTISTAS

HERMANAS ROSALES

O QUE E' O «AUTO da Pastora Perdida»

que vai àmanhã à cena no teatro Nacional

O Nacional dá amanhã, em «matinée», o seu primeiro espectáculo de Natal. Vão á cena a fantasia infantil «O Anão Gigante», da poetisa Ilda Correia Leite, que deve entroncar-se na tradição de Natal daquela empresa, e o «Auto da Pastora Perdida» e da «Velha Gaiteira», de Santiago Prezado. Cada uma destas peças servirá para apresentação de duas actrizes, saídas do nosso Conservatório: Maria José e Maria Barroso, cada uma com o seu temperamento e ambas portadoras de altas qualidades já reveladas, que vão agora ser evidenciadas em público.

Sôbre o «Auto da Pastora Perdida», o seu autor, dr. Santiago Prezado, deu-nos hoje algumas impressões:

—Há muito tempo que tenho êste plano de uma série de autos, em que pudesse escolher algumas das mais saborosas e ingenuas tradições do nosso povo. O primeiro dessa série, o «Auto dos pastores brutos», está há muito publicado em volume, mas, por me parecer que reune poucas condições de teatralidade, sempre me opus á sua representação formal.

—E êste novo «Auto»?

—Amélia Rey Colaço sabia da existência do primeiro e sempre manifestara por êle o maior interêsse. Por isso, quando ordenei êste segundo, logo se dispôs a levá-lo á cena.

—E' escrito em intenção das crianças?

—Por favor! Não quero dizer que o espectáculo, principalmente pela sua expressão visual, não possa ser incluido, num interêsse, num espectáculo para crianças. Mas a sua ingenuidade é a própria ingenuidade dete género teatral, compreensivelmente primitivo. A sua estructura, porém, a sua construção, o trabalho que encerra de recolha de elementos, dão-lhe uma categoria que não será bem a de um espectáculo infantil...

—Qual é o seu espírito, então?

—Trata-se, como lhe hei-de dizer?, de uma estilização de alguns velhos autos que andam na tradição popular e que, por esta epoca, costumam representar-se na região da Figueira da Foz. Aproveitei-lhes, como compreenderá, a espinha dorsal, sôbre a qual fiz uma construção inteiramente nova. O espírito é o mesmo, o corpo é outro. Algumas figuras foram agora introduzidas, outras ampliadas, de simplesmente esboçadas que estavam.

—E a apresentação do espectáculo?

—Julgo que se fez o mais que se podia ter feito. Todos deram a sua melhor vontade, o seu melhor sentido de colaboração. Amélia Rey Colaço, com um alto espírito de compreensão, ergueu mais um espectáculo que, no seu conjunto, será digno do seu nome.

ARCADIA

O DANCING N.º 1 — DE LISBOA —

Grande êxito da atracção

O «BALLET»

ESTRELAS DE ESPANHA

COM OS DANÇARINOS

HISA DE VARIN E JUAN OBRADOR

OUTRAS GRANDES ATRACÇÕES

DOLLY FOUR GIRLS AND GUIMO

ESTER DE GUEVARA — PEPITA NARVAEZ

ISABELITA ARIAS—MARILINA—LUISITA CABELO-CONSUELO SALAZAR—CARMEN ORTIZ—GUILHERMINA UDAETA — ANGELITA LOPEZ—BELIZANDA MACEDA—MARUJA PONCELA—ISABELITA MORALES e a vocalista NOLLY-LU

2 ORQUESTRAS DE RITMO MODERNO

ASTROS MELÓDICOS E SEUS CANTORES

ARCADIA-BOYS com o solista JOÃO SILVEIRA

Amanhã: Chá-Dançante, ás 17 H.

CRISTAL BAR-DANCING DA MODA

TÔDAS AS NOITES

Um programa de variedades com as mais notáveis atracções internacionais que actualmente se exibe em Lisboa

VELEZ-ARAQUE

Parelha de baile clássico espanhol

e RAFAEL DE LA CRUZ — PEPITA MARTINEZ

Hermanas Sandra—Paquita Serrano—Vera Frey—Maria de los Dolores—Mily Marga—Lili Frances—Ballet Andaluzia—Orquestra Cristal e o grande êxito musical da temporada. QUINTETO MURILLO

com o cantor JOSÉ SEGARRA

Amanhã: CHÁ-DANÇANTE ÁS 17 HORAS

Chapeaux Gonçalves

Jeanne Vieira, ex-gérente de l'ancienne Maison Gonçalves, a l'honneur d'inviter ses Clientes pour une visite à l'exposition de chapeaux à Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, 1er, Dt.

AUTOMÓVEIS

BATE-CHAPA

PINTURA

ESTOFADOR

MECANICA

LUBRIFICAÇÕES-LAVAGENS

Estação de Serviço

AUTO-TRIUNFO

R. Santa Marta, 56-F.

NATAL

por Julio Dantas

(Continuação da 1.ª pag)

homem quási não toma parte, a não ser na atitude passiva de adoração. Adoram os pastores,—expressões de humildade; adoram os reis,—padrões de grandeza; e, uns e outros, assistem aos factos deslumbrantes com a mesma profunda incompreensão, em êxtase perante as palhas onde uma criança dorme e junto das quais a mais doce das Mães vela e sorri. Como nas Tesmofórias, em que se celebravam duas castas figuras femininas da teogonia grega,—o Natal excluiu o homem, ente rude e brutal, que só adora o que não compreende, e que só compreende o que satisfaz os seus instintos e a sua natureza telurica. No templo de Ceres e de Prosérpina era-lhe defesa a entrada, e considerava-se sacrílega a sua presença durante os sacrifícios. Assistindo aos actos rituais da Natividade, o homem—agente de destruição—assiste á festa das suas maiores vítimas, que são, precisamente, a mulher e a criança.

Nesta hora de sofrimento universal, o Mundo, celebrando a Criança divina e a Mãe divina, imagens de um lar ainda então feliz, não pode deixar de recordar a dôr de tantas crianças na orfandade, a angústia de tantas mães na viuvez, a ruína de tantos lares devorados pela miséria, pelos incêndios e pelas devastações. Perante o espectáculo da infancia faminta, que marcha em levas para longe dos regaços maternos; da candura virginal imolada ao instinto feroz das massas humanas; dos berços vazios; dos campos talados, incendiados, cobertos de cinzas e de cadáveres,—a obra do homem aparece-nos em tôda a sua hediondez, e nós preguntamos a nós mesmos para que tem servido, há quási dois milénios, a lição moral de uma religião de paz, de caridade, de bondade e de respeito pela vida humana. Prégou-se o amor da criança,—e a criança é martirizada, levada em rebanhos, morta de fome e de frio; instituiu-se o culto da Mulher,—e a mulher devora em lágrimas as mais cruéis afrontas á sua fraqueza; criou-se a religião do lar,—e os lares, desertos, reduzem-se a ruínas fumegantes. Que significação e que sentido pode ter hoje para o homo ferox *a doirada écloga da Natividade, se êle não respeita os valores morais que tão alto mistério encerra, e aflige as crianças, e atormenta as mulheres, e destroe a ara sagrada dos lares patriarcais?*

Ao escrever estas palavras, penso nas populações longínquas que vivem nas convulsões da guerra ou sob o império das armas, e o meu coração confrange-se. Passa hoje, na visão do sangue, do exílio, das labaredas e dos naufrágios, mais um Natal cristão: o sexto Natal da guerra. Perante o presépio radioso—santificação da família, espiritualização do amor—ajoelham, de luto, mulheres e crianças. A Natividade chegou; mas a Paixão continua.—J. D.

OS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

OFERECEM aos seus clientes O PERÚ DO NATAL REPRESENTADO POR EXTRAORDINARIAS PECHINCHAS

PELES

O PERU QUE VOS OFERECE

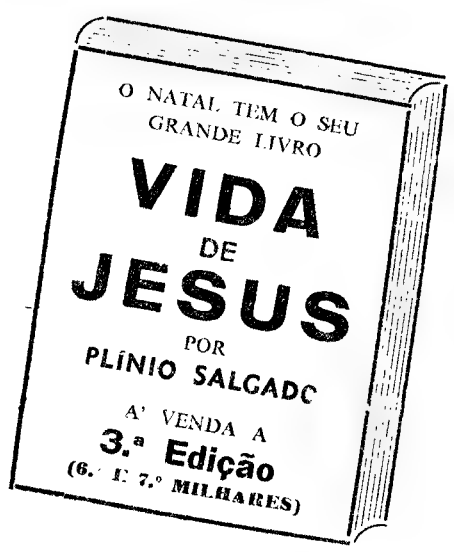
Os GRANDES ARMAZENS do CHIADO

CASACOS CURTOS a	340$00
DITOS A TRÊS QUARTOS a	580$00
DITOS COMPRIDOS a	750$00
RAPOSAS ARGENTÉES a	595$00
GOLAS MODERNAS a	97$50
PELES p.ª CONFECÇÃO desde	5$00

PELES SEMPRE OS MAIORES SORTIDOS AOS MELHORES PREÇOS

NOS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

DEPOSITARIOS DAS FABRICAS



Pneus, Câmaras, Baterias, Esponjas, Camurças, Ferramentas, Remendos a fogo, Lâmpadas para automóveis, Óleos. Massas consistentes, Valvulinas

Aceitamos **BATERIAS** para reconstruir e **PNEUS** para recauchutar

Tudo para automóveis

Telefone 41579

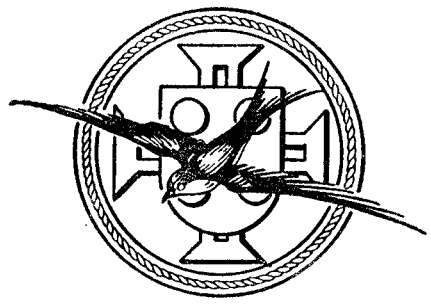
38 - RUA DO SACO - 40

(AO CAMPO DE SANTANA)

DOMINGUEZ & LAVADINHO, LD.ª

PAPELARIAS nacionais e estrangeiras

TINTAS DE ESCREVER nacionais e estrangeiras



FABRICA de sobrescritos, manipulação de papeis de escrever e sacos de papel

PAPEIS QUIMICOS, Lapis, artigos de escritorio e de desenho

SEDE: Rua da Assunção, 79 a 85 e Rua dos Sapateiros, 135 a 143
TELEFONES: 2 5201/02
FABRICA: Av. Casal Ribeiro, 18 a 24—LISBOA

Carcavelos

Vende-se ou aluga-se ao ano, linda moradia, todas comod. garage, jardim, etc. R. José Pereira Vasconcelos esq. Estrada Nacional.

Leitão assado da Bairrada

Façam já as vossas encomendas pelo 58-116, ou nas casas revendedoras, para terem a preferência.

H. VAULTIER & C.ª

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes um Natal muito feliz.

J. Gomes dos Santos, L.da

ALFAIATE

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 69 A 72

Deseja aos seus Exm.os Clientes e Amigos Boas Festas e Novo Ano cheio de prosperidades.

A. M. SILVA

Armas e munições

deseja festas felizes e um novo ano muito próspero aos seus Exm.os clientes e amigos.

RUA DA BETESGA, 43 e 67
Telefone 2 5424

LISBOA

Tel. 2 6576

Dionisio Matias & C.ª (Filho)

Materiais de construção e cantarias—Tubagem de grés e seus acessorios tejolos, telha de Marselha e Alhandra, cimento, pozzolana, areia, bacias, bidets e lavatorios nacionais e estrangeiros

ESCRITORIO: **CAMPO DAS CEBOLAS, 12-A**

Armazens: **CAMPO DAS CEBOLAS, D. M. F.**
Beco dos Armazens do Linho, 3

SHEFFIELD HOUSE

CASA ESPECIALIZADA EM CUTELARIA FINA

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

Manoel Antonio Fernandes (Herdeira)

26, R. Garrett—Lisboa — Telef. 2 8824

A Mariazinha

Sauda todos os seus dignos clientes e amigos, fazendo votos sinceros para que gozem festas felizes e para que o novo ano lhes traga saude, dinheiro... e gôsto de viver.

Café e Chá

R. Barros Queiroz, 26 e 28

Casa «Urânia»

de ANTONIO CASTANHEIRA DE MOURA
Representante da Cromagem e Metalurgia «Landolt»

——ROSSIO, 93-2.° (porta 37)——

Cumprimentam todos os seus Ex.mos clientes e amigos, desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano cheio de prosperidades.

magazine

ESPELHO CÔNCAVO

A propósito de chapeus

Está encerrado o inquérito que o «Diario de Lisboa» fez junto de vários artistas sobre o uso feminino dos chapeus. Pelas mais variadas razões, os entrevistados pronunciaram-se, quási todos, pela inutilidade dêsse atributo da moda feminina, ou porque ainda o melhor ornamento de uma linda cabeça é a sua propria cabeleira que, bem aproveitada, mais do que qualquer objecto estranho, a poderá valorizar; ou porque a tendência é para a simplicidade e para a economia ou, emfim, pelos mais diversos fundamentos de ordem estética ou artistica que os ilustres consultados entenderam considerar.

Se bem que a gente nunca se deva meter onde não é chamado, tambm direi que não parece razoável a gente pronunciar-se nêste caso, em absoluto, pró ou contra, mas condicionar o uso do chapeu conforme o emprêgo que dêle se fizer.

Como geralmente a moda é mal interpretada, imperfeitamente seguida e a maior parte não sabe escolher o que lhe fica bem ou transforma uma coisa que a moda criou para embelezar numa verdadeira caricatura, condenamos muitas vezes o uso do chapeu.

E não nos lembramos de que, sem certos abusos, certos exageros e sem o mau gosto que geralmente predomina, êsse conjunto de fitas, de flôres, de plumas ou de pequenas coisas delicadas pode completar, com outra linha, outra distinção e outra dignidade, uma «toilette» feminina.

Na rua, sem chapeu, num á-vontade e sem cerimonia de quem está em casa, o vestido mais «chic» perde grande parte da sua beleza e do seu valor e quem o levar fica no meio da massa anonima, sem se distinguir da multidão, vulgar e banal como toda a gente.

E' certo que há hoje poderosas razões de economia que o justificam e a vida é já uma coisa tão complicada e tão dificil que quanto menos coisas a complicarem e a tornarem mais fácil, tanto melhor; e, daí, a tendência para a maior simplicidade em tudo que o permita. Mas não foi uma razão de economia que fez guerra ao chapeu. Outras coisas bem mais dispendiosas continuam na berlinda...

O chapeu começou a estar desclassificado e a cair em desuso por sua própria culpa; foi êle que se desacreditou a si proprio e provocou a sua ruina. Certos modelos, ultimamente aparecidos e por tal forma adoptados e exagerados, eram tão ridiculos e caricaturais, que a sua função estética foi comletamente falseada e o seu uso se tornou contraproducente.

E, como todas as coisas, ainda as melhores, é preferivel pô-las de parte do que dar-lhe um mau emprêgo. Por isso, em boa verdade, a-pesar de não ter sido consultado, tambem opto pela abolição dêsse atributo da «toilette» feminina. Porque, efectivamente, êle é, em ultima analise, uma coisa inutil e, portanto, dispensável nas senhoras; porque, se elas são feias e deselegantes, não há chapeus, por mais bonitos, que lhes possam valer, e se, pelo contrário, são bonitas, interessantes e distintas, tambem são, a-final, de se lhes tirar o chapeu...

AUGUSTO CUNHA

SORRISOS

Lição da Experiência...

Ela, olhando o marido:

—Que farias tu se tivesses vinte mulheres?

Ele, olhando o fumo do seu cigarro:

—Casava-me outra vez, para ter só uma mulher...

Parada e resposta

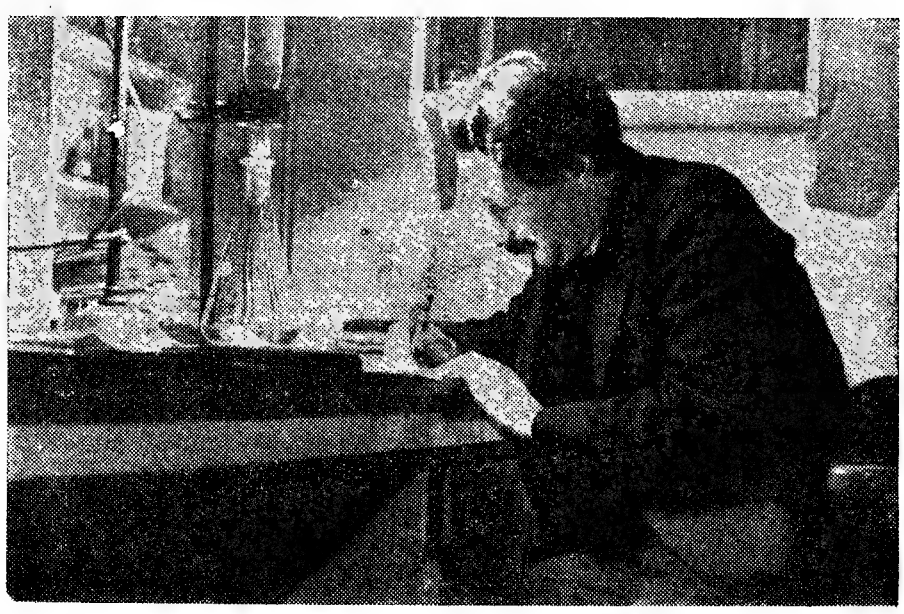
—Como se atreve você a continuar o jôgo se não tem dinheiro?

—E o senhor como é que se atreve a ganhar se sabe que eu não o tenho?

O passado o presente e o futuro

da penicilina

A história da penicilina está contada e recontada, mas não perde o seu caracter maravilhoso. A primeira descoberta das propriedades dêsse bolor já famoso obteve-a, há 14 anos, o professor Flemming, da Universidae de Londres. Em 1938, o professor Florey e os seus assistentes na Universidade de Oxford retomaram as experiências; em 1940, a substancia activa esteve isolada; em 1941, passou-se á sua aplicação no organismo humano —em casos considerados irremediaveis. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, os laboratórios das grandes universidades passaram á grande actividade de pesquisas e sôbre o maravilhoso remédio, que se revelava cura de tantos males. Agora, em Oxford, o dr. Chain, que fez parte do grupo de cientistas que primeiro conseguiram isolar a penicilina, aplica-se á tarefa de obter a penicilina sintética. Até onde será possivel levar o trilho glorioso dêste remédio-milagre?

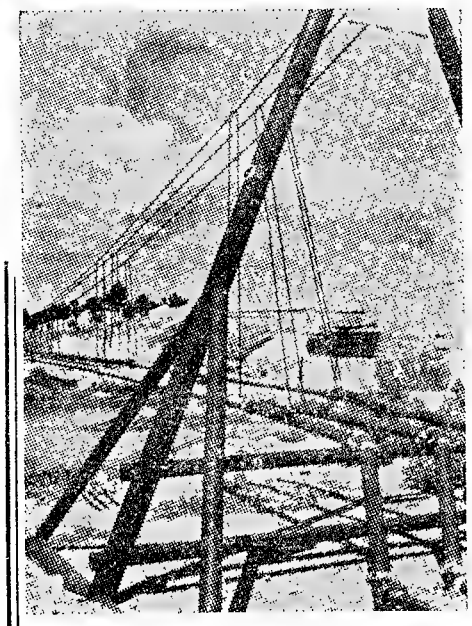


O prof. dr. Chain no seu laboratorio

BOAS ESPERANÇAS...

O barqueiro, ao alugar o barco:

—E' favor pagar adiantado, porque o barco tem uns buraquitos no fundo...



Este cenário aparentemente caótico, com certeza incompreensivel á primeira vista, foi recolhido por um «caçador de imagens» deambulando com a sua máquina pela Itália... E' um aspecto da instalação de uma rêde de canalizações de gasolina para os campos de aviação ao serviço dos exércitos em operações naquele teatro de guerra

Se tem sinais na pele não os tire!

Um jornal médico inglês lançou recentemente um aviso contra o perigo de se tirarem os sinais ou marcas de nascença no corpo humano.

—Não há maior tragédia na medicina—escreve o dr. Margaret Tod, de Manchester—do que a morte de um jovem paciente que estava em perfeita saude até ao momento de ser operado dum sinal no pigmento, por preocupações de beleza física.

O dr. Tod disse que, entre 1933 e 1942, em 100 casos que tratou, 34 pacientes morreram em consequência de tratamento inadequado.

Conta ainda aquele médico que uma rapariga, de 24 anos, que mandou tirar uma sarda da face, morreu três anos depois, como consequência directa disso. Um rapaz, de 26 anos, que mandou operar-se de uma mancha na pele do joelho, morreu 16 meses depois.

O mistério das geleiras

que ocupam dez por cento da superficie total da Terra

Calcula-se que o espaço total ocupado pelas geleiras terrestres seja de 15 milhões e 500 mil quilómetros quadrados, isto é, 10,5 por cento da superficie da Terra. As geleiras apresentam muitos problemas á investigação cientifica, alguns dos quais já estão resolvidos, graças a métodos novos. Outros, porém, ainda são discutidos. Têm-se feito, nos últimos anos, principalmente nas regiões alpinas, largas investigações, por novos processos, como a medida sismica da espessura do gêlo, a classificação analítica do polen das flores contido na massa, e, sobretudo, estereofotogrametria.

Por meio do chamado método sísmico, mede-se a velocidade de transmissão de um forte som, artificialmente produzido nas diferentes camadas das geleiras: a análise dos pólens encontrados nas diferentes camadas de gêlo permite tirar conclusões ás vezes definitivas; a planta estéreo-fotogramétria obtém-se com aparelhos que permitem fotografar o espaço das geleiras em determinados periodos.

Um problema que surge é êste: as camadas de gêlo permanecem imutáveis e são encrinadas de algum movimento elucidativo? O geógrafo Drygalski emitiu recentemente a opinião de que os elementos do gêlo permanecem sem evolução apenas na parte superior de uma secção transversal; unem-se na parte central; e afastam-se na parte inferior.

Êste movimento activo das geleiras realiza-se em contacto com a terra; por conseguinte, é aí que se regista a maior velocidade. Tudo isto, porém, é justamente o contrário do que se acreditava anteriormente. De facto, da posição obliqua da sonda deduzia-se que as camadas inferiores se moviam com velocidade menor do que as superiores. Segundo Drygalski, esta posição obliqua é devida unicamente ao facto de as camadas superiores serem menos plásticas e oferecerem, portanto, maior resistência á sonda.

A Natureza até á eternidade se fará rogada em nos revelar os seus segredos...

Idélas baratas...

A critica é privilégio dos espiritos prudentes e avisados.

■

A critica e a maledicência não podem viver de paredes meias.

■

A maledicência é o espirito das nulidades que se julgam tocadas pelas fulgurações do génio.

■

Só ao sorriso das mulheres se pode permitir o direito á maledicência.

■

Quando três mulheres tomam chá e se dizem mutuas amabilidades—estão a ver se descobrem, umas ás outras, algum pormenor de vestido que tenha passado de moda...

■

A moda é a obra prima da futilidade.

■

O espirito de certas pessoas é como as meias de seda: quanto mais fino é, menos se dá por êle...

■

Falar é uma arte; escutar é uma ciência.

■

Com bonitas palavras podem dizer-se coisas feias.

PINTURA DO SÉCULO XIV

descoberta na Westefália

Numa igreja da cidade alemã de Schwerte, na Westefália, descobriu-se há pouco, uma pintura mural, com cenas da Crucificação. Os peritos são de opinião de que se trata de uma obra valiosa do século XIV.

Os que começam a julgar-se entendidos procurarão, talvez, descobrir a que época e a que região devem atribuir êstes exemplares de ceramica... Em boa verdade, estas «peças» não são de ceramica, mas minas explosivas recolhidas na frente italiana por sapadores do 8.º Exército. Na construção dêstes engenhos entra em percentagem muito elevada massa de vidro, fundida numa liga metálica. Chamam-lhe, por isso mesmo, a «mina de vidro».

PAPELARIA

Especializada em livros para escrituração

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Artigos de fantasia — Canetas com tinta — Lapiseiras — «Carnets» — Carteiras — Pastas — Albuns para fotos — Tinteiros — Papeleiras — Facas para papel, etc., etc.

CARLOS

Rua Aurea, 34-38 — LISBOA — Telef. 2 0244

PREFIRAM SEMPRE

Collares

V. S.

VISCONDE DE SALREU

D. J. SILVA, L.DA

T. 47154 - 33-R. Rodrigues Sampaio-35 — **LISBOA**

Parceria Geral de Pescarias

Armadora de Navios para a Pesca do Bacalhau

Fundada em 1891

LUGRES MOTORES:

«Argus» — «Creoula»

«Ortense» — «Gazela 1.º»

—o-o—

Sede e Secadouros: **AZINHEIRA VELHA**

BARREIRO

FÁBRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GÉNEROS

CHAPAS ESMALTADAS-SELOS EM BRANCO-SINETES PARA LACRAR

E. E. de Sousa & Silva, L.da

Casa fundada em 1819—Telefone 2 7915

GRAVURAS EM TODOS OS GENEROS

DATADORES E NUMERADORES, EMBLEMAS PARA SPORT, ETC.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO E DE NOVIDADE

BORDADOS DA MADEIRA

157-159, Rua do Ouro — LISBOA

PRODUTOS DE BELEZA

Marca «SALOME'»

—OS MAIS PUROS E MAIS PERFEITOS—

SABONETE «SALOME'»

Neutro, finissimo e de grande rendimento, discretamente perfumado com a essencia da flôr da **Acácia Mimosa**. Cada 4$50.

FARMACIA LIBERAL

Avenida da Liberdade, 213 a 221 (esquina da Rua Rosa Araujo) **LISBOA**

Telef. 4 3641

Sociedade Luso Eléctrica, L.da

11, Calçada Marquês de Abrantes, 13

Telefone 6 0331 — LISBOA — Telegramas «Luseletrica»

Instalações e reparações de luz e fôrça motriz

Material estanque próprio para instalações a bordo. Motores eléctricos. Alternadores. Transformadores

Máquinas de soldadura eléctrica

Material para alta e baixa tensão

Secção de Tipografia, Encadernação e pautação—Trabalhos simples e de luxo

PAPELARIA CAMÕES

de AUGUSTO RODRIGUES & BRITO, LD.ª

Tintas de óleo, aguarela e desenho das marcas: **Lefranc, Winsor, Pelikan e Schmincke**

42—Praça Luiz de Camões—43

Telef. 2 3963 **LISBOA**

MECO, L.DA Telefone P. B X. 20496 - 27316

20 — Largo Rafael Bordalo Pinheiro — 25

Fábrica de sobrescritos e manipulação de papeis
Depósito de papéis e cartolinas de todas as qualidades

Fabricantes exclusivos da famosa marca de papel **MICKE**

FRIO?

1 hora de calor agradável

1 Escudo

com o

PETROMAX

O único calorifero **sem pressão** a **Lubrifina** ou a petróleo!

EXPOSIÇÃO E VENDA:

LISBOA — R. Eugénio dos Santos, 169-173

Telefone 2 4252

PORTO — R. Fernandes Tomaz, 574-676

Telefone 5764

CIMENTO TEJO

Cantarias, Marmores, Jazigos

e materiais de construção

ANTONIO MOREIRA RATO & F.os, L.DA

Av. 24 de Julho, 54 F.

T. 6 0879 — LISBOA — Teleg. RATOFILHOS

AUTOSIL — Baterias — Reconstruções

AUTO-ELECTRICIDADE

A. A. Silva

Avenida 24 de Julho, 26-B, 26-C **Tel. 61583** LISBOA

OUTROS TEMPOS. . .

Alegres dias de Natal

Não há assuntos em absoluto esgotados. Aparecem, sempre, pormenores ou aspectos renovados, contradições e mesmo evoluções, afirmativas ou negativas, pontos adstritos ou esclarecedores, ligações inesperadas, modos diversos de apreciar.

O tema, radioso, do Natal, já de si belo, é o que abrange maior número de elementos, uns inéditos, outros de fugaz citação anterior.

Os sinos encontram-se nêste último campo. Acudindo, na sua voz estentorea, a todas as alegrias ou vicissitudes, exasperos ou tristezas dos povoados, ainda não obtiveram suficiente relêvo na missão vibrante de relembrar ao Mundo inteiro, após as doze badaladas também especialmente caracteristicas, a Verdade irrefutável do Nascimento do Senhor de todos os Destinos e êle próprio Destino Certo, Maravilha de Virtudes, Sangue de todos os Sangues, Alma Máxima de todas as Almas.

Os sinos têm merecido os cuidados exalçantes de egregios poetas e eximios prosadores, de músicos e cantadores. Revibram nos livros e nas gargantas, no reflexo da sua voz sonora.

O povo define-lhes a contextura no provérbio:

«Não se fazem sinos com rocas».

Mas, áparte os notulados musicais do francês Lebail *Les cloches du Noel;* de H. Busser, *Sinos do Natal;* e do português Miguel Fernandes, setecentista, cremos, *Festivos sinos do Natal,* não conhecemos mais assinaladores da tarefa, nessa hora benta cometida aos altaneiros habitantes dos modestos campanários, dos ricos carrilhões ou das notorizadas torres catedralescas.

E muito embora os sinos se não cinjam ou limitem, á expansão dessa data de dulcitude para os Crentes, é obvio que nela pontificam.

Bem o disse na sensibilizante *Mensagem* de 1943, o venerando Cardial Patriarca de Lisboa, sr. Dom Manuel Gonçalves Cerejeira:

«Para não sentir nêste Dia de Natal, em que as almas límpidas das crianças fraternizam com os Anjos e os mansos animais dos Presépios, vibrar dentro de nós as cordas da mais doce de todas as emoções, é porque o Coração já morreu em nós».

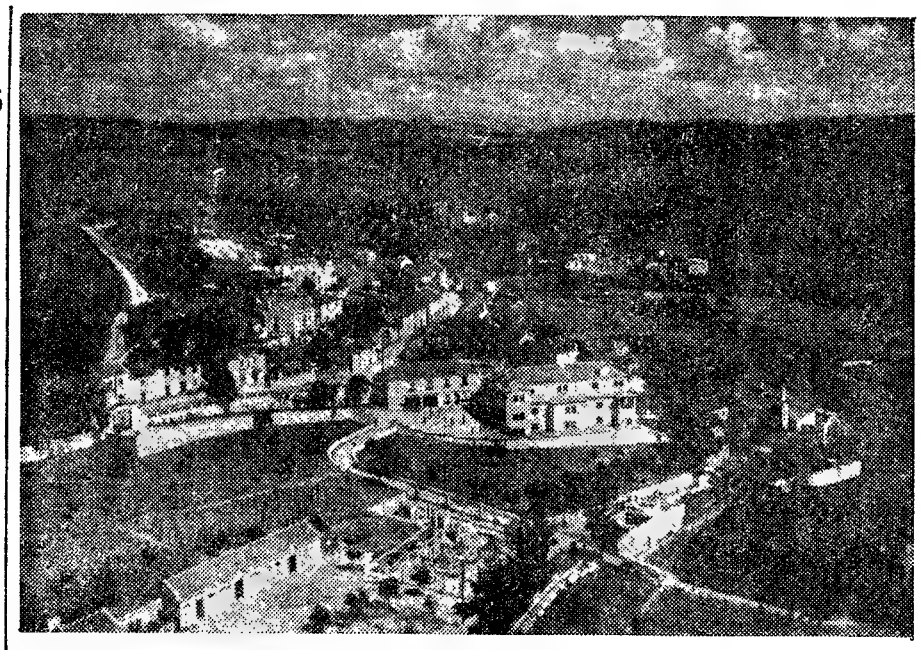
E o papel entusiástico de o fazer novamente palpitar, de reavivar no Orbe, a necessidade de espiritual elevação até Deus, e o instante de funcionamento da Família na Ceia da Meia Noite, cabe, orgulhosamente, aos sinos, os alegres *Sinos do Natal!...*

ARMANDO RIBEIRO
(Do Instituto de Coimbra)

PUBLICAÇÕES

«Guias» Caminhos de Ferro e Camionagem

Recebemos o «Guia Geral de Caminhos de Ferro, Aviação, etc.» e o «Guia Geral de Camionagem e Turismo», referentes ao corrente mês, editados pela «Financial», rua Passos Manuel, 134, 1.º, Pôrto, com informações sôbre horários de caminhos de ferro, camionagem em todo o país. A publicação é oferecida gratuitamente a quem enviar $50 para despesas de expediente e porte.



A-da-Beja vista de aviao

ARREDORES DE LISBOA

Um centro de altitude

a dois passos da capital

O apêlo do visconde de Almeida Garrett nas «Viagens na minha terra» não foi em vão. Lisboa, a nossa terra comum, ignora os seus arredores. Com a auto-estrada rasgaram-se horizontes novos sobre a barra e sobre o oceano, e Lisboa teve uma hora de apoteose com horizontes e aspectos nunca de outrem visto, e admirados.

Viajar nos arredores, é amar com duplo carinho a nossa cidade comum, a nossa *civitas municipalis.*

A quatro quilometros de Carnide e a nove quilometros da Amadora, a capital dá-nos um centro climatérico, um Caramulo e uma Guarda a dois passos do nosso lar colectivo, na pequena aldeia de A-da-Beja, dir-se-ia uma daquelas pequenas aglomerações de quatro a cinco fógos, em plena época mediéval, e que hoje são cidades e vilas importantes.

Assim, nós, como os bandeirantes brasileiros, avançámos caminho, caminhamos adiante do proprio tempo.

Este centro climatérico lavado por ares saudáveis e providenciais tem uma estrada de ligação, antiga estrada de Caneças, do tempo de Ramalho e Garrett, que paradoxalmente pertence a três municipios Sintra, Oeiras e Loures. Foi por associação de interesses municipais beneficiada em esgotos e aguas publicas pelos proprietarios grados da localidade, que deram materiais e custeio, entre eles o major sr. Botelho Moniz e o sr. Virginio Duque Simões.

Além dos fundamentais e necessarios problemas de esgoto existem dois chafarizes, um de 1865 de C. Mardel F. junto a uma curiosa casa do seculo XVIII, e outro construido junto da Escola Primaria, em 1906, mas estando sem nenhumas condições de utilidade publica e que foi felizmente restaurado em 1924 por iniciativa particular, em que os mesmos citados habitantes comparticiparam amplamente, com a simpatia e o aplauso sinceros de toda a região.

A-da-Beja é um rincão felicissimo onde a vida decorre numa calma paradisiaca, dir-se-ia que a idade média e a renascença ressurgem em pleno seculo XX, com toda a sua beatitude.

Bemaventurança, calma elisea, sossego de alma, repouso da lembrança na sintese votiva de Luiz Vaz de Camões, eis o brasão moral de A-da-Beja.

A quatro quilometros de Lisboa tem-se a sensação do Caramulo e da Guarda e ao longe Lisboa é um anfiteatro de luzes junto ao Tejo, tendo ao fundo a linha esfumada do oceano, perdido nos longes. Garrett tinha ampla razão.

O lisboeta ignora a sua terra, a beleza e a *mise-en-scéne* dos conjuntos decorativos e panoramicos.

Alvitra-se a criação duma Casa de Saude de altitude e repouso. Repouso e convalescença numa construção de luxo, no genero Chamonix e Davos-Platz, beneficiando a localidade e dando-lhe expansão, aumento populacional e comodidades médicas e europeias, criadoras de civilização.

E' justo chamar agora a atenção humanitaria do Estado para a beneficiação de estradas, razão determinante de todas as novas populações suburbanas, que pretendem desenvolver-se.

A antiga estrada de Caneças, abandonada, devido ao facto um pouco contraditorio de pertencer a três municipios, merece uma imediata reparação porque encurta o trajecto de Lisboa a Caneças, cinco quilometros e vinha beneficiar A-da-Beja, risonha e ridente povoação, lembrando as aldeias portuguesas do seculo XIX, com tão vastos horizontes e dilatadas perspectivas.

Segundo opiniões médicas autorizadas, A-da-Beja tem um clima de altitude, sêco, com todas as condições para higienização e convalescença.

Temos de salientar o que ha de louvavel no interesse dos proprietarios e do povo neste facto digno de nota: toda a gente deu espontaneamente o seu trabalho gratuito, tornando uma realidade o que para muitas terras e aldeias é apenas um sonho e uma aspiração.

Todos por um e um por todos, é a divisa que deu a essa localidade um sentido socialista e humano, cooperativista, ajudando todos os cidadãos a solucionar o problema das aguas e esgotos, razão determinante das necessidades instantes de todas as terras de Portugal.

Um centro climatérico, uma pequena *suite* da Suiça, surge a quatro quilometros da nossa capital, que é o extremo ocidental e fim da Europa.

Aproveitemo-lo, beneficiemo-lo, e dêmos-lhe a amplitude e as facilidades oficiais a que essa localidade privilegiada tem jus.

A visão panoramica é maravilhosa. Lisboa, ao longe, numa cenografia unica, tem fundos e renques de luzes que de noite lhe dão um aspectos lendário e unico. E a todas as horas e a todas as luzes, a capital é sempre o cenario deslumbrante!

A dois passos da capital (o nosso lár colectivo e comum) temos um centro climatérico e um silencio de paraiso. Aproveitemo-lo.

CORREIA DA COSTA

Um cabo aéreo

que ligasse a Graça e o Carmo resolveria o problema de trânsito

O problema do transito, em Lisboa, na perspectiva das suas soluções, tem preocupado várias vezes algumas autoridades na matéria, quer municipais, quer policiais, e algumas pessoas, de engenho técnico e de inventiva, têm lançado ideias que se perdem com o decorrer do tempo.

Uma ponte desde S. Pedro de Alcantara a Santana andou mesmo vislumbrada num plano que chegou a aparecer numa planta de Lisboa.

Uma ideia mais simples—que não há inconveniente em recordar—apareceu em maio de 1928 na Imprensa de Lisboa, depois de, dada como «invento original», haver sido objecto de patente rejeitada, sob o n.º 14.464 na repartição de propriedade industrial do Ministério das Obras Públicas e Comunicações em 8 de março de 1927. A invenção data de 1925 e foi apresentada em 9 de fevereiro de 1926.

O «invento» classificado de «aeroplano captivo» foi apresentado, pelo sr. Pascoal Marcelino Cardoso dos Santos, cidadão português, ao tempo residente na rua Cavaleiro de Oliveira.

Práticamente, e sem explanação de pormenores técnicos, o invento consubstanciava-se em pouco.

Construir-se-iam duas grandes torres, de ferro armado, suficientemente estabilizadas, com praticabilidade interna e uma delas com ascensor. Situava-se uma na Graça ou no Castelo, e outra no Carmo.

Estas torres estariam ligadas por dois cabos aereos, aos quais se adaptariam, em sistema de vai-vem, cabines para passageiros, accionadas por potentes motores instalados na base das torres. Essas cabines seriam em forma de avião.

Mas haveria, ou poderia haver também um avião cativo, que fôsse guindado por um cabo, por sistema de roldana, e que partiria de um ponto A, subiria sobre o vale da Baixa e iria descer num ponto B, do lado oposto da partida, isto é: ligando o oriente e o poente da cidade. O ponto de apoio, ou eixo da grande roldana, estaria suspenso do cabo aereo que ligaria as duas citadas torres.

Tudo isto parece muito vago, e limitado por um mundo de fantasia. Mas o registo diz isto mesmo, e o inventor ainda não desistiu da sua ideia. A memória descritiva é parca de pormenores técnicos, de engenharia e de caracteristicas materiais.

Mas não vem mal ao mundo dar á invenção do sr. Pascoal Marcelino mais alguma publicidade.

MOSAICO

internacional

As moscas e os sábios

Desaparecidas da medicina e da literatura as moscas e suas larvas, que tanto atormentaram as reconfortantes sestas de quantos Eusébios Macários houve na farmacopeia rupeste dos séculos XVIII e XIX, não menor é o seu valor e categoria cirurgico-médicas na asepsia dos grande innovadores americanos da presente guerra.

Ricardo Royo Villanova, decerto filho do ilustre parlamentar aragonês dêsse apelido, num lucido e conciso artigo nos recorda, agora mesmo, o insigne lord José Lister, cirurgião consagrado que viveu de 1827 a 1912. E, após êle, o mostruario de exemplos da outra grande guerra. As larvas de certas moscas revigorizando, em numerosos individuos, o poder de auto-cicatrização desfalecido no homem demasiado limpo.

As chinesas dos bichos no Peru

Já Ambrósio Paré pressentira êsse universo de reacções inflamatórias, curativas de desesperados casos de reumatismo e de outros, delicadissimos, que o levaram a afirmações terminantes.

E', por igual, dos dominios do empirismo sistematizado o relatório do dr. Ley, cirurgião-chefe dos exércitos napoleónicos no Egipto, no qual assinala a acção curativa da mosca azul. E, na Guerra de Sucessão, Klen observou infinitos casos, procedendo á montagem dos serviços de aproveitamento de larvas e moscas necrófagas.
éxxxxxl;Tci—v C.

Lembramo-nos das «chinesas dos bichos» e dos conflitos a que deram lugar, na nossa arquicivilizada Lisboa, ao relêr as menções feitas por Royo Villanovo ao professor Possi Escot, do Instituto Agronómico do Peru:

—Os ervanários chineses, chamados «médicos», polvilhavam as feridas, por graves que fôssem, com uns pós que davam lugar a infinitas larvas. Estas conduziam, quási sempre, á cura.

Energias da Natureza

O certo é encontrar-se, uma vez mais, um tezouro inesgotável de energias nêsse departamento remoto e até há pouco sistemàticamente combatido que se chama: a mosca.

Entre elas incluiremos as consagradas abelhas e, de um modo geral, a tendencia dessa companheira alada do homem para o limpar dos humores e expurgações sanguineas. Assim s e têm acelerado as cicatrizações nas actuais campanhas, e surgido, ante o pasmo de sábios e profanos, a evidente realidade da potencia imuniziadora da Natureza.

Nos Estados Unidos criam-se, devidamente isoladas, moscas adultas; e, escolhidas e acondicionadas convenienteniente crias estereis, rigorosamente asepticas, os cirurgiões usam-nas em muitos casos e os médicos, mais universalizantes, em todos.

Eusébio Macário: as moscas que te morderam a careca, salvaram-te a vida!

Moscas más e moscas boas

Convém manter, porém, a distinção entre moscas más e moscas boas. Aquelas, prejudiciais sob todos os aspectos, continuam a ser exterminadas. As outras, dos generos «Lucilia» e «Caliphora», merecem o nome de moscas-curandeiras. Elas e as suas larvas, representam os melhores aliados da moscaterapia moderna.

Nêsse sentido, deve aplaudir-se o ilustre biólogo norte-americano William Norton Wheeler, professor da Universidade de Harvard, ao dizer:

—Os insectos, ainda os que resultam mais impertinentes, molestos e aborrecidos, e até os que parecem mais nocivos, são necessários á vida do homem algumas vezes e sempre á existencia da sociedade humana.

Não se deve ser, portanto, conforme o eminente professor «yankee», demasiado cruel com as moscas e mosquitos.

MEMORANDUM do eléctricista
por DANIEL MARQUES
3.ª edição ampliada e renovada com novos esquemas e tabelas.
O livro mais util para Electricistas, Amadores de T. S. F., Alunos de Escolas Industriais e Militares, etc., etc.
Tabelas e esquemas de motores, transformadores, instalações de energia eléctrica, telefones, etc. etc.
Esc. 8$00
A' venda em todas as Livrarias.
Editores Abel d'Oliveira, Ld.ª
R. dos Correeiros, 14—Lisboa

Leiam o jornal humoristico SEMPRE FIXE

TEMAS DO MOMENTO

O registo de firmas

As conservatórias do registo comercial são as repartições destinadas a inscrever os diversos actos sujeitos ao chamado registo comercial que, para êsse fim, lhe tenham sido apresentados, em ordem a torná-los aptos a produzir efeitos para com terceiros desde a data do registo.

Entre êstes actos compreende-se o da matrícula das sociedades, que obriga á apresentação e ao arquivamento, na conservatória, de uma cópia da escritura de constituição social; e desta simples matrícula da sociedade resulta implicitamente o registo da firma por ela adoptada. Se a firma é completamente distinta de outras já existentes na respectiva circunscrição, isto é, na respectiva comarca, prevalecem os direitos da sociedade relativamente a ela; se o não é, terá qualquer outra sociedade já matriculada na mesma circunscrição com uma firma parecida o direito de proibir o uso da que, porventura, se mostrar confundível com a sua e terá outrossim o direito de ser indemnizada pelas perdas e danos que, por virtude dêsse uso, a outra sociedade lhe houver causado.

Como se vê, não existe uma repartição especial, autónoma, independente das conservatórias do registo comercial, onde se proceda ao registo das firmas. As sociedades, logo que constituídas, abrem a sua matrícula nas conservatórias da respectiva circunscrição e é por virtude dessa matrícula que, implicitamente, se opera o registo das respectivas firmas.

Este é, em poucas palavras, o regime do registo das firmas conforme alguns preceitos contidos na vigente legislação comercial e que ainda não foram revogados por qualquer diploma posterior.

Quando, porém, a sociedade adopte uma denominação, e não uma firma, então o regime é outro: o requisito da diferenciação do enunciado social não é restrito á circunscrição ou comarca, mas distende-se, pelo contrário, a todo o país; e, por isso, se criou, existe e tem perdurado desde 1867 (ao princípio no Ministério das Obras Publicas, Comércio e Indústria, depois no Ministério do Comércio e agora no Ministério da Ecónomia) uma repartição especial (antes Direcção Geral do Comércio e Indústria, hoje Repartição do Comércio) encarregada de proceder ao registo das denominações das sociedades anónimas e agora também ao das denominações das sociedades por quotas.

Como se vê, existe, ao contrário do que acontece com as firmas, uma repartição especial, autónoma, independente das conservatórias do registo comercial, onde se procede ao registo das denominações. As sociedades, logo que constituídas, além de abrirem a sua matrícula nas conservatórias da respectiva circunscrição, terão de demonstrar, no próprio título da constituição, por documento, emanado da dita repartição e que, como parte integrante do respectivo título constitutivo, ficará arquivado nos cartórios dos notários, que não adoptara denominação identica á de outra já existente ou por tal forma semelhante que possa induzir em êrro.

Este é, também em poucas palavras, o regime do registo das denominações conforme algumas ordens de serviço e alguns preceitos contidos na vigente legislação comercial que ainda não foram revogados, por qualquer diploma posterior.

Por virtude, porém, da resposta dada pela Procuradoria junto da Relação de Lisboa, com aprovação do Conselho da Procuradoria Geral da Republica, a uma consulta formulada por um notário de Lisboa, foram agora os notários notificados para exigirem também, nos actos de constituição de sociedades com firma, o documento comprovativo de ser a firma escolhida diferente de outra já registada, tal como se faz e tem feito para as denominações.

A doutrina pode ser aceitável em tese, mas a verdade é que não se coaduna com a organização dos serviços da tal chamada Repartição do Comércio por êstes ainda não terem sido modificado, ou adaptados ao novo regime que se pretende ter implantado, conforme um decreto de 1931, de já não existir legalmente distinção entre aquilo a que até agora se tem chamado denominações e aquilo a que até agora se tem chamado firmas. E, sendo assim, como será possível exigir-se á Repartição do Comércio do Ministério da Ecónomia que passe certidões a tornar certo o facto de não haver outra firma identica á de outra já existente ou por tal forma semelhante que possa induzir em êrro, se essa Repartição não faz registos de firmas e não sabe, portanto, quais são as existentes e as não existentes? Como se pode pretender uniformidade no sistema publicitário das duas espécies de razões sociais, se as denominações se registam por uma forma e as firmas por outra? Parece que, primeiro, deveria criar-se o registo de firmas na tal Repartição do Comércio e, depois, promover-se a adopção do mesmo sistema para ambas as hipóteses. Não será assim?

E' certo que a Repartição do Comércio nunca deixa de responder a quem lhe faz a pregunta; mas responde sempre, em caso negativo, nêstes termos: «Certifico, em virtude do despacho retro, que, tendo-se procedido aos *devidos exames*, se verifica não estar inscrita, *no registo das denominações das sociedades anónimas, nem no registo das denominações das sociedades por quotas, denominação* que possa induzir em êrro com... (e indica a firma)». Ora é evidente que isto não pode satisfazer o espirito mais condescendente: em primeiro lugar, porque a Repartição não pode proceder a *devidos exames* num registo que não possue; em segundo, porque, respondendo não estar inscrita *denominação* confundivel *no registo das denominações* não certifica o que se pede, porque o requerimento não pregunta por denominações, mas sim por firmas; em terceiro, porque responder que não há denominação confundivel com uma firma é o mesmo que responder que não há óvo confundivel com um espêto.

E' claro que a Repartição do Comércio excede as suas funções ao dar seguimento á petição que lhe foi feita. Incumbir-lhe-ia mostrar-se alheia do seu conteudo. De outro modo, exerce uma função que não lhe cabe. O seu dever, em tais casos, seria apenas e muitó simplesmente o de recusar-se, por incompetencia, a responder ao requerimento.

Consta, porém (não sei se com visos de verdade ou não), que a Repartição colhe do *Diario do Govêrno* a informação das sociedades constituidas com firmas e vai assim apontando e arquivando, parece que por meio de um ficheiro, os enunciados das que, a par e passo, se vão constituindo; e consta também que é com base nêste ficheiro que depois certifica a existência ou a inexistencia de firmas iguais ou semelhantes. Mas em que é que a simples publicação no *Diario do Govêrno dos* estatutos das sociedades envolve a garantia da existência legal das respectivas firmas? Em coisa alguma. E' sabido que a publicação é uma formalidade anterior á do registo da sociedade e que ela, por conseguinte, nunca poderá constituir uma garantia do registo; e já se sabe também que sociedade com firma não registada equivale a firma sem registo, porque o registo desta está, conforme já se disse, implicito no registo daquela.

Mais: as sociedades em nome colectivo, que só podem identificar-se por uma firma, não têm publicação obrigatória. Assim, como poderá a Repartição, cujo ficheiro de firmas é elaborado através das publicações no *Diário do Govêrno*, certificar que não há uma firma de uma sociedade em nome colectivo semelhante á de outra cuja existência ela desconhece por não ter o respectivo pacto social sido publicado no *Diário do Govêrno?* E, nêstes termos, qual é o critério que as suas certificações sôbre firmas deve merecer? E admite-se, que, no caso do registo de uma sociedade em nome colectivo, haja uma repartição (a conservatória do registo comercial) a proclamar que sim, que há uma firma semelhante ou igual e haja, por outro lado, uma outra repartição (a Repartição do Comércio) a proclamar que não, que não há uma firma igual nem semelhante?

Tomo a liberdade de sugerir á Procuradoria junto da Relação de Lisboa e ao Conselho da Procuradoria Geral que sobreestejam na resposta da sua consulta e ponderem mais pormenorizadamente sôbre ela.—E. T. De C.

Esta velhinha Europa

A história do mundo é, na verdade, a História da Europa. Vélhinha de séculos, gloriosa de tradições, trágica de acontecimentos e heroina de lutas sangrentas, ela tem visto surgir, desenvolver e morrer, no seu seio fecundo, as mais diversas e contraditórias ideias e civilizações. Tem sido como que um vasto e criador «laboratório» de ensaios religiosos, politicos, económicos e sociais.

Êste incessante movimento espiritual, êste continuo choque de conflitos e paixões é, sem duvida, a causa primeira do seu progresso e evolução; esta variedade de ideias, a razão por que o despotismo ou a anarquia nunca a dominaram, por largo tempo e inteiramente; o seu poder prodigioso de renovação, o motivo da sua perene juventude, que a torna como que uma avózinha, eternamente remoçada e fresca.

A Europa não morre, felizmente, para os destinos da Humanidade, porque jamais morre a fôrça redentora dos valores espirituais e morais, de que ela é dona ciosa e guardiã milenária.

Quem a vê, ao longe da sua agitada História, esmagada pela brutalidade da barbarie, erguer-se, altiva e forte, para opôr á anarquia e á amoralidade dominantes, uma disciplina organização feudal, apoiada num rigido e salutar código de honra; quem a vê, em seguida, ansiosa de liberdade, de dignidade humana, destruir esse mesmo feudalismo (que caira, como tudo o que é humano, em abusos, depois de haver cumprido a sua missão histórica), para trocar pelos Direitos do Homem, com as suas liberdades ilimitadas, da revolução de 89; quem a vê ainda pôr de parte, mais tarde, essas liberdades ilimitadas, da revolução de 89; quem a vê ainda pôr de parte, mais tarde, essas liberdades (adulteradas pelo tempo), a-fim de dar ao Homem um destino e preocupações sociais, por meio da criação, na primeira metade do século passado, da sociologia politica: quando a vemos, em nossos dias, (qual pomba desnorteada, esvoaçando no imenso e infinito espaço, ávida de felicidade) em busca de novos rumos, —novos futuros, a consciência diz-nos, confirmada pelos factos históricos, que a vélhinha Europa, dos nossos mais remotos avoengos, nunca desaparecerá.

Ela está hoje de novo enferma, é certo; mas ressurgirá em breve, plena de saude física e moral.

Será outra vez um nobre exemplo de vitalidade e uma nova mensagem de esperança, dirigida ao Mundo e ao progresso constante da Humanidade.—JOÃO PATRÍCIO.

O elogio

da carta anónima

As cartas anónimas deviam ser sempre assinadas.

Tornar-se-ia então possivel agradecermos aos seus autores. E a êstes se evitariam os vários e penosos rodeios de que costumam servir-se: letra disfarçada, êrros de ortografia intencionais, expressões que dissimulam a personalidade de quem escreve, escolha de um marco postal distante, para afastar suspeitos quanto ao domicilio do remetente, etc., etc.

A falta de assinatura é o unico inconveniente desta espécie de correspondência, inconveniente que os notários serão os primeiros a lamentar—e os últimos a reconhecer...!

Fora disso, as penetrantes epístolas exercem uma função altamente salutar.

Cartas são papeis. Mas as cartas anónimas valem mais que simples papeis: são documentos humanos, advertências proveitosas e, por vezes, mensagens da nossa própria consciência.

Mostram-nos, antes de mais nada, que o mundo não é tão bom como poderiamos perigosamente supôr. E convém-nos muito não esquecer nunca que abundam os intriguistas, os denunciantes, os invejosos e os cobardes. Claro que já o sabiamos. No entanto, essa demonstração desvia-nos de qualquer benevolente amnésia.

Em compensação, reflectimos que o mundo tambem não é tão mau como nos permitimos o luxo de apregoar. E' que, por sorte, os intriguistas, os invejosos e outros exemplares da mesma fauna são assim por insuficiência de espirito: escassela-lhes a clareza, a imaginação, o poder persuasivo—e, por via de regra, a pontuação e a sintaxe.

Uma coisa equilibra a outra. Feita esta verificação, podemos lêr até ao fim, com minúcia, serenidade e mesmo com simpatia, qualquer prosa anónima que nos chegue ás mãos, pelo correio da manhã ou da tarde.

Sejam quais forem as injúrias do texto, sentimo-nos desde logo lisonjeados. O responsavel da missiva revela curiosidade pela nossa conduta, pela nossa intimidade, pela nossa reputação. Isto é agradavel. O destinatário, conhecido de algumas pessoas, talvez sómente dos seus vizinhos, com o nome, é certo, na lista dos telefones, mas ainda não ou talvez nunca no *Larousse*—vê com prazer que há quem acompanhe a sua vida, e com tal interesse que não foge ao trabalho de preencher quatro páginas com os comentários ou os conselhos que ela lhe sugere, bem como não hesita em pagar á sua custa o sêlo do correio. (Exceptuam-se as cartas multadas, que essas, sim, denotam uma reprovável deselegancia).

A carta anónima vem quási sempre ao encontro dos nossos mais secretos pensamentos. Aviva-nos a recordação de certos pormenores, impõe-nos a ponderação quanto a certas decisões, aponta-nos a inconveniência de certos actos. O autor anónimo procede então como se fôsse a nossa consciência. Ora a nossa consciência não usa dirigir-se-nos por escrito, porque não sabe lêr nem escrever. A falar connosco (quando fala) é sempre um pouco tímida, um pouco reticente: tem por nós demasiada consideração. E o autor anónimo, que não tem consideração nenhuma, grita-nos tudo o que a nossa consciência, por delicadeza, calou.

Definir as cartas anónimas como não assinadas não é perfeitamente exacto. Com frequência trazem a assinatura *Um Amigo*. Trata-se de uma fórmula de modéstia. O remetente quere exprimir a sua estima; não quere, porém, que lhe agradeçamos. Por isso se oculta. E' pena. Êle deve figurar entre os nossos amigos, pois nos prestou um serviço notável: avaliar, nas suas justas proporções, o que para muita gente significa a amizade.

Há um sistema para valorizar as cartas anónimas que se recebem. Quando não venham assinadas *Um Amigo*, assinemo-las nós próprios. Perfilhemo-las assim, como filhas ilegítimas da nossa analfabeta consciência. E teremos de admitir que são, a-final, inofensivas: não dizem metade do que a nossa consciência, se soubesse lêr e escrever, poderia afirmar com conhecimento de causa...

BASTOS GUERRA

Faculdade de Ciencias

Concurso para um assistente

A secretaria da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa recebe até 30 do corrente declarações de candidatura dos licenciados em ciências Geológicas, os Histórico-Naturais, que se julguem habilitados para o desempenho dum lugar de assistente a contratar além do quadro, para o 1.º grupo (Mineralogia e Geologia) da 3.ª Secção.

UMA FIGURA PITORESCA

A vida e

de D. João de Men

que toureou em «

num cavalo em pê

D. João de Menezes e o «Cazuza» eram, depois do conde de Vimioso, os melhores calções. D. João possuia tal denodo e pericia, tal graça e correcção na arte da gineta aplicada ao toureio que, decerto, fariam estremecer os manes do marquês de Marialva, que foi o tipo dos picadores e toureiros, como dizia o marquês de Rezende. Ninguém montava com mais «aisance»—acrescenta Tinop quando, na «Lisboa doutros tempos», nos descreve «a vida extraordinàriamente movimentada e alegre de D. João de Menezes», de quem antes se ocupou D. Tomás de Melo, no «Correio da Manhã».

Filho de D. António Maria de Portugal Menezes, moço fidalgo da Casa Real, senhor das casas de Lavre e da Flôr da Murta, morgado de Soure e Ponte de Sôr, e de D. Ana Mafalda da Cunha, filha dos condes da Cunha, D. João de Menezes contava dez anos quando perdeu o seu importante matrimónio, que estava depósitado num banco americano. Em abril de 1847, D. João, ainda imberbe, diz adeus ás lições de latim do padre Francisco—o capelão do palacio da Flôr da Murta, onde residia a familia—e abala para Portalegre, indo apresentar-se ao conde de Melo, ao qual acompanhou como ajudante de ordens até ao Alto do Viso, portando-se valorosamente, como o conde comunicou á familia.

D. João de Menezes nasceu para as lides tauromáquicas numa tourada que o marquês de Niza deu na quinta da Foz—continua Pinto de Carvalho—que nos diz que, pouco depois, em agosto de 1848, D. João era cavaleiro noutra corrida no pátio do conde de Vimioso, no Campo Grande, descrita por Bulhão Pato nas suas memórias.

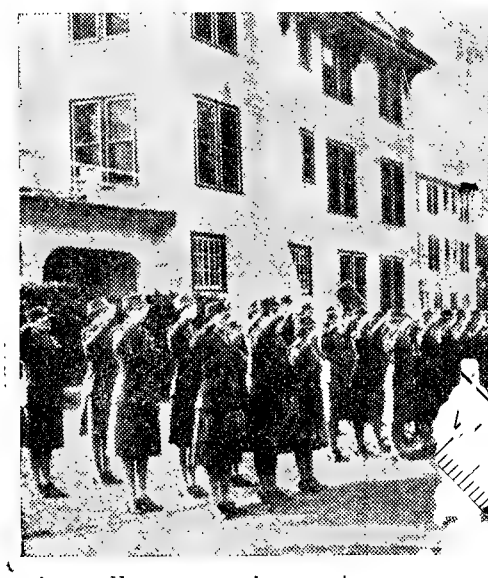
Mas a mais teatral intervenção tauromáquica de D. João de Menezes deu-se na tourada que em 13 de junho de 1848 se deu no Campo de Santana a beneficio das familias dos patuléas.

Depois de ter brilhado, o conde de Vimioso que, diz Lopes de Mendonça, excedeu a própria reputação, depois de Luiz Forjaz ter realizado uma magnifica péga de cara, e José Horta uma péga de cernelha, entraram na arena D. João de Menezes e D. José de Melo e Castro, o «Cazuza». Ambos vestiam de Alcides com «maillot» côr de carne—escreve Tinop, que diz que o de D. João de Menezes desenhava-lhe perfeitamente as formas belvederianas, que se viam tremer como gelatina a cada esforço empregado. Do ombro esquerdo pendia-lhe uma pele de leopardo. «A sua figura cesareana, a sua correcção linear, o seu perfil, a um tempo delicado e enérgico, como os perfis de certos imperadores romanos gravados nas medalhas antigas, a sua palidez que lembrava a do colorido de Ribera, feriam a atenção publica».

Nos camarotes, as senhoras remexiam-se impacientes, as meninas apontavam os binóculos com um jeito petulante e ávido, relata o cronista que nos diz que D. João de Menezes montava num cavalo em pêlo, e que as redeas consistiam numa simples fita de seda dando volta na lingua do animal.

Tinop, depois de declarar que «o desportivo divertimento nacional, que é a glorificação da fôrça aliada á destreza, como os jogos olimpicos na antiga Grécia, soube falar aos espiritos subtis, ás naturezas delicadas, dá a palavra a D. Tomás de Melo, que pinta assim

As mulheres e



As mulheres americanas trocam cunstancia pela farda sóbria e e

SCA

a extraordinária

Menezes

em «maillot»

em pêlo com rédeas de sêda

eram, res cal- cia, tal plicada remecer e foi o dizia montava o quan- escreve ada e em an- Correio

gal Me- hor das horgado Mafal- ha, D. quando que es- o. Em be, diz cisco— , onde ge, in- o qual até ao amente,

s lides marquês a Pin- co de- cava- de Vi- r Bu-

máqui- courada Cam- s dos

Vimio- deu a jaz ter e José m na e Melo de Al- escreve Menezes belve- atina a querdo sua fi- o seu , como os gra- dez que iam a

xiam-se s binó- elata o Menezes redeas dando

lesporti- ificação s jogos lar aos , dá a a assim

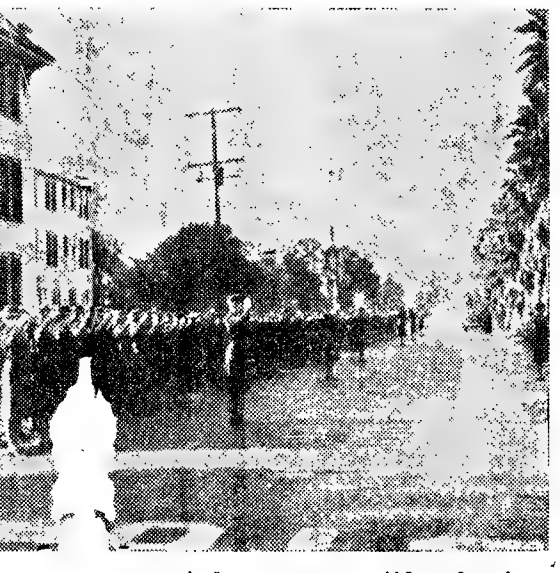
o quadro famoso que revivemos: «A vozearia emmudeceu como por encanto. O sobressalto e a surpresa calaram o espectador. Dir-se-ia que o receio de os perder de vista num só momento lhes impedia o recebê-los em ovação. Num recolhimento intimo, só havia olhos para os admirar! De repente, um bravo estridulo e prolongado de Domingos de Ardisson despertando-os daquele extase, os chamou á vida, para imediatamente irromperem numa salva de palmas unisona e prolongada. Picaram brilhantemente, a ovação foi enorme! De um lenço bordado, enleando um ramilhete de rosas e que foi bater no peito de D. João de Menezes...». Gentilhomem em toda a extensão da palavra, valente como poucos e elegante como nenhum, D. João de Menezes—diz Tinop, retomando a palavra—tornou a picar numa tourada no Campo de Seteais, em Sintra de 1853. Trajava á Luiz XIV e, certamente, aristocrata algum, desde o grande Condí ao duque de Beaufort, ostentaria mais garbo, mais gentileza, ninguém manejaria com mais arte o seu ginete. A cabeleira empoada moldurava-lhe artisticamente a fisionomia em que havia a serenidade de traços de Luiz XIII, e os seus olhos de meridional cintilavam mais ardentes quando fitavam o touro. Era uma figura de Van Dyck saida viva do seu quadro, afirmava um folhetinista. Não o podemos comparar com os cavaleiros actuais, porque também, seja-nos licito dizer, não se compara a Venus de Millo com a primeira gemea que nos aparece—conclue Tinop, informando que, no dia imediato ao da corrida, o pintor Petit fez-lhe um retrato a oleo, então em poder da familia Vila Real.

A D. João de Menezes, que em 1855 ainda tourcou a cavalo, com o conde de Vimioso, no campo de Seteais, ante D. Pedro V e D. Fernando, não faltou a nota belica dum duelo, com um espanhol, e da eminencia doutro com um jornalista, nem a nota heroica duma ascensão aerostática. Em 16 de novembro de 1857, aniversário natalício de D. Pedro V, realizou uma ascensão aerostática, na praça do Campo de Santana, mr. Poitevin, que antes preguntou se havia alguém que quisesse partir com êle para o sereno azul.

D. João de Menezes, que assistia ao espectáculo—conta D. Tomás de Melo—«levantou a perna esquerda, depois a direita, e entrou para o centro com a mesma serenidade de animo com que entravamos á noite para os cestos de balanço na *Floresta Egincia*. Acompanhava-os madame Poitevin, que baixou num pára-quedas sobre a quinta do Esteiro Furado, na Outra Banda. O balão foi cair perto de Aldegalega e mr. Poitevin publicou depois uma carta, na «Revolução», afirmando que «o sr. D. João de Menezes num cuno bre e intrepido companheiro de viagem, portou-se com um sangue frio e com uma tranquilidade de coração e de espirito que honram o caracter dum nobre português».

Tal foi o lisboeta que evocamos «o sumo elegante cuios feitos deveriam ser descritos em frase lapidada como um brilhante e que hoje há-de sentir os olhos lustrados de lágrimas ao desenrolar-se, em quadros prismáticos, o formosissimo panorama da sua recordação» —conclue Tinop, que nos diz ainda que D. João de Menezes perdoou sempre, magnanimemente, todas as ofensas que o visaram.

s e a guerra



a vontade os seus vestidos de cir- e dos Serviços Auxiliares do Exército

Progresso

e cultura

O problema focado no artigo que em tempos publicámos sob o título «Progresso e cultura», continua a despertar, entre as camadas portuguesas ligadas ás actividades cientificas, a maio rcuriosidade. Entre os estudantes das nossas universidades, o caso suscitou o mais vivo interêsse, a avaliar por volumosa correspondência que temos recebido, da qual destacamos a seguinte carta:

«*Sr. director*—Publicou o *Diario de Lisboa*, sob a epigrafe «Progresso e Cultura», uma nota sôbre a necessidade de, no nosso país, se criarem Institutos de Investigação Cientifica, fazendo referencia a uma frase da palestra radiofonica proferida pelo distinto professor da Universidade do Porto, doutor Rui Luiz Gomes, que, em poucas palavras, focou claramente o papel preponderante da investigação cientifica na politica social. São palavras dum mestre que, com o seu esfôrço individual, tem procurado traduzir em factos, no seu campo de actuação, animando todos e trabalhando sempre, para que da ciencia nasça cada vez mais luz, a bem da colectividade.

De facto, é necessario que em Portugal se inicie a investigação cientifica, através de institutos que permitam a resolução eficiente de determinados problemas que são muito nossos, em face das respectivas condições ecológicas, dos nossos recursos e necessidades, para que em nada podem contribuir os resultados das investigações realizadas noutros países em consequencia da diversidade daquelas.

Precisamos de dirigir a produção e orientar as nossas actividades com metodos nacionais, de modo a afastá-las dos resultados funestos que lhes podem advir do abandono a que as votamos, deixando-as á mercê da ciencia de estranhos que, em alguns casos, não chega a obter confirmação no nosso meio. Por isso, temos de estudar êste em possibilidades e obstaculos, para que aquelas possam ultrapassar êstes e, assim, darmos mais vida á vida da nação.

Interessam-nos tecnicos com possibilidades de resolver, acima de tudo, os nossos problemas e não a formação de elementos, apenas com conhecimentos cientificos genéricos, por meio de bolsas de estudo em institutos estrangeiros, colocando-nos, dêste modo, numa situação de dependencia e não de cooperação ou, pelo menos, de interdependencia na resolução de problemas economico-sociais da humanidade.

Se, por meio dêste sistema, já se prepararam elementos com a tecnica cientifica necessaria, dêem-se-lhe agora meios suficientes para que possam contribuir para o desenvolvimento das nossas actividades e do nosso nivel cientifico e cultural.

Para tanto, torna-se imprescindivel a criação de institutos e laboratorios, onde, com tecnica, se possam investigar os factores etiológicos e resolutivos dos problemas que há a resolver com eficacia e prudencia.

Só desta forma a nação se poderá apetrechar com os tecnicos de que necessita e assegurar da continuidade do seu recrutamento, mediante um sistema selectivo de valores que deve iniciar-se nas escolas e acabar na especialização realizada nêsses institutos, substituindo-se desta maneira o regime normal de bolseiros para o estrangeiro.

No entanto, paralelamente á criação dêstes institutos, urge reorganizar e revêr o ensino superior, principalmente o técnico, em bases práticas, apetrechando as escolas com programas e laboratorios de forma que constituam a garantia da formação de individuos profissionalmente conscientes e dotados dos conhecimentos tecnicos essenciais á sua especialização.

Devemos encarar os problemas desde o seu inicio e acompanhá-los em todas as suas fases, para que possamos chegar a conclusões práticas e beneficas.

O sistema de aventura e de imitação, que tanto tem atrofiado o nosso desenvolvimento economico, necessita de ser substituido pelo sistema racional, a-fim de conhecermos, antes de qualquer empreendimento, os recursos com que contamos para atingir a finalidade que pretendemos.

Por isso, todos aqueles que, frequentando as universidades, têm a noção do seu futuro dever para com a sociedade e que vêem na ciencia o élo de equilibrio entre o espirito e a materia, não podem deixar de aplaudir as palavras do ilustre professor e de perfilhar o apêlo dirigido pelo *Diario de Lisboa* ao eminente titular da pasta da Educação Nacional, esperando que s. ex.ª, com o seu elevado espirito cientifico, dará o verdadeiro impulso a êste factor tão importante da questão social.

Que o *Diario de Lisboa* não se canse de focar a importancia de tão oportuno e importante problema, a bem da colectividade.

ANTONIO FAUSTO COSTA

Aluno da Escola Superior de Medicina Veterinária e funcionário da Repartição de Estudos Económicos do Ministério das Colónias.

HISTÓRIA ANTIGA

Uma raínha negra

Um parente meu, 1.º tenente de marinha, estava, em 1882, desempenhando uma comissão de serviço na estação naval de Luanda e era muito da confiança do governador geral da Província de Anglola.

A-pesar de ser querido de todos quantos o conheciam e de, por isso, gozar de um certo bem estár que lhe tornava a vida doce e serena, ansiava que aquela comissão acabasse depressa para vir gozar na metropole as delícias de uma licença de seis meses que lhe haviam prometido, se, com habilidade e sensatez, resolvesse, com honra para a Patria, várias questões coloniais.

Um dia, o governador geral deu-lhe parte que o rei do Congo, D. Henrique de Agua Rosada, havia morrido e que a sucessão ao trono era disputada por dois irmãos do rei, com prejuizo da herdeira legitima Maria Amalia, princesa real. E pediu-lhe os seus bons oficios para que ele, com algumas praças de Marinha e soldados da guarnição, se fôsse preciso, marchasse para S. Salvador, capital do reino indigena do Congo, a-fim de restabelecer a ordem, colocar no trono a dita princesa e aproveitar a ocasião para obrigar alguns regulos vizinhos a prestarem vassalagem á coroa portuguesa.

Como ele era pau para toda a obra, o meu parente acedeu, um pouco contrariado, porque com a sua partida algumas intrigas amorosas lhe falhariam, mas uma viagem ao sertão para *mirar algo nuevo* não era para desprezar.

Tão bem se houve, que com a sua energia tudo sanado. Os irmãos do rei receberam algumas chibatadas que os puseram de acôrdo com a sobrinha e esta subiu ao trono, havendo nesses seis dias de regabofe tanto gasto de cachaça que ficou todo o reino a caír de bebado.

Maria Amalia 1.ª desde esse momento ficou prima do seu Senhor e Soberano o rei de Portugal e não descansou emquanto o meu parente, a seu pedido, não lhe prometeu uma viagem a Lisboa para o conhecer e lhe prestar vassalagem.

A comitiva regia compunha-se do cozinheiro, do secretario particular e de seis altos dignitários da côrte, acompanhados das suas respectivas consortes.

A casa, Palacio Real desde que nela se alojou a Rainha e sua comitiva, estava situada na travessa do Outeiro, á rua da Bela Vista, á Lapa.

Poucos dias passados, a 12 de setembro de 1882, o meu parente organizou uma festa rija, onde se repetiu tudo quanto houvera em S. Salvador. E como as despesas com a viagem foram grandes e o passadio em Lisboa era despendioso, foi resolvido que a entrada fôsse paga, que a Rainha concedesse mercês honorificas a quem provasse ser filho de boa gente, mediante espórtula grauda, e que o diploma desenhado por Manuel de Macedo fôsse pago por bom preço.

Haveria salvas de morteiros, ascensão de balões e no fim um baile á época.

Em 1882 eu era um rapazinho de 9 anos. Cursava a instrução primária e pouco ou quasi nada sabia das colónias portuguesas. Apreciava a feira das Amoreiras e a de Belem por causa das barracas de fantoches e variedades, de maneira que quando um tio meu me propôs levar á festa dos pretos, onde haveria batuques, darambeques e mais macaquices indigenas, eu exultei.

E quando no palacio real constou que assistiria á festa o filho do Homem sob cujo govêrno estavam as nossas colónias, a apoteose que me fizeram, as atenções que me dispensaram excederam toda a espectativa e tudo se conjugou para que eu durante toda a noite não caísse de sono e estivesse curioso e esperto.

Fiquei sentado em comoda poltrona, ao lado direito da Rainha, que, segundo me disse meu tio, muito tempo depois, quando eu já podia dar valor ao assunto, *era uma mulher de encher o olho, exuberante de formas e radiante de mocidade e beleza escura.*

A Rainha foi para mim uma amiga cuidadosa e carinhosa. Durante toda a noite cumulou-me de atenções e quando nos sentámos á mesa para uma lauta ceia de bolos de bacalhau e cabeça de porco com feijão branco, tudo regado a aguardente bagaceira, satisfez o meu jovem estomago com os doces da sua terra e que o cozinheiro havia preparado em minha honra.

De todos provei: alcomonia, feito de farinha de mandioca, pinhões, amendoas e mel; grgelim feito de áçucar, ovos batidos e sementes torradas daquela planta; tabefe, feito de leite coalhado com ovos e açucar; bolinhos de milho com açucar açafroado e tudo molhado com um capilé de idromel fermentado, que era de beber e chorar por mais.

Além desta festa, ainda houve outras, mas sem o luzimento da primeira porque, de dia para dia, os dignitários da côrte angolesa e suas mulheres iam desaparecendo, êles com promessas de empregos e boas situações; elas feridas pelas setas do amor, buscando no coração dos portugueses os requintes de felicidade que não podiam encontrar em peitos africanos!

E quando o meu parente resolveu devolver aos patrios lares a côrte do Congo, só encontrou saudoso do sertão e da cubata o secretário particular, porque a propria rainha renunciara ao trono e abalara para o Alentejo com um rico lavrador, com quem casou e de quem teve numerosa prole.

Em 1939 o turismo levou-me a visitar algumas vilas do distrito de Evora que eu não conhecia. Em uma delas ouvi falar numa Senhora Rainha, de côr preta, muito esmoler, adorada e respeitada pelo povo de algumas leguas em deredor. Efectivamente, em um monte cercado de belas arvores e produtivos pastos e matos, encontrei Maria Amalia, 1.ª Rainha do Congo, nesse momento enchendo paios e chouriços.

A-pesar dos seus 82 anos, a sua memória estava fresca e recordámos-nos com minucias de pormenores da festa da sua coroação em Lisboa.

Após uma merenda de cousas boas, dançou em minha honra um sarambéque, á despedida encheu-me a maleta de saborosos paios pregou-me na testa um estridente beijo.

Pouco tempo viveu. Repousa no cemiterio de S. Gregorio, em jazigo de familia, em cuja frontaria se lê:

Aqui jaz Maria Amalia 1.ª
Duquesa de Bamba
Rainha do Congo
P. N. A. M.

JOÃO JARDIM DE VILHENA

Hospitais de repouso

para os soldados

que sofreram

depressões nervosas

Um dos problemas mundiais mais importantes do nosso tempo é o que se refere á readaptação dos soldados e civis que sofreram consequencias mais ou menos directas da guerra. Em alguns países, porém, o assunto entrou já em vias de solução. Assim, na Inglaterra, para êsse efeito, o Ministério do Trabalho instalou o primeiro Hotel-Hospital, no campo, para soldados desmobilizados que necessitem de repouso ou cura de nervos. Como se depreende, todos aqueles que estiveram ausentes por motivo da guerra perderam, por completo, o contacto com a vida civil normal e, no seu regresso, têm de ser guiados antes de se adaptarem ao novo ambiente.

A ideia que se tem em vista é facultar aos individuos nessas condições os meios convenientes para se averiguar experimentalmente qual o ramo de actividade para que mostram mais gôsto ou habilidade natural.

Do primeiro dêstes estabelecimentos sairam já com alta 134 homens que foram enviados a centros de aprendizagem ou para emprêgos definitivos.

Entre os casos ali chegados para convalescença e adestramento para novas aptidões, figurava um ex-soldado que tinha o coração completamente arrazado por ter estado cêrca de 14 meses ininterruptamente com um carro de socorro a retirar tanques das armadilhas e de buracos de bombas nos desertos africanos.

Outros eram soldados que sofreram terriveis incidentes em campanha, que lhes produziram intensa e prolongada reacção nervosa. Recorda-se, por exemplo, um soldado que, devido á deslocação de ar produzida pelo deflagrar duma bomba de duas toneladas, foi projectado a uma grande distancia, tendo, porém, ficado milagrosamente ileso, ao passo que o seu companheiro do lado ficou literalmente crivado de estilhaços.

Não se pense, porém, que estes hotels disfarçam casas de saude. Na verdade, neles não se fazem tratamentos médicos, mas apenas se procura o repouso.

H. VAULTIER & C.ª

MAQUINAS
E ACESSORIOS
P A R A A
INDUSTRIA

CASA FUNDADA EM 1897

Telefones 27527 - 28714

IMPERIUM

Salão de Chá—Pastelaria

Rua de Santa Justa, 105 — LISBOA

Telefone 28778 **End. Teleg. ARFOTO**

S. P. L. A. L.

Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aéreos, L.da

A única organização nacional especializada em trabalhos de fotogrametria

AVIAÇÃO PRÓPRIA

Os mais modernos aparelhos de restituição plana e estereofotogramétrica
Sócia das Sociedades Portuguesa, Francesa e Belga de Fotogrametria

Medalha de Ouro na Grande Exposição Iudustrial Portuguesa de 1932.
Medalha de Ouro na Grande Exposição Colonial do Pôrto de 1934

ESCRITÓRIOS E OFICINAS

RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 61-63 — LISBOA

CASA VIUVA FERREIRA
Com 100 anos de existência
Calçada do Combro, 20 — LISBOA
Executa com perfeição qualquer trabalho em Joalharia, Ourivesaria, Prataria, Relojoaria, Aparelhos de precisão. Grafonolas, etc. etc.

F. A. V.

Ch. Lorilleux & C.ª

TANK

O ENXUGADOR IDEAL PARA ESCRITA

Pratico, elegante e, sobretudo

ECONÓMICO

EXIJA NO SEU FORNECEDOR

OFICINAS

de Encadernação, Pautação e Dourador

Raul Augusto da Fonseca

Executam-se trabalhos simples e de Luxo—Livros em Branco para o comercio
CASA FUNDADA EM 1918
Rua Luz Soriano, 68—LISBOA
Orçamentos grátis

Armazens de Moveis Novos e Usados

—DE—

MANUEL LOPES COELHO
69, Rua da Atalaia, 71
e 39, T. do Poço da Cidade, 49
——Telefone 24127——

CONFEITARIA BIJOU DO CALHARIZ

GOMES & ROCHA, LD.ª
ESMERADO FABRICO EM TODOS OS ARTIGOS DE CONFEITARIA
FORNECEM-SE OS MELHORES SERVIÇOS PARA CASAMENTOS,
——BAPTIZADOS e «SOIRÉES»——
2, LARGO DO CALHARIZ, 3
Telefone 2 3167

PRATAS D'ARTE

A. L. DE SOUSA, L.DA
Fornecedores da Casa Real de Espanha
16, RUA DA MISERICORDIA, 18
(Antiga Rua do Mundo)
—LISBOA—
—Telefone 2 2662—

SHEFFIELD HOUSE

CASA ESPECIALIZADA EM CUTELARIA FINA
Sortido completo de artigos para barbeiro, cabeleireiro e manucure—Grandioso sortido de tesouras para todos os usos
Canivetes de **Rodger** e outras marcas
INTRODUTOR E VENDEDOR EM PORTUGAL,
há 30 anos das afamadas navalhas de barba suecas
«C. V. HELJESTRAND»
Manoel Antonio Fernandes (Herdeira)
26, R. Garrett—Lisboa Telef. 2 8824

A. Lemos, L.da

ALFAIATES - MERCADORES

113—R. AUGUSTA—115
Telefone 2 6956
——LISBOA——

UM LIVRO DE MEMORIAS

Dois excerptos do «Mundo de Cristo»

o livro póstumo de Hemetério Arantes

Hemeterio Arantes foi uma figura de justo relêvo na sociedade do seu tempo. Homem de espirito e homem de coração, soube ser, tambem, observador atento das figuras e dos factos seus contemporaneos, cujo testemunho recolheu numa série de fulgurantes crónicas, há pouco publicadas, num volume intitulado «Mundo de Cristo», por seu filho, o ilustre advogado dr. Tito Arantes, que ás suas qualidades de grande figura do fôro português alia as de homem de letras. São dêsse volume os dois fragmentos que a seguir se transcrevem, cada um de seu género — um levemente pitoresco e irónico, outro levemente saudoso e pictorico. A reunião dos dois excerptos dá a medida da maneira multiforme por que o cronista brilhante encarou e transmitiu os factos que decorriam no mundo da sua inteligencia.

MESTRE MARCELO, ALFAIATE

Mestre Marcelo, o alfaiate aldeão da minha infancia, não tinha, ao contrário dos seus colegas lisboetas e, porque não mundiais? qualquer sombra de filaucia ou prosápia de freguesia em evidencia.

A sua lojita, numa rua pedregosa e ingreme da aldeia, não era bem o *atelier* do falecido Keil, onde os contramestres, emquanto tomavam medidas, gritavam para dentro:

—Já levaram a sobrecasaca de El-rei? e o *pardessus* de S. Alteza? Dois ou três botões no jaquetão?! Tenham me em prova, ás 4, o fato do sr. duque... Ficam, pois, dois botões, é mais *chic*... Olhem-me a farda do sr. Fontes!...

Eu tive um alfaiate, que nunca me provou calças ou coletes, que não exclamasse, com uma gravidade toda recolhida:

—Esse é o molde que escolhia o barão de S. Torcato!... Desde então passei a alimentar e ainda hoje alimento, volvidos tantos anos, um grande desdém pela elegancia daquele honrado titular.

Um outro, êste muito mais recente, resumia toda a sua arrogancia de artista no vulto politico do sr. conselheiro Cau da Costa... Era uma obcecação. Mal eu entrava, inquiria, logo, na sua voz aflautada e submissa:

—Não encontrou na escada o conselheiro Cau da Costa? Pois saiu mesmo agora daqui; ainda não tem tempo de dobrar a esquina.

E abria uma sacada para ver se o conselheiro seguia pela rua da Prata ou, se antes, preferia tomar pela travessa da Palha.

—Pois mestre, vamos escolher um fato... Talvez êste pêlo de rato...

—E' boa! Foi justamente dêste que escolheu o conselheiro!

O último, na ordem do tempo, já os preços dos fatos orçavam pelo valor duma alfaiataria inteira, foi me indicado por pessoa amiga. Vinha a casa. Era um homem alto, espadaudo, de meia idade, farta bigodeira já grisalha, de onde escorria um leve sorriso de superioridade. O seu remoto ascendente, do tempo da reconquista que dava lustro á sua prosápia era... o insigne jornalista Moreira de Almeida!

Eu tinha comprado uma destas fazendas anodinas, sal-e-pimenta, que não dizem nada, e o artista palpou o tecido, cofiou-lhe o pêlo, levou-o a uma restea de luz, posto o que declarou que era exactissimamente como o último que fizera ao sr. Moreira de Almeida.

Depois, afastou-se de mim alguns passos, mediu-me dos pés á cabeça, olhou me em todas as direcções, com o seu perscrutador olhar pestanudo, embrulhou silenciosamente a fazenda num pano, estendeu-me a mão:

—Até depois de amanhã...

—Como?! Porque não toma hoje as medidas?!

—Não é necessário, disse, num grande sorriso de esfinge. Tenho feito muitos fatos para o sr. Moreira de Almeida!... E saiu.

No dia aprazado, voltou para a prova: giz para um lado, alinhave para o outro, descose aqui, aplica a manga acolá, e declarou satisfeito:

—Está como uma luva!

Levou-me defronte dum espelho, emquanto eu pensava que isto de tirar medidas a ôlho era novo em fôlha.

Fiquei varado. O jaquetão que encomendara surgia-me um amplo sobretudo e as calças tinham a menos sua mão travessa. Veio-me um frouxo de riso que ocultava uma grande vontade de chorar. Aquilo era insanável. Veio a familia, vieram os criados, todos muito alegres com a minha figura e o artista:

—Está como uma luva!

—Pois sim, mestre, volvi-lhe eu, com certa decisão, mas há-de fazer favor de cortar um palmo em toda a volta dêste casaco e aplicá-lo, depois, ao comprimento das calças, se fôr possivel...

O Marcelo, alfaiate da minha aldeia e mocidade, não tinha destas prosápias de avoengos ilustres, afeitos a talhar jaquetas manhosas para os salões do sitio. Quando, durante as ferias, êle vinha passar uns dias a nossa casa, «para vestir os pequenos», traza consigo, entre a tesoura, o dedal, o giz e as agulhas, uma submisão, uma humildade antigas e um grave espirito de obediencia ás ordens de quem lhe pagava os seis tostões diários.

Estendida a fazenda, que tinha sido molhada de vespera para não encolher, sobre a grande mesa de obras, Marcelo aplicava-lhe a fita métrica, riscava, cortava; meu pai, que ia para a sua vida, *para os homens*, passava naquele *atelier* improvisado, dava os bons dias e recomendava:

—Mestre, corte isso largo, a fazenda chega e os ranazes estão a crescer!

Marcelo declarava que o senhor podia ir descansado, que já tinha contado com o nosso crescimento diário.

Nós arrepelávamo-nos com a ideia de que se estavam para ali a fazer uns sacos em vez de uns fatos e enquanto êle se sentava numa cadeirinha baixa, traçava a perna e puxava a agulha com pertinácia, eu procurava captá-lo, trazê-lo ao bom caminho do casaco esterlicado e da calça apiorrada...

Fornecia-lhe desenhos a *crayon*, cópia dos gessos do colégio, muito suios, muito duros, angulosos, de linhas quebradas com barriguinhas, desenhos que êle depois copiaria e talharia nas tiras de damasco que servem de debrum ás grandes colgaduras encarnadas com que se revestem os altares em dia de festa, porque êle era também armador de igrejas. E Marcelo achava-os admiráveis, concordava em que um fato largo demais não era próprio; iria apertar as costuras... mas surgia meu pai, era ao sol posto, vinha dos «homens» e depois de dar as boas noites, como num ritornelo de balada fatal:

—Largo! Largo é que se quere, os rapazes estão a crescer...

Não havia arabescos que valessem em face da vontade do senhor! Os andores, em dia de procissão, não passeariam pelas ruas do lugar, todos engalanados com galhardetes multicolores e festões de buxo, com progressivos ornatos da minha lavra nas suas sanefas esfiampadas, pelintras, duma nobreza velha e sertaneja. Também nós, com os nossos doze anos, não deslumbrariamos a multidão em festa com a nossa elegancia confiada á ciência de um «Pool»; andariamos, para ali, pelo arraial, a passear dentro do nosso próprio fato—a do mestre Marcelo...

15 de janeiro de 1922.

CONDESSA DE EDLA

A Senhora Infanta D. Isabel Maria, que fôra sempre piedosa, como era próprio da sua prosápia, volvera-se, com o rodar dos anos, á devoção estreme, na sombra propicia das velhas arvores da sua quinta de Benfica.

Nêsse estado de alma deveria pungir-lhe como um remorso de próprias fragilidades, a situação irregular e pública que seu sobrinho afim D. Fernando de Coburgo mantinha na sua vida intima e compreende-se como, arrimada aos conselhos do seu inclito confessor, o franciscano fr. Agostinho da Anunciação, procurasse remediar êste mal, cohonestando sacramentalmente aquela situação.

Depois, é possivel que S. Alteza se entregasse a considerações menos teologais, que, por igual, favoreciam o consórcio do viuvo de D. Maria II com essa ainda nova bela, insinuante e inteligente Elisa Hensler que, havia dez anos (1859), aparecera como um luminoso meteoro no palco de S. Carlos e que, como meteoro, de repente, se sumira da cena para cair nos régios braços dêsse saxão delicado e artista.

Assim, lembrar-se-ia de como deveria ser falha de conforto aquela vida solitária de D. Fernando no casarão das Necessidades, apenas acompanhado pelo filho D. Augusto (pessoa cheia de bondade, mas, por certo, desinteressante) pelos dignitários, alguns da maior dedicação, como o gentilissimo conde das Alcaçovas, o marquês de Pombal, D'etz e Kessler, que com êle tinham vindo para Portugal, como seus secretários, e pela famulagem, da qual se destacava êsse Wenceslau Cifka, que o rei trouxera da Alemanha, que tinha reais talentos de coroplasta e dêles se aproveitava, conforme corria, para proporcionar ao seu régio amo peças autênticas de uma rara majólica... de sua lavra.

E depois, como boa conhecedora da politica, que de facto era, a Senhora Infanta rememoraria no seu intimo e porventura perante a sua reduzida côrte—os condes de Lumiares, de Pôrto Santo, de S. Paio e D. Maria do Resgate—as fundas decepções, as situações pungentes que desde os 20 anos, em 1836, até aquela data de 1869, êsse Coburgo tinha sofrido, com uma tal ou qual dignidade, não isenta de cepticismo. E ia enumerando: êle era, nas vésperas de partir para Lisboa, a fim de realizar o régio enlace ajustado, aquela carta estupenda de infamia dirigida por alguém que assinava Sousa Canavarro, na qual se lhe dizia que não viesse, porque a sua noiva era-o de há muito, por formais promessas, dêle, Canavarro; era a sua chegada á barra do Tejo, ao mesmo tempo que nos Deputados se discutia a questão da chefia do Exército, que tomava claros aspectos de pessoal agravo; era, logo em setembro, a revolução incruenta e quási a seguir a Belemzada—o assassinio canibalesco de Agostinho José Freire, a entrevista com o *Rei de Lisboa*, em frente dos barcos estrangeiros prontos para o desembarque, o bombardeamento, a fuga... que dias, Santo Deus!

Isto, para começo de vida de principe consorte já não era mau. Mas depois? a intrigalhada dos politicos e das camarilhas; a iminencia da abdicação; a revolta dos marechais abortada; as calúnias desprezíveis sôbre as relações da nobre senhora, Rainha, com o seu primeiro ministro Costa Cabral; a Maria da Fonte e a intervenção estrangeira; e, acima de tudo, aquela desairosa jornada do rei-honorário ao norte a sufocar a revolta de 51, onde, chegado a Coimbra, se viu abrigado a dar *vivas* a Saldanha e a voltar açodadamente para Lisboa a confessar a sua inutilidade militar... Era sangrento! Dois anos volvidos, a viuvez.

A Senhora Infanta bem sabia que o sobrinho encontrava uma derivante, para as amarguras pungentes, nas suas predilecções artisticas: no alindamento da Pena, que lhe havia de lembrar os castelos renanos da sua pátria distante; nos desenhos e gravuras a que deliciadamente se entregava; nas colecções de quadros e *bric-à-brac* de toda a espécie que, em pessoa e a pé, ia desencantar aqui e ali, ou que o Cifka punha destramente sob os seus régios olhos; e a música, oh! essa ópera no proscénio de S. Carlos, com vistoso corpo de baile, onde, por 1859, aparecera a estrela cintilante que o havia de fascinar.

Mas, em 61, a derrocada, por um ápice completa, da familia, caiu sôbre o seu coração de pai: D. Fernando, D. Pedro, D. João resvalam, com intervalos de meses na casa rectangular, fria e bafienta de S. Vicente de Fora... Escapa D. Luiz, em viagem e agora rei, e D. Augusto, por milagre, escapa também. As infantas ausentes: uma casara na Saxónia, e outra em Sigmaringen.

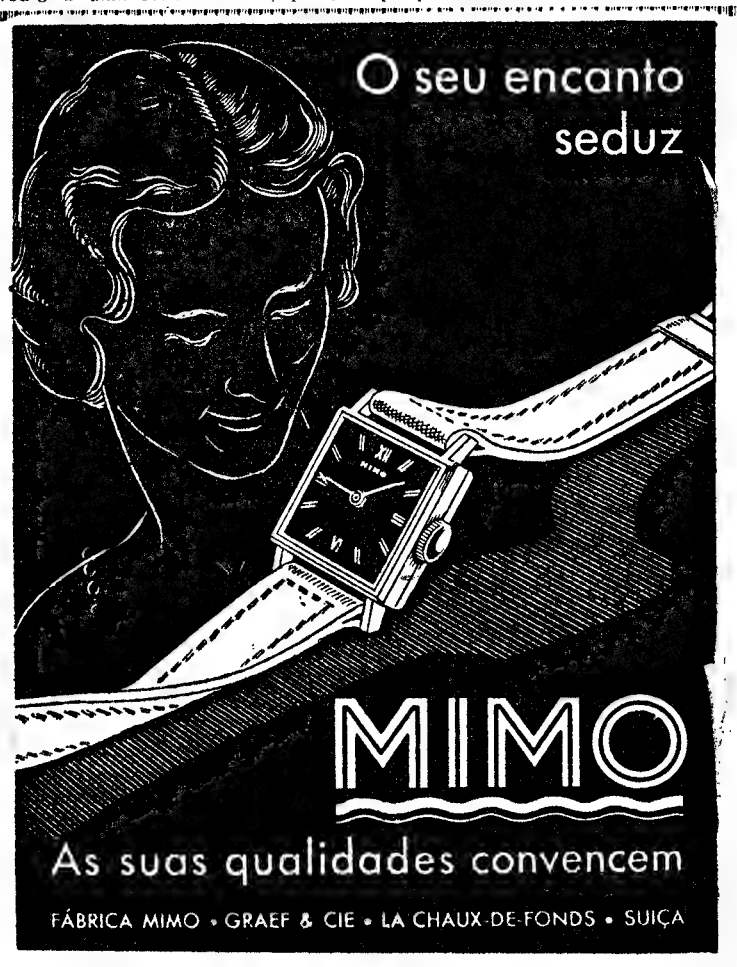
O pobre rei Fernando de Coburgo via sair, todas as tardes, o filho a cavalo, ladeado pelo ajudante, seguidos a distancia por dois criados éprmenDstadoRaãf.abp
de libré azul, agaloada de prata, a dar a sua volta pela Baixa; depois, á noite, acompanhava-o a S. Carlos; mas sempre tão triste, tão alheiado êsse louro duque de Coimbra...

Era justo, pensaria a Senhora Infanta D. Isabel Maria, dar-lhe uma compensação maior e vinha a ser: casá-lo duma vida de filho-familia, de colegial que ás escondidas se diverte e abrir-lhe ás escancaras a porta morganática da felicidade, visto que, aos 53 anos, meu Deus! tinha êsse direito. De mais a mais, êle era alemão e os casamentos dessa espécie são oriundos e vulgares além-Reno.

Elisa Hensler, agora e para a conjura feita Condessa de Edla, soubera insinuar-se no animo da Infanta, e fácil lhe teria sido, á uma porque era, de facto, pessoa insinuante e discreta, á outra, porque a Senhora Infanta, *valde prudens*, sabia compreender e perdoar estas pequeninas coisas do coração.

A Senhora Condessa de Edla morreu, na sua residência de Santa Marta, no meês de maio, e, se não erro, morreu nela a última notável actriz da comédia-drama portuguesa daquela era remota. Morreu com 93 anos. Havia 70 que estava em Portugal e, se nos lembrarmos de que o seu nome anda de qualquer modo ligado ás glórias nacionais de dois grandes artistas—Columbano e Viana da Mota—a sua memória não perecerá e tem jus ao reconhecimento de todos nós.

9 de junho de 1929.



MARMORES DE SOUSA BAPTISTA, L.DA

29 – PRAÇA DO MUNICIPIO – 30

LISBOA

Informam os seus prezados clientes e amigos que encerram todas as suas secções, para balanço, no dia 25, reabrindo em 30 do corrente.

Apresentam a todos os seus melhores votos de Boas Festas e o desejo de um Novo Ano Próspero e de Paz.

Domingues & Lavadinho, L.da

Desejam aos seus prezados clientes e amigos um novo ano muito prospero.

Rua da Assunção, 79 a 85
Rua dos Fanqueiros, 135 a 143 **LISBOA**

Custodio Cardoso Pereira & C.a

Rua do Carmo, 9 a 13

—LISBOA—

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, enviando-lhes Boas Festas e votos dum Novo Ano muito próspero.

Perola do Rossio

105—ROSSIO—105

Especialidade em chás e cafés

Deseja Boas Festas e um ano de muitas felicidades aos seus Ex.mos fregueses e amigos.

Lanificios de Coimbra, Ltd.

MATOS MENDES

Telefone 2 3738

Deseja muito Boas Festas e um ano feliz a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos.

Rua dos Fanqueiros, 240-242
e mesma rua, 215

Papelaria e Tabacaria 100

100—ROSSIO

Aos seus clientes e amigos ambiciona B. Festas e um Ano Novo de muitas venturas.

Fabrica Internacional de Malas

Deposito: Rua do Amparo, 21

Julio Cassiano

MALAS, PELES CARTEIRAS
PREÇOS DE FABRICANTE

Deseja Boas Festas e um Feliz Ano Novo aos seus clientes e amigos.

Dinheiro!!

Empresta-se, ao juro da lei, sobre todos os artigos que ofereçam garantia. Compra e vende antiguidades, ouro, joias, etc.

—JOSÉ MAYER—

Deseja boas festas aos seus Ex.mos clientes e amigos.

18, Rua do Loreto, 20—Telef. 2 2881

Rosas & Carvalho, L.da

«CASA RIO DE JANEIRO»

Camisaria—Malhas—Meias

264, Rua Augusta, 266
—Telef. 2 2107—

Desejam Boas Festas e Ano muito próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.

Pastelaria Benard

MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LIMITADA

Desejam um novo ano prospero aos seus Ex.mos clientes e amigos. Recomendam o jantar do dia 1 de Janeiro de 1945.

Santos, Calita, Limitada

OURIVESARIA-JOALHARIA

Rua Eugenio dos Santos, 44

Desejam a todos os seus Ex.mos fregueses e amigos festas felizes e um ano de prosperidades.

A. S. BAETA

OURIVES-JOALHEIRO

65—Rua do Ouro—67

Deseja Boas Festas e um Ano feliz a todos os seus Ex.mos clientes e amigos.

Marques, Sequeira, L.da

Armazem de Lanificios

R. do Amparo, 102, 2.º — LISBOA

Desejam um ano muito feliz e prospero a todos os seus estimados clientes e amigos.

Viuva de José da Silva

Sucessor João da Silva
SERRALHARIA MECANICA

Largo Silva e Albuquerque, n.º 7
LISBOA

Deseja aos seus Ex.mos fregueses e amigos boas festas e um ano feliz.

T. 2 8155

Casa Anão

PELES E CONFECÇÕES

R. dos Fanqueiros, 376, 2.º

Desejam as boas festas aos seus Ex.mos fregueses e um novo ano feliz.

RODRIGUES, OCULISTA

E. A. RODRIGUES & C.a

142—Rua da Prata—146

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

SAPATARIA CONTENTE

Calçado de Luxo

74—Rua do Carmo—74
98—Rua de Santa Justa—122

Cumprimentam os seus Ex.mos clientes, desejando-lhes Boas Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

Elrem Rodrigues, Lda.

R. da Prata, 185, 2.º, D.
—LISBOA—

Deseja Festas Felizes e um Ano Novo muito próspero a todos os seus estimados clientes e amigos.

Paris - Chiado

A mais elegante casa de flôres naturais do Chiado

Apresenta boas festas aos seus Ex.mos Clientes.

R. Garrett, 62, 64—Tel. 2 6068

Telefone 2 1359

Antonio Furtado dos Santos Aires & C.a

Estabelecimento de Ferragens nacionais e estrangeiras.—130, 131,

RUA DA BOA VISTA, 148, 150 e 154

Desejam boas festas e um ano muito próspero aos seus Ex.mos fregueses.

A GERENCIA
DO

Comptoir Français d'Acessoires

Rua das Pretas, 22-24

Deseja Boas Festas e um ano de prosperidades aos seus Ex.mos fregueses e amigos.

A Aurea do Parque, L.da

RUA RODRIGO DA FONSECA, 121

Mercearia — Pastelaria
Charcuterie — Drogaria

Deseja aos seus Ex.mos clientes e amigos Boas Festas e feliz Ano Novo.

«Au Bon Marché»

ARTIGOS DE NOVIDADE

45—Rua da Assunção—47

Deseja aos seus Ex.mos Clientes e amigos B. F. e um Novo Ano muito feliz.

A GERENCIA DA

Confeitaria Aurea

260—RUA DO OURO—264

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe boas festas e ano feliz.

A União

Fabrica de Espelhos de

ANTONIO DA SILVA DORES, LD.a

R. Luiz Soriano, 23-A

Desejam aos seus Ex.mos Clientes e Amigos boas festas e um novo ano próspero.

W.M HINTON & SONS

FUNCHAL-LISBOA

Cumprimentam os seus estimados Amigos desejando-lhes Boas Festas.

Casa Palissy Galvani

—— DE ——

GUILHERME F. SIMÕES, Ld.a
17-A — RUA SERPA PINTO — 17-B

Deseja aos seus amigos e fregueses umas festas felizes e um ano prospero.

Foto-Lisboa

DE
CARLOS ALVES GARCIA

Trabalhos artisticos em todos os generos

RUA DE ALCANTARA, 47, 1.º

Deseja festas felizes e um ano prospero a todos os seus Ex.mos clientes

José da Costa

Proprietario do **BAR DE S. DOMINGOS**, deseja **Bôas Festas** e feliz **Ano Novo**, aos seus Ex.mos clientes e amigos.

Telf. 2 6949

Largo de S. Domingos, 29 LISBOA

Emprêsa de Sacos de Papel, L.da

Calçada de S. Francisco, 29 a 37
LISBOA Telefone 2 4411

Deseja aos Exm.os clientes e amigos muito Boas Festas.

António José Martins, L.da

Proprietàrios do

«Salão d'Artes Decorativas»

280—RUA DO OURO—284

(1.º quarteirão vindo do Rossio)

Dão as Boas Festas aos seus Ex.mos Clientes.

DUCAL

Esta casa apresenta a todos os seus clientes muito boas festas.

RUA AUREA, 190 e 192

TELEFONE 2 7089

Fábrica de Malas, Pastas e Peles para Confecções

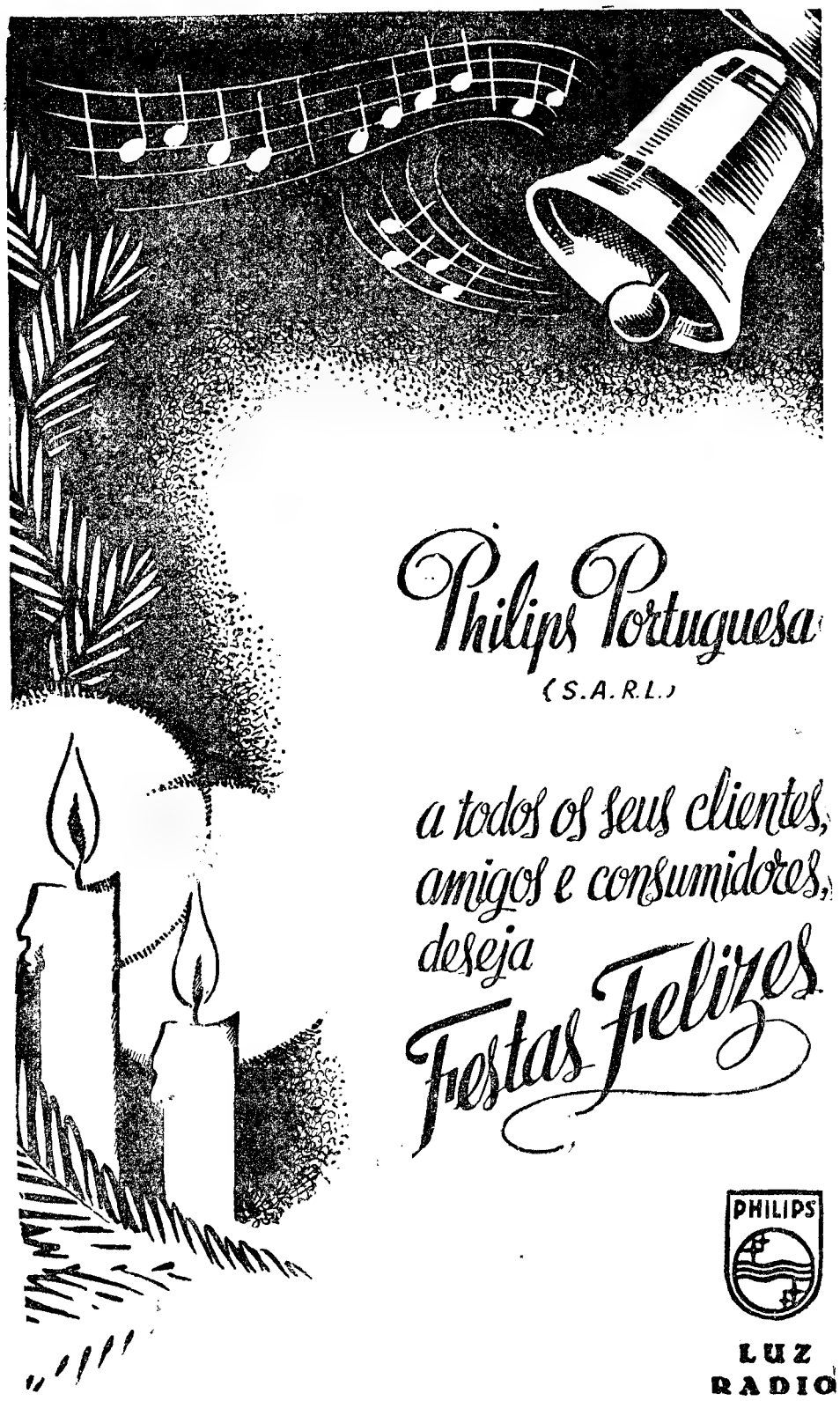
A Nacional

de ANTONIO FERREIRA VEIGA

Tem de existência perto de 40 anos

34, 1.º, RUA DA PALMA, 34, 1.º — LISBOA — Telef. 27928

O proprietário deseja festas felizes e um Novo Ano muito próspero aos seus Ex.mos Clientes e Amigos.



Philips Portuguesa
(S.A.R.L.)

a todos os seus clientes, amigos e consumidores, deseja

Festas Felizes

PHILIPS

LUZ
RADIO

UMA VIAGEM AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS

á venda em todas as livrarias
Album fotográfico das mais lindas vistas da nossa terra
PORTUGAL DE NORTE A SUL
Fotografias de Artur Patricio
Preço 12$50
Envia-se á cobrança. Dirigir pedidos ao
ALFARRABISTA BOCAGE
Rua Garrett, 48 — LISBOA

ORO

Deseja aos seus clientes e amigos Boas Festas do Natal de 1944 e um Feliz Ano Novo de 1945.

ISIDRO

Nome que é uma Garantia!
Um bom nome vale mais que ouro!
Cada cliente fica um amigo!

ISIDRO

Vende e compra predios modernos e antigos, quintas, moradias e herdades. Faz hipotecas e trespasses em todo o País. Negoceia com a maior honestidade e lealdade
RUA EUGENIO DOS SANTOS
43, 2.º—Telef. 2 7303
LISBOA PORTUGAL

A CANADÁ
Peles e confecções. Malas, pastas e outros artigos. Não comprem sem visitar esta casa
RUA DA PALMA, N.º 30

PELES
LIQUIDAÇÃO COMPLETA
Casacos, capas, golas, raposas
Confecção de todos os generos e qualidades a
PREÇOS BARATISSIMOS
Veja e acreditará!!...
Fabrica: RUA ST.º ANT.º CAPUCHOS, 68/74
R. DOS DOURADORES, 159, 1.º
Telef. 27770

Telefones 28677-28395-27968

PALLADIUM
Café—Salão de Chá
Avenida da Liberdade, 1 — LISBOA

RESTAURANTE E CERVEJARIA
BOMJARDIM
ESPECIALIDADES EM LEITÕES DA BAIRRADA
E BOM SERVIÇO DE MESA
T. St.º Antão, 7-11—Telefone 24389

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
TELEFONE 2 6519
Med., coração, pulmões—Dr. A Narciso, 6 h.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, vias urinarias—Dr. M. Magalhães, 1 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenças nerv., electroterapia—Dr R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr Mario de Matos, 2 h.
Estomago e intestinos—Dr Mendes Belo, 4 h.
Garg., nariz, ouv.—Dr Barros Simão, 3 e 30 h.
Doenças sr.as, operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenç. das crianças—Dr. Silva Nunes, 5 e 30.
Boca, dentes, protese—Dr A. Lima, 2 h.
Rais X—Dr. Aleu Saldanha, 4 h.
Fisioterapia—Dr. Mario Jacquet, 4 h.

Brinquedos
Preços especiais para revenda e casas de beneficencia.
41 -- Calçada da Estrela -- 41

Pastelaria MARQUES
Desejam um novo ano prospero aos seus Ex.mos clientes e amigos. Recomendam o jantar do dia 1 de Janeiro de 1944.

Faqueiros
Em alpaca — aço inoxidavel — Penenal—etc., aos melhores preços.
41 -- Calçada da Estrela -- 41

Lâmpadas LUMIAR
Motores ENAE

A Empresa Nacional de Aparelhagem Electrica

deseja a todos os seus Ex.mos Amigos e Clientes muito Boas Festas e um Ano Novo muito feliz.

ARMAZENS
IMPERIUM, L.DA

Rua de Santa Justa, 93, 2.º
TELEF. 2 5827

Enviam a todos os seus clientes e amigos os seus sinceros votos de festas felizes e de um novo ano muito prospero.
Tambem agradecem e retribuem as boas festas que os seus amigos lhes têm endereçado.

ESTABELECIMENTOS
Jeronimo Martins & Filho, L.da
LISBOA

Cumprimenta todos os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes boas festas e um Ano Novo feliz.

PASTELARIA J. TAVARES, L.DA
Rua da Palma, 68

Agradece a todos os seus Ex.mos clientes a preferencia que têm dado à nossa FIRMA, desejando-lhes muito BOAS FESTAS e um NOVO ANO repleto de felicidades.

Fornecem-se lanches para baptizados, casamentos, etc.

Telefone 28068

Casa Africana
RUA AUGUSTA

Cumprimenta a sua Exm.a Clientela, desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano Feliz.

CASA DAS MALAS
FUNDADA EM 1887
Joaquim da Silva & C.a (Filhos)
110, Rua da Prata, 112 e 114
SUCURSAL: RUA DO OURO, 180 e 182 TELEFONE P. B. X. 2 0659

Dá as Boas Festas aos seus amigos e clientes, desejando-lhes um Natal e Ano Novo feliz.

OS PROPRIETÁRIOS
—DO—
Restaurante e Cervejaria «LEÃO D'OURO»
RUA 1.º DE DEZEMBRO, N.os 89-99

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, desejando-lhes Boas Festas e um novo ano muito feliz.

ténix
camisaria
novidades para homem e senhora
r. augusta, 125-129—lisboa—tel. 27228

Cumprimenta a sua Ex.ma clientela desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano Feliz.

J. A. RIBEIRO & C.a
Oculistas
INSTRUMENTOS CIENTIFICOS
222 – RUA AUREA, 226

Cumprimentam os seus Ex.mos fregueses e amigos desejando-lhes boas festas.

Ao Ultimo Figurino
António Gonçalves Marques

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe boas festas e um Ano Feliz.

TELEFONE 21896
J. V. Feijó, L.da
OURIVES-JOALHEIROS

Desejam festas muito felizes aos seus Ex.mos clientes e amigos e um novo ano muito próspero.

R. da Prata, 299-303 e R. da Betesga, 51-55—LISBOA
(Em frente á Praça da Figueira)

D. J. SILVA LTD.
Vinhos de Colares V. S. (Visconde de Salreu)
33, RUA RODRIGUES SAMPAIO, 35

Desejam Boas Festas a todos os seus estimados clientes e amigos e um Novo Ano repleto de prosperidades.

PASTELARIA BIJOU
—DE—
A. C. ALVES & C.a
84-88—Avenida da Liberdade—87-89

Cumprimenta a sua Ex.ma Clientela, desejando-lhe Boas Festas e um Novo Ano feliz.

Lopes dos Santos, L.da
OLEADOS, CARPETTES, PAPEIS PINTADOS, ETC.
82–Rua Augusta–84

Aos seus Ex.mos clientes e amigos desejam boas festas e um ano feliz.

Sapataria Versailles
RUA DE SANTA JUSTA, 96

Cumprimenta os seus amigos e clientes, desejando-lhes um Novo Ano muito prospero.

PHILIPS

Os últimos modêlos de aparelhos de T. S. F.

à venda na

Havaneza Valmor

Avenida Visconde Valmor, 61
TELEFONE 5 1819

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES
TROCAS

LAMINAS "NACET"

"Lâminas boas e baratas"

A complicação habitual com as lâminas de preço económico é a falta de uniformidade — boas, más e sofríveis no mesmo pacote. As Lâminas Nacet, apesar de modestas no preço, são uniformemente boas — cada uma das lâminas do pacote dará a mesma satisfação, proporcionando muitas barbas bem feitas. Têm sido muito populares entre os possuidores de máquinas de três furos, devido ao que afirmámos.

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

PRESENTE DO NATAL

Agente: **Soc. Com. Ermida Parreira, Ltd.ª**
Trav.ª do Corpo Santo, 10, 3.º — Telef. 2 3093

Carrinhos para Bébé E BRINQUEDOS
VENDAS A PRESTAÇÕES
MALAS PARA SENHORA, grande sortido dos mais recentes modêlos—GABARDINES, CAPAS, SOBRETUDOS, MALHAS.
SAPATARIA—CAMISARIA—PASTAS—CANETAS
T. S. F., em 12, 18 e 24 meses
PERFUMARIA NELO
PERFUMARIA DE ALTA CATEGORIA—VENDA A PESO
HAVANEZA VALMOR
Avenida Visconde Valmor, 61-61-C Telefone 51819
PAULO & GOMES—RELOJOARIA VALMOR
Avenida Visconde Valmor, 60-A
Relógios, ouro, prata e joias Visitem os nossos estabelecimentos. As melhores condições, os melhores preços

NIEPOORT & C.º
R. da Nova Alfândega, 15
Telef. 28. Telegr. «Niepoortco»
PÔRTO

Agente no Sul do País:
J. NUNES DA SILVA
Rua do Corpo Santo, 16-1.º
Telef. 2 5498
LISBOA

CADEIRAS CIENTIFICAS «SEEL»
de costas e assento ajustáveis
para: dactilógrafos, escriturários, etc.
Uma posição correcta e confortável evita a fadiga e proporciona
RENDIMENTO DE TRABALHO
2 modêlos em «stock»
VISITE O NOSSO «STAND»:
Sociedade Equipamento de Escritório, L.da
P. dos Restauradores, 53, 1.º andar—LISBOA
TELEFONE—2 4986
NO PORTO:
Ed. Pinheiro Torres & Irmão
Rua dos Clerigos, 44.

Tintas
Esmaltes
Vernizes

ORIGEM INGLESA — EMBALAGENS DE ORIGEM
CASA LINO
113, RUA DOS BACALHOEIROS, 115 — LISBOA
Telef. 2 1374 e 2 1375 P. B. X. Telegramas — ONIL

Não espere pelo aparecimento da primeira ruga para começar a tratar a sua pele. Comece já a usar o **CREME BENAMOR** que dará ao seu rosto uma encantadora frescura.

Desmancha as rugas, faz desaparecer os pontos negros, borbulhas e a vermelhidão.

Defende a pele da acção cáustica do vento, do frio e das poeiras.

Fixa admirávelmente o Pó d'Arroz que se torna quási invisivel sôbre a pele.

COMPANHIA DE SEGUROS
SAGRES

Sede em Lisboa — R. do Ouro, 181

EDIFICIO PROPRIO

Sinistros pagos até 31-12-943

ESC.:—32.879.111$29

AGENTES EM TODO O PAÍS

Efectua seguros de «INCENDIO» «MARITIMOS E GUERRA, «AUTOMOVEIS», «AGRICOLAS», «ACIDENTES DE TRABALHO», «ACIDENTES PESSOAIS» e de «VIDA» **em todas as modalidades.**

A Companhia fornece todos os esclarecimentos a quem os pedir, **mandando a casa de quem o solicitar, e sem encargo algum, empregado competente que dará todas as informações.**

Aceitam-se agentes e angariadores que dêem referencias

AQUECIMENTO CENTRAL

Salamandras, instalações para água quente e fria, artigos sanitarios. Electricidade, candeeiros e T. S. F.

Empresa Electrica, L.da

Rua da Prata, 122

ESTORIL :

GRANDE PARQUE

Telefones : 2 5359 e Estoril 90

Orçamentos gratis

EMPREZA DE CIMENTOS DE LEIRIA
MARCA REGISTADA
LIZ
FABRICA EM MACEIRA-PORTUGAL
CIMENTO PORTLAND ARTIFICIAL

CIMENTO «LIZ» HIDROFUGDO «N»

Proprio para **IMPERMEABILIZAÇÃO DE OBRAS,** rebôcos, fundações, paredes, etc.

Substitue com vantagem de ordem técnica e económica todos os impermeabilizadores conhecidos

Em sacos de papel de 50 quilos. Peçam instruções para o seu emprêgo.

SEDE: Rua do Cais de Santarem, 64, 1.º—LISBOA

FILIAL DO NORTE: Rua de Santo António, 190-A, 1.º—PORTO

AGENTES EM TODO O PAÍS

HAUSER & FERNANDES, L.DA

FABRICANTES E EXPORTADORES

—o-o—

CORTIÇAS — Prancha, Refugo, Aparas, Virgem, etc., etc.

—o-o—

ESCRITÓRIO:

Rua Augusta, 188 — LISBOA

FÁBRICAS EM:

Poço do Bispo, Centieira (Olivais) e Sines

TELEFONES: **2 1285 e 3 8167**

TELEGRAMAS: **CARFER — LISBOA**

CÓDIGOS: **A B C 5th 8th Editions Rudolf Mosse Code e Bentley's**

OS MELHORES BRINDES DO NATAL E ANO NOVO

SÃO OS DA

VISTA ALEGRE

DEPOSITOS DE VENDA:

LISBOA — Largo do Chiado, 18 | PORTO — R. Candido dos Reis, 18

O «Diario de Lisboa», vende-se em Mangualde no Café Melro, Largo do Dr. Conto.

Leiam o jornal humoristico SEMPRE FIXE

SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS

SEDE: RUA DA MADALENA, 36 — LISBOA

Telefones P. A. B. X. 21091-21092 **FUNDADA EM 1900**

CAPITAL 2.000 CONTOS

RESERVAS 1943 27.508 CONTOS

SEGUROS CONTRA TODOS OS RISCOS

Cumprimentos de Boas Festas aos seus Clientes e Segurados

AMIANTO **TELEGRAMAS VALADEIRO**
BORRACHA
CORREIAS
OLEO DA MARCA «VALADOIL»
SEDAS SUIÇAS PARA PENEIROS MARCA «DUFOUR»
PNEUMATICOS DAS MELHORES MARCAS PARA AUTOMOVEIS
PUADOS BELGAS PARA CARDAS
CARTÃO «KLINGERIT» — VIDROS «KLINGER»
CALÇOS «KLINGER» PARA TRAVÕES

VALADAS, L.DA

ESCRITORIO
C. DO MARQUES D'ABRANTES, 1 a 5
TELEFONES: P B X 6 3113 — 6 3114

ARMAZEM
C. DO MARQUES D'ABRANTES, 27, 29 e 31
AV. PRESIDENTE WILSON, 68, 70 e 72
LISBOA

FILIAIS
PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 73, 75 e 77 — Telefone 739
COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 31 e 33 — Telefone 103
BEJA — Rua de Mertola — Telefone 159

VINHO DO PORTO "GRAHAM"

da firma *G.me & João Graham & C.a*

de Vila Nova de Gaia

Agentes em Portugal e Colónias:

Guilherme Graham Jnr. & C.a

Rua dos Fanqueiros, 7 — LISBOA — **Tel. 20066/9**

Rua dos Clérigos, 6 — PORTO — **Tel. 880/1**

Companhia Colonial de Navegação

Serviço de carga e passageiros

Linha da Costa Oriental

Saídas mensais, com escala por **Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique** e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

Linha da Costa Ocidental

Saídas mensais, com escala por **S. Tomé, Sazaire, Luanda e Lobito** e mais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação.

Linha da Guiné

Saídas mensais, com escala por **Funchal, S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.**

Linha da América

para Filadelfia.

ESCRITORIOS

LISBOA — **R. do Instituto Vergilio Machado, 14** (Rua da Alfândega)—Telef. 20051

PORTO — **RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9** Telefone 2342

Emprêsa Insulana de Navegação

Carreiras regulares entre:

Lisboa, Madeira e Açores

Saídas em 8 de cada mês para:

Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Cais do Pico, Faial, Côrvo e Flôres (Lajens e Sta. Cruz).

Em 23 de cada mês para:

Madeira, Sta. Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Sta. Cruz), S. Jorge (Calheta), Lajes do Pico e Faial.

AGENTES EM LISBOA

Germano Serrão Arnaud

Carga e passagens de 3.ª classe: **Avenida 24 de Julho, 2, 2.º**

Passagens de 1.ª e 2.ª classes: **Rua Augusta, 152**

NO PORTO

J. T. Pinto de Vasconcelos

NA MADEIRA

Blandy, Brothers & Co., Ltd.

EM PONTA DELGADA

Bensaude & C.a, Limitada

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

SEDE EM LISBOA:

PORTUGAL

Prédio da Rua dos Fanqueiros, 278, 2.º

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia, Penedo, Casal d'Ermio (Lousã) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha)—instaladas para uma produção anual de oito milhões de quilos de papel

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

LISBOA - 270, Rua dos Fanqueiros, 278

TELEFONES: 22331/2

Pôrto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

TELEFONE: 217

Endereços telegraficos de Lisboa e Porto

PELPRADO

António Veiga

CONSTRUTOR CIVIL DIPLOMADO 112)

EMPREITEIRO DAS OBRAS DE:

Construção do Viaduto de Vila Meã.
Construção do Viaduto do Tamega.
Construção da E. N. 12-1.ª — Troço da Póvoa de Santa Iria a Alverca.
Construção da E. N. 86-2.ª — Entre Casa Branca e Alcáçovas.
Construção da passagem sôbre o caminho de ferro no arruamento Moscavide-Beirolas.
Construção do ramal de caminho de ferro da estação da Cruz Quebrada para o Estádio Nacional.

Escritório: Praça dos Restauradores, 13, 3.º

Residencia: R. Visconde Seabra, 6

Telef. 2 7845

GASOGENIO

GASOGENIO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO ESPECIALIZADA

Limpeza de filtros, afinar, carregar, acender e todos os serviços referentes a gasogenios por pessoal especializado

AVIZ CAFÉ-RESTAURANT LEIRIA Telefone 203

E' onde se tem a certeza de ser bem servido. Pratos regionais. Optimos quartos

OS PRODUTOS DA

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

São os preferidos pelo fumador exigente

PICADOS — SUPERIOR — FRANCEZ — VIRGINIA DUQUE — HOLANDEZ — AGUIA

CHARUTOS - Irene — Argonautas

Cigarrilhas: GAMAS — AVIZ - DIANA - LEGIONARIOS — DELTA - EUREKA — MENFA - LUSOS PROVISORIOS SPORTING — NAVALISTAS - ELEGANTES — TURQUEZAS TIP-TOP - TAGUS - SEREIAS LUXO — SADO ARGOS - AZES — SAGRES — CHIC — LISBOA - P. PEITORAL.

São marcas da

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

Arrendataria das fabricas do Estado

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

CAPITAL REALIZADO ..... 80.000.000$00
FUNDOS DE RESERVA ..... 64.800.000$00

Rua do Comércio, 95 a 119 — LISBOA

DEPENDÊNCIAS URBANAS

Alcantara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis e Benfica

FILIAIS E AGÊNCIAS

Porto, Coímbra, Braga, Faro, Covilhã, Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matozinhos, Moura, Guarda, Espinho e Montijo

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

BILHETES DE ASSINATURA

Esta Companhia faz publico que desde ja recebe requisições para bilhetes de assinatura em todos os dias uteis, nos seus escritorios em Santo Amaro e tambem nos dias 26 a 29 na sua Estação do Arco do Cego, nas seguintes condições:

1.ª—O prazo de validade para os bilhetes trimestrais começa em 1 de Janeiro e termina em 31 de Março, e para os bilhetes semestrais começa em 1 de Janeiro e termina em 30 de Junho de 1945;

2.ª—O preço dos bilhetes trimestrais é de Esc. 380$18 (TREZENTOS E OITENTA ESCUDOS E DEZOITO CENTAVOS) custo do bilhete e respectivo imposto do sêlo, e o preço dos bilhetes semestrais é de Esc. 633$61 (SEISCENTOS E TRINTA E TRES ESCUDOS E SESSENTA E QUATRO CENTAVOS), custo do bilhete e respectivo imposto do sêlo;

3.ª—Os bilhetes deverão ser requisitados a Companhia, em carta impressa, segundo o modelo que a Companhia fornece, devendo o requisitante juntar-lhe duas fotografias iguais, medindo 1m,033 × 0m,033, despegadas de cartão, e facilmente colaveis, não se aceitando fotografias que sejam de dimensões inferiores a estas ou inutilizadas por qualquer carimbo;

4.ª—A Companhia só se obriga a fornecer bilhetes de assinatura três dias depois daquele em que receber a requisição, nos termos acima indicados, mas nunca antes do dia 30 de Dezembro de 1944, sendo a sua entrega efectuada só nos locais onde se verificou a respectiva requisição; (Exceptuando domingos e feriados);

5.ª—Os bilhetes são absolutamente pessoais e intransmissiveis e só são validos nos carros electricos que circulam nas linhas da Companhia para serviço do publico;

6.ª—Em caso de perda ou extravio, deverá o assinante fazer a participação a Companhia que, decorridos oito dias, lhe fornecerá outro bilhete. Durante este prazo, que a Companhia reserva para averiguar qual o paradeiro do primitivo bilhete, o assinante só poderá transitar nos carros pagando as suas passagens e sobre elas não terá direito a restituição alguma, nem perdas nem danos;

7.ª—Quando qualquer pessoa que não seja o proprio assinante fizer ou tentar fazer uso do bilhete de assinatura, será o bilhete cassado pelo agente da Companhia e em seguida anulado, isto sem prejuizo do processo a seguir contra o autor e cumplice desta fraude ou tentativa de fraude;

8.ª—Os bilhetes de assinatura emitidos por esta Companhia terão a fotografia e assinatura do assinante e serão autenticados com as assinaturas ou chancelas de dois directores e, ainda, com o carimbo em relevo de que usa a Companhia;

9.ª—Os assinantes não podem apresentar, sob pretexto de qualquer prejuizo, reclamação alguma contra a Companhia por motivo de demora, paragem ou interrupção de circulação na linha, mudança de serviço, diminuição de numero de carros, falta de lugar, por motivo de gréve ou, ainda, por qualquer outro caso de força maior;

10.ª—Fica o assinante obrigado a apresentar prontamente o bilhete ao condutor e, bem assim, quando exigido pelos outros empregados da Companhia, não sendo suficiente a declaração de ter assinatura. Fica igualmente obrigado a reproduzir a sua assinatura quando fôr necessario para comprovar a sua identidade;

11.ª—A falta casual ou forçada da utilização do bilhete não constitue ao assinante nem aos seus sucessores ou herdeiros o direito de reclamar indemnização ou compensação alguma da Companhia. Em caso algum poderá o assinante, quem o represente ou quem o suceda reclamar o valor total ou parcial da assinatura, cujo preço, uma vez pago, pertence de direito e para todos os efeitos á Companhia.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1944.

A DIRECÇÃO

Empêsa Industrial de Tintas, Limitada

Tintas para Imprensa e Litografia
Vernizes tipo-litográficos
Massa para rolos, etc.

Rua da Cascalheira, 33
Alcântara-Lisboa
Telefone 81669

Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência

Estabelecimento Autónomo do Estado

Serviços anexos { Caixa Nacional de Crédito / Caixa Nacional de Previdência

Telefone (P. B. X.) 26181 a 26189

DEPOSITOS A' ORDEM E A PRAZO—EMPRESTIMOS HIPOTECARIOS E SOBRE PENHOR DE TITULOS—OPERAÇÕES DE TRANSFERENCIAS E COBRANÇAS—EMPRESTIMOS SOBRE PENHOR DE OURO, JOIAS E PRATAS PELA CASA DE CREDITO POPULAR—EMPRESTIMOS AGRICOLAS E INDUSTRIAIS PELA CAIXA NACIONAL DE CREDITO

Filiais em todas as sedes de Distrito
Agências e Delegações nas sedes de Concelho

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU». Esmerado serviço de restaurante e esplendidos quartos e «*appartements*».

Recomendado pelos Automovel Club de Portugal, Club dos Medicos Portugueses, Club dos «100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.

Bau só existe um em Alcobaça e não tem sucursais

DINHEIRO
EMPRESTA-SE
dando-se o maximo sobre todos os objectos
R. Duque de Palmela, 11
á R. Alexandre Herculano

O «Diario de Lisboa» vende-se em Castelo Branco na casa Policarpo dos Santos Silva.

ARMAZENS DE
S. DOMINGOS
TRAV. N. DE S. DOMINGOS, 10

MALHAS
CAMISOLAS
MEIAS
RETROSEIRO

PREÇOS POPULARES

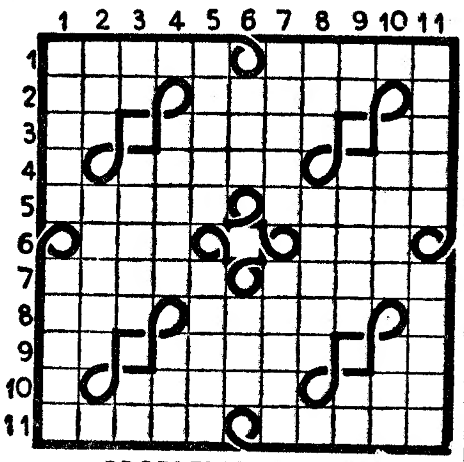
Prefiram sempre Conservas Tenorio
ATUM TENORIO
á venda nos bons estabelecimentos

A
FEIRA
DE
S. DOMINGOS, L.DA
Trav. N. de S. Domingos, 17 a 23

ROUPAS DE CAMA
ATOALHADOS
FANQUEIROS
TABELADOS

PREÇOS DE FEIRA

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 774

HORIZONTAIS: 1—Conjunto das plantas de uma região. Rio de Espanha que dá o nome ás minas de cobre mais importantes da Europa. 2—Escarneces. Cidade e importante pôrto de Moçambique. 3—Caminhava. Desprende-se das amarras (Náut.). Espreita. 4—Agarras á fôrça. Espaço de tempo. 5—Arremesso. Pequena esmola. 6—Ansia. Rio de Itália, afluente do Pó. 7—Insensíveis. Ligara. 8—Braço de mar. Azêdo. 9—Preposição. Pára. Conjunção que designa alternativa. 10—Antiga região da Asia, que mais tarde se reuniu ao reino da Pérsia. Cidade belga na provincia de Liége. 11—Cidade do Alentejo. Fronteiras.

VERTICAIS: 1—Salienta. O transporte de uma coisa. 2—Bôrras. Moeda de prata, espanhola. 3—Amigo (pl.). Voz ou som desafinado. Pedra de moinho. 4—Cabo da Ilha da Madeira. Possuir. 5—Comoção. Peixe vulgar. 6—Epoca. Pende. 7—Disposição das flôres em forma de piramide. Dar uivos. 8 Cólera. Ilha do arquipélago das Molucas que o navegador português António de Abreu visitou em 1511, tendo sido êle o primeiro europeu que ali desembarcou. 9—Em a. Medida romana para sêcos, que equivalia a cêrca de 8,8 litros. Nota musical. 10—Vigiar. Capa. 11—Muito gôrdo. Mostras-te de mau humor.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 773

HORIZONTAIS: 1—Tas. Adôrno. 2—Vire. Rala. Lê. 3—Eter. Epsom. 4—Zénite. Itera. 5—Abafam. Rol. Sá. 6—Ir. Empiora. Al. 7—Só. Goa. Tarifa. 8—Aluir. Atirar. 9—Geada. Mapa. 10—Ia. Onix. Adem. 11—Lesada. Sol.

VERTICAIS: 1—Vazais. Agi. 2—Ti. Ebro. Leal. 3—Arena. Egua. 4—Setif. Moidos. 5—Ar. Eta. Paraná. 6—Da. Remitam. Id. 7—Oleiro. Ata. Xá. 8—Raptor. Ripas. 9—Sela. Irado. 10—Olor. Safa. El. 11—Ema. Alaram.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 32

HORIZONTAIS: 1—Governador duma tetrarquia. 2—Sovas. 3—Medicamentos que se empregam contra as doenças dos ouvidos. Habilidade. 4— Variedade de uva branca muito doce. Condescendeis. 5—Transmitiriamos gratuitamente a outrem. 6—Relativo ao Deus dos ventos. Espécie de sapo do Amazonas. 7 Isolados. Homem de casta inferior entre os egipcios, que se ocupa dos trabalhos mais rudes. Abreviatura de grama. 8—Modorra em certas doenças de gravidade Página (abrv.). 9—Cada um dos pavimentos dum edificio. Fecha as asas para descer mais depressa. 10—Origem. Nome duma letra. Mamífero desdentado, especie de tatu. 11—Viração. Caixa de madeira forrada de coiro. lona. etc., destinada a transporte de roupas.

VERTICAIS: 1—Judeu da tribu de Neptali, que foi curado de cegueira por seu filho, aconselhado pelo anjo Rafael. Estima. 2—Ligo. Ornamentar. 3—Trindades. Deusa. 4—Cidade da Bélgica, na Flandres Oriental. Aqui. 5 Irmão do pai. Duplo saco, fechado nas pontas e aberto no meio. 6—Batráquios. Gracejam. Preposição. 7—Carta de jogar. Barquinhos de pesca usados nas costas do sul de Portugal. 8—Nome de mulher. Transitavam. 9—Folha de pinheiro. O chefe da igreja católiva. 10—Bebedeira. O mais. 11—Ressuscitara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 31

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	■	P	E	R	N	A	M	B	U	C	O
2	P	A	R	A	I	B	A	■	S	I	C
3	A	R	E	I	S	■	O	■	U	T	O
4	R	A	M	A	S	■	S	A	R	A	R
5	A	N	I	N	O	U	■	C	A	I	R
6	G	O	T	A	■	P	R	E	■	■	I
7	R	I	A	S	■	A	I	R	O	S	A
8	A	C	■	■	E	■	R	■	R	I	M
9	F	O	G	A	R	E	I	R	O	S	■
10	O	■	A	R	A	V	A	S	■	M	E
11	■	U	S	A	M	O	S	■	S	O	L

O «Diario de Lisboa» vende-se em Cuba (Alentejo) na casa do sr. Manuel Ascensão Horta.

ONDE SE FORJAM AS ALMAS...

A «Casa do Gaiato» do Pôrto

alugou um palacete para os «gaiatos» seus protegidos que frequentam escolas e liceus

PORTO, dezembro—Classificar a obra do padre Américo como maravilhosa ou sem igual é exagero sem perdão. Ninguem deve acreditar que no velho mosteiro beneditino de Paço de Sousa, que já funcionou como Casa Pia e onde hoje se encontram 70 farrapões, «filhos de ninguém», haja uma máquina, onde, dum lado, se introduza um pequenino larápio de malinhas de senhora e saia, pelo outro, um menino primorosamente educado, falando inglês e francês, um engenheiro, um médico ou um legista. Nada disso. Os garotos ali, que os há desde os 5 anos, mal sabendo falar, até aos 14, carregados alguns de vicios e com o curso superior da universidade das pedras das ruas, tendo passado pelos tribunais das tutorias, ainda fazem as suas maroteiras, mas hão-de corrigir-se, embora muito lentamente, solidamente, firmemente, e não como muitas vezes sucede, apenas na aparência.

Nem todos os garotos que estão em Paço de Sousa virão, talvez, a ser uteis á sociedade, mas, se o desperdicio fôr, suponhamos, de 30 %, bem merecido é o esforço do padre Américo, pois, salvando 70 % da massa que manipula, todos devemos dar louvores a obra tão meritória.

Há ali crianças cadastradas e estigmatizadas com «sobriquets» e que, a serem abandonados á vida que levavam, deveriam muito em breve vir a constituir perigosos elementos á margem da sociedade. Na sua maioria, eram simples desamparados morais que iniciaram os seus passos na mendicidade, mas que, mais tarde, incitados até por delinquentes adultos, se entregavam á pratica do crime. Hoje, na sua maioria, sentem repulsa da pequenina história das suas vidas. De cada um dos pequeninos habitantes daquele enorme casarão há uma história triste a contar. Estão lá garotos de todos os cantos de Portugal, sem mesmo terem passado pelas ruas e vielas do Porto—do arquipelago do Porto—como diz o padre Américo em relação ás nossas «ilhas». Está lá um garoto, o «Pepe», espanhol de nascimento mas português do coração, a quem á sua vista fuzilaram o pai durante a guerra civil. O «Elvas», o «Porto», o «Lisboa», o «Tiro-Liro», o «Rio Tinto», o «Murtosa» são outros tantos, mas devem vir a ser, amanhã, cidadãos uteis á sociedade.

A obra do padre Américo deve vir a produzir os melhores frutos, se ele fôr ajudado, compreendido e secundado por quem se queira sacrificar abnegadamente.

—De comer não falta, graças a Deus—diz-nos, sorridente, o padre Américo—e parece até que quantos mais vêm mais comida há!

A quinta do Mosteiro é enorme, como grande é ainda uma outra que lhe foi oferecida e, por isso, tudo quanto elas produzem chega bem, e até sobra para dar aos pobres da região, pois que ali nada se vende; tanto se recebe como se dá.

Não são poucos os que descrêem da eficiência da obra, tal como a quere orientar o padre Américo—pela persuasão, pelo castigo moral, pelo prémio do bom exemplo, dando aos rapazes a maior liberdade dentro da maior responsabilidade, entregando aos mais velhos a condução dos mais novos, sem violentos castigos fisicos, sem prisões, nem fardas, nem casernas, nem corneteiros, nem tambores.

Em Paço de Sousa não há perfeitos, vigilantes ou qualquer genero de empregados a exercer fiscalização sôbre os «Gaiatos». De tudo se encarrega o padre Américo ajudado pelos rapazes mais velhos, um dos quais, o Sergio, com 15 anos de idade, é o «director». O «bibliotecário» é o «Porto», um miudo de 11 anos, que exerce cumulativamente o lugar de secretário da obra de assistencia aos necessitados da população vizinha—e assim sucessivamente...

A «Casa do Gaiato» acaba de adquirir, por aluguer, um grande palacete, na rua Herois de Chaves, onde vão ficar instalados os «Gaiatos» que tiverem de estudar nesta cidade em escolas ou liceus, dirigidos por um «Gaiato» que está em Paço de Sousa e ali tem dado excelentes provas de bem ter compreendido o alcance social da obra. Este tem 14 anos. Uma coisa também se aprende na «Casa do Gaiato»: é ter personalidade. O cozinheiro—um dos cozinheiros—depois de cumprir a sua missão, dirige, com toda a autoridade, a limpeza das loiças, a lavagem das bancas e mesas, o arrumo conveniente das panelas e outros utensilios e, depois disto tudo feito, dá aos seus colaboradores a ordem de... ir brincar! Nunca deixa de ser fielmente obedecido. O forneiro, quando a cozer pão, está, em geral, cercado dos mais miudos, dos que têm 5, 6 e 7 anos, os quais estão ali sempre em grande alegria, pois ele nunca se esquece de lhes dar «broinhas» pequeninas que eles saboreiam como se fôsse o melhor manjar!

De resto tudo ali é assim. E' uma obra que se faz mais pelo amor que pelo temor!

Deixámos mesmo agora o padre Américo, numa das confeitarias desta cidade, acompanhado dum dos seus «Gaiatos». Este veio ali, a tomar chá e bolos, como prémio de ter entregue ao padre Américo uma moeda em oiro, de D. José, que pouco antes encontrára ao cavar a terra num campo afastado, onde se encontrava sózinho ou, pelo menos, bastante afastado dos companheiros.

E' claro, que não duvidamos de que, a estas horas, anda um grande numero de «Gaiatos», de enxada em punho á procura de chá e bolos, nos campos que circundam o Mosteiro...

GUILHERME CARVALHO

EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta tabela para referencia futura)

Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
19,30	30,9	19,5	23	39,6
19,45	23	39,6		
21,45 às 22,15	23	39,6	49,6	

Ouça o locutor JORGE ALVES às 19,30

«A VOZ DA AMERICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.», todos os dias, das 18,45 ás 19

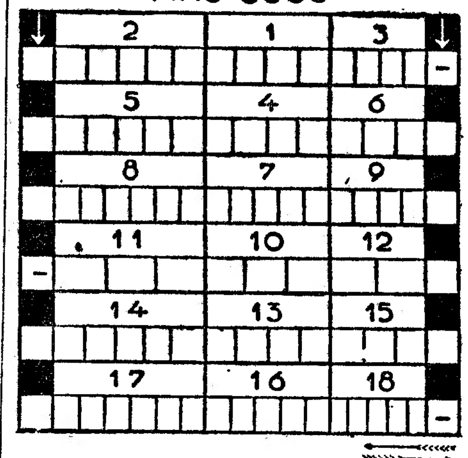
EMISSÕES DIARIAS

OIÇA A VOZ DA AMERICA EM MARCHA

PALAVRAS DERIVADAS

PROBLEMA N.º 90

Ano sêco



ENUNCIADOS—1—Estrela, destino, sorte. 2—Resenha histórica dos acontecimentos, feita por periodos anuais. 3—Concelho do Alto Alentejo. 4—Arvore alta e ramosa da familia das amentáceas. 5—Navalha, em termo de gente de baixo estôfo moral. 6—Senhora da côrte. 7—Peixe a que também se chama «alvarinho». 8—Efeito de coar. 9—Perseguição, busca, que determina o prazer venatório. 10—Preposição que exprime carência, falta, exclusão. 11—Uma das divisões do tempo. 12—Igreja episcopal, arquiepiscopal ou patriarcal. 13—Estacione. 14—Corpo mineral, duro; pedaço de rocha. 15—Que é divisivel por dois. 16—O que descende de individuo negro, cruzado com individuo mulato (Pop. no Brasil) 17—Pungente, áspera, cruel (Forma feminina). 18—Pequena embarcação de vela.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 89

Darei a vida e a alma

↓	2	1	3	↓
M	MALTA	ALTA	TAL	A
	5	4	6	
A	ÁSIA	SAI	AIS	-
	8	7	9	
S	PAÍS	PAI	PI	A
	11	10	12	
-	VARAL	LARVA	VARA	L
	14	13	15	
N	NABAL	BALA	ALA	B
	17	16	18	
U	AULA	ALA!	LÃ	A
	20	19	21	
N	MONSTRO	MOSTRO	MOSTO	R
	23	22	24	
C	CIDADE	IDADE	IDEA	D
	26	25	27	
A	ARADO	DORADO	DOR	A,

dizia um burro filósofo

A. SETTAS

PELES

REVOLUÇÃO DE PREÇOS

Casacos compridos mais baratos que os de fazenda

PREÇOS UNICOS!

De pele de Polónia a......	700$00
» » » Kid a............	950$00
» » » Razé Epilé a	1.200$00

50 % a baixo dos preços normais, como podem fácilmente comprovar. Rua das Gáveas, 6, 3.º

(Esquina do Largo do Camões)

ESTORIL

PENSÃO BEIRA-MAR

Única sôbre o mar

Almoços e jantares a 15.00

Moradia no Estoril

Vende-se luxuosamente mobilada, modernissima 18 divisões, chaufage, 3 casas de banho, garagem, jardim, etc. Trata J. N. Rua de S. Julião, 41, 2.º, esq. Telef. 28919.